



Pedro Guimarães de Barros

O humor na era da Internet

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro
Abril de 2013



Pedro Guimarães de Barros

O humor na era da Internet

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora a baixo assinada.

Profa. Ana Maria Nicolaci da Costa
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Denise Berruezo Portinari
Departamento de Artes de Design – PUC- Rio

Prof. Leonardo Marques de Abreu
Comunicação Social - ESPM

Profa. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 01 de abril de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Pedro Guimarães de Barros

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em 2011, tendo se dedicado durante três e meio a atividades de iniciação científica, participando de pesquisas sobre Tecnologias e Subjetividade. Ainda na graduação, cursou disciplinas do Domínio Adicional de Tecnologias e Mídias Digitais oferecidas pela universidade.

Ficha Catalográfica

Barros, Pedro Guimarães de

O humor na era da Internet / Pedro Guimarães de Barros ; orientadora: Ana Maria Nicolai-da-Costa. – 2013.

126 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Humor. 3. Internet. 4. Realidade. 5. Pós-modernidade. 6. Pesquisa qualitativa. I. Nicolai-da-Costa, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Elody, razão do meu sorriso.

Agradecimentos

À Ana, pela orientação presente e eficaz. Pela carinhosa paciência quando esta foi necessária. Por respeitar meu ritmo de produção, por confiar no meu trabalho e por exigir sempre o melhor.

Aos companheiros de jornada: Mari, Betty, Raphael, Erika e Bel. Por tornarem a caminhada acadêmica mais saborosa. Por partilharem dicas, sorrisos e angústias. À Bel, especialmente, por ter dividido comigo os sofrimentos da reta final.

Ao professor Fernando Tenório, grande mestre na minha formação, pelo privilégio do estágio docência sob sua supervisão. Pelo convite, pela confiança e pelo exemplo na arte de ensinar.

Aos funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, especialmente à Marcelina e ao Chico, pela alegre prontidão e pelos muitos galhos quebrados.

À PUC-Rio e à CAPES, pelos auxílios concedidos, fundamentais à realização deste trabalho.

Aos professores Denise Portinari e Leonardo Marques de Abreu, pela pronta aceitação para avaliarem este trabalho.

Aos meus pais, Sidinho e Verônica, por me incentivarem sempre a crescer e por me amarem tanto. Aos meus irmãos, João e Maria, pelos abraços, risadas e conquistas. Aos quatro, por respeitarem meu silêncio introspectivo e minhas respostas reticentes nos momentos mais difíceis.

Aos Guimarães e aos Barros, de todas as gerações, por me permitirem experimentar o humor como algo familiar.

Ao Matheus e à Bel, primos queridos, pelas conversas, pelo apoio e pelas orações, sempre.

À Elody e à Natália Maeda, pela gentil ajuda com o abstract.

À Carla, pela amizade duradoura.

Aos meus preciosos amigos: Rodrigo, Lorena, Daniel, Buanna, Anderson, Thauan e Leandro; parceiros de todas as horas. Pelo ombro amigo e o joelho intercessor. Pelo apoio incansável e pelas orações indispensáveis.

À minha amada Elody, meu doce presente, pela dedicação exemplar e pelos olhos brilhando. Pelo carinho sincero e pelas palavras de afirmação. Pelos sonhos partilhados e pela disciplina para realizá-los. Pelo amor, enfim.

E, sobretudo, a Deus. Pela força na minha fraqueza, pela paz em meio ao desespero, pela suave e bem-vinda inspiração. Pelas pessoas que colocou no meu caminho. Pelo dom de sorrir. E pelos bem-humorados propósitos.

Resumo

Barros, Pedro Guimarães de; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. **O humor na era da Internet**. Rio de Janeiro, 2013. 126 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nas últimas décadas, temos presenciado um acelerado desenvolvimento tecnológico que vem causando um impacto significativo em nosso mundo. Nesse contexto, a Internet promoveu uma notável revolução social, transformando radicalmente nossa realidade. Na web, encontramos uma nova plataforma de vida, onde nossas vivências cotidianas ganham novas dimensões, novos sentidos e novas proporções. Este trabalho destaca uma dessas experiências corriqueiras, o humor, e procura explorá-la através do discurso de jovens brasileiros usuários da Internet. Para tanto, apresenta inicialmente uma breve discussão da literatura sobre o humor e sobre o cenário contemporâneo. As ideias discutidas apontam para o componente social do humor, e indicam ainda que este estabelece importantes relações com a realidade. Após a discussão teórica, é apresentada uma pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas com 13 jovens que acessam conteúdo humorístico on-line. A análise de seus depoimentos revela vários aspectos de sua rotina virtual, com destaque para o amplo uso da rede social Facebook para diferentes fins. Além disso, ficam evidentes também as características do humor veiculado na Internet. Entre elas, destacam-se a facilidade de acesso, a rapidez, a inovação, a liberdade de expressão e o caráter democrático (“qualquer um pode fazer”). Por fim, a pesquisa revela ainda que no cenário atual o humor serve, entre outras coisas, como válvula de escape, como instrumento de crítica e de socialização.

Palavras-chave

Humor; Internet; realidade; pós-modernidade; pesquisa qualitativa.

Abstract

Barros, Pedro Guimarães de; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria (Advisor). **Humor in the age of Internet**. Rio de Janeiro, 2013. 126 p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Over the last few decades, we have seen an accelerated technological development that has been causing a significant impact in our world. In this context, the Internet has promoted a remarkable social revolution, radically transforming our reality. On the web, we find a new life platform, where our daily experiences end up reaching new dimensions, new meanings and new proportions. The present work highlights one of these daily experiences – the humor – and aims to explore it through the discourses of young Brazilian Internet users. In order to achieve this goal, this work initially presents a brief literature discussion about humor and the contemporary scenario. The ideas discussed point to the social component of humor, and indicate that humor has important connections with reality. Then it is presented a field research held through interviews with 13 young people who access on-line humor content. The analysis of their testimonials reveals several aspects of their virtual routine, specially the large use of the Facebook social network for different purposes. Besides, it also highlights some features of the humor that is posted on the Internet. Among them, the easiness of access, the speed, the innovation, the freedom of expression and the democratic character (“anyone can do”) stand out. Finally, the research shows that in the actual scenario the humor serves, among other functions, as an escape valve and as an instrument of criticism and socialization.

Key-words

Humor; Internet; reality; post modernity; qualitative research.

Sumário

1	Introdução	13
2	Breve Revisão Teórica	18
2.1.	Freud: os chistes e o humor	19
2.2.	Bergson: o riso e a significação do cômico	23
2.3.	Raskin: mecanismos semânticos do humor	27
2.4.	O fenômeno humorístico como fato social	30
2.4.1.	Durkheim e o fato social	32
2.4.2.	Humor e realidade: construções sociais	37
3	O humor e a nossa realidade	42
3.1.	Linhas gerais	43
3.2.	Sociedade humorística	46
3.3.	Cotidiano digital	49
4	Apresentando a metodologia utilizada	56
4.1.	Objetivos	58
4.2.	Metodologia	58
4.2.1.	Participantes	61
4.2.2.	Coleta de dados	62
4.2.2.1.	Roteiro	62
4.2.2.2.	As entrevistas	65
4.3.	Análise dos depoimentos	66
5	A vez e a voz dos internautas: resultados da pesquisa	69

5.1. Definição de humor	69
5.2. Fontes de humor	71
5.3. Uso geral da Internet	72
5.4. Facebook	76
5.5. Outras fontes de humor na Internet	78
5.5.1. Troll, memes e as profundezas da Internet	81
5.6. Consumo passivo e consumo ativo	85
5.7. Compartilhamento de conteúdo humorístico	88
5.7.1. Produções de outros	89
5.7.2. Produções próprias	90
5.8. Uso de dispositivos móveis	93
5.9. Características do humor na Internet	94
5.9.1. Facilidade de acesso	95
5.9.2. Rapidez	96
5.9.3. Construção democrática	98
5.9.4. Flexibilidade e inovação	99
5.9.5. Liberdade de expressão (“sem filtro”)	100
5.9.6. Diversificação e dedicação	101
5.9.7. Público-alvo	103
5.9.8. Interatividade	104
5.9.9. Superação das fronteiras	106
5.10. Funções do humor	107
5.10.1. Satisfação de necessidade	107
5.10.2. Válvula de escape	108
5.10.3. Crítica	109
5.10.4. Leveza	109
5.10.5. Perspectiva	110
5.10.6. Sociabilidade	111
5.11. Síntese	112

6 Considerações finais: algumas costuras	113
6.1. A Internet e a dimensão social do humor	113
6.2. Ritmo pós-moderno	115
6.3. Humor e realidade	116
6.4. Lipovetsky, Minois e as funções do humor	117
6.5. Arremate	119
7 Referências bibliográficas	122

O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos.
Provérbios 17:22

1 Introdução

Não há propriamente história; só biografia.

Ralph Waldo Emerson

Com bastante frequência, o percurso de uma pesquisa se confunde com a trajetória do próprio pesquisador. Por essa razão, creio que uma boa maneira de introduzir esta dissertação seja narrando um pouco do caminho trilhado desde o surgimento do interesse no tema até que o presente trabalho se concretizasse. Para isso, voltemos um pouco no tempo.

Em 2007, ainda na graduação (também na PUC-Rio), ingressei no grupo de iniciação científica orientado pela professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa. Naquela ocasião, o grupo estava realizando uma pesquisa que tinha como um dos objetivos compreender o modo como os jovens percebiam e transitavam pelos diferentes espaços físicos e virtuais. A pesquisa foi árdua, mas bastante rica e proveitosa. Para mim, no entanto, o maior proveito não foram os interessantes achados a que chegamos, mas o olhar acurado, imprescindível a um pesquisador, que eu começava a desenvolver em relação à tecnologia e, por extensão, aos fenômenos sociais. Aquela pesquisa durou até o início de 2009.

Quando a pesquisa sobre os espaços estava em sua reta final, começamos a notar que se tornavam cada vez mais frequentes na mídia notícias de jovens que publicavam produções próprias na Internet (textos, músicas, vídeos, etc.) e, por meio dela, conquistavam notório sucesso também fora da rede. Tendo a curiosidade aguçada pelo crescente número de casos em que isso acontecia, iniciamos uma nova pesquisa a fim de investigar as aspirações, expectativas e desejos dos jovens que expunham seu talento *on-line*.

Nas entrevistas para essa segunda pesquisa, perguntávamos sobre os hábitos dos entrevistados quanto ao uso da Internet (que tipo de site costumavam acessar, com que frequência, etc.). Em suas respostas, vários deles mencionaram o acesso regular a conteúdos de humor, ou a “coisas engraçadas”. Essa informação não tinha um papel central naquela pesquisa, que tinha como foco a exposição do talento *on-line*. Mas a frequente menção ao humor chamou bastante a minha atenção.

Paralelamente à participação no grupo de pesquisa, cursei disciplinas eletivas oferecidas pelo Departamento de Psicologia, que mais tarde fariam parte do Domínio Adicional¹ de Tecnologias e Mídias Digitais. Nessas disciplinas, tive a oportunidade de adquirir uma bagagem teórica mais consistente acerca de temas ligados ao cenário contemporâneo (pós-modernidade, novas subjetividades, cotidiano digital, etc.).

Inspirado por essas leituras e curioso acerca da recorrente menção ao humor nas entrevistas, escolhi desenvolver minha monografia da graduação sobre a passagem da modernidade à pós-modernidade a partir das possíveis mudanças no humor. Mas, terminado aquele trabalho, senti que minha curiosidade acerca da temática do humor ainda não estava completamente saciada. Por essa razão, decidi continuar investigando esse tema no mestrado, com um pouco mais de tempo e com novos objetivos. (Agora, ao terminá-lo, percebo que a curiosidade de um pesquisador tende a ser insaciável.)

Ao longo desse percurso da iniciação científica ao mestrado, várias leituras me foram companhia constante. Entre elas, esteve a coletânea *Cabeças digitais* (NICOLACI-DA-COSTA, 2006), que reúne contribuições de pesquisadores de diferentes disciplinas para a compreensão do cotidiano na era da informação

¹ “Os Domínios Adicionais são cursos sequenciais de complementação de estudos, vinculados aos cursos de graduação da PUC-Rio, que visam atender às demandas atuais da sociedade por meio da educação continuada e especializada.

Nestes cursos, é permitido aos alunos cursarem um determinado grupo de disciplinas, de uma outra área de estudo, adicionando conhecimentos de um segundo domínio em sua formação acadêmica.” (Fonte: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/dominios.html>)

(como sugere o próprio subtítulo do livro). Um desses artigos, intitulado “Nós e a Internet” (GONÇALVES, 2006), contém uma interessante proposição à qual recorro aqui para explicar e justificar o propósito desta dissertação:

Se esse uso de raciocínios epocalistas foi interessante num determinado momento do final do século passado, nos parece que é chegado o tempo de se passar a um tipo de análise mais atento aos detalhes e às especificidades. Talvez estejamos excessivamente saturados de generalidades e seja importante descer ao que essas grandes interpretações gerais não conseguem apreender. As épocas são complexas e agora cabe investir na compreensão dessa complexidade. (GONÇALVES, 2006; p. 236)

Seguindo a sugestão de Gonçalves, não me propus, no presente trabalho, a abarcar toda a complexidade das mudanças trazidas pela presença da tecnologia no nosso dia a dia em uma abordagem generalista. Antes, delimito como foco um elemento singular, o humor, para ser explorado mais específica e detalhadamente.

Explicitado o caminho que me trouxe até o tema da dissertação, cabe agora esclarecer a questão que norteou este trabalho. Ainda instigado pelos depoimentos que tinham apontado, na pesquisa de iniciação científica, o humor como parte da rotina virtual dos jovens, a pergunta que serviu de ponto de partida para a dissertação foi: de que estes jovens estão rindo *on-line*? Ou, formulada de outro modo: que humor é esse a que eles se referem?

Antes de descrever como o trabalho foi organizado na tentativa de buscar respostas a essa pergunta básica, considero importante mencionar a linha de raciocínio que serviu como eixo para todo o desenvolvimento do projeto. Esse raciocínio se alinha com as ideias brilhantemente sintetizadas pelo sociólogo alemão Georg Simmel (1903/2005):

(...) de qualquer ponto na superfície da existência, por mais que ele pareça brotar apenas nessa superfície e a partir dela, se pode sondar a profundidade da alma, que todas as exterioridades, mesmo as mais banais, estão ligadas, por fim, mediante linhas de direção, com as decisões últimas sobre o sentido e o estilo da vida. (p. 580)

Simmel, em sua clássica conferência acerca das transformações subjetivas trazidas pelo desenvolvimento das metrópoles na passagem do século XIX para o XX, argumentava que as mudanças visíveis relacionadas à reorganização espacial de sua sociedade implicavam também mudanças de ordem íntima, psicológica. Dadas as proporções das mudanças que temos experimentado nessa nova virada

de século, acredito que o raciocínio de Simmel possa ser aplicado ao nosso contexto.

Por essa razão, como se poderá notar ao longo da dissertação, a fundamentação teórica deste trabalho, que está circunscrito em um programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, não se vale dos autores do campo “psi” como fonte única nem principal. Alinhado com o pensamento de Simmel, creio ser possível explorar os fenômenos psicológicos partindo daquilo que é aparente, ou seja, o macro, o social. Portanto, procurei investigar as temáticas do humor e da tecnologia sob essa ótica.

A primeira etapa na realização da pesquisa consistiu, como recomenda o protocolo acadêmico, em uma investigação teórica. Assim, procurei compreender, a partir da literatura, como o humor poderia ser entendido e abordado em termos conceituais. Essa revisão teórica é apresentada no capítulo a seguir. Nele, explico a dificuldade de pesquisar um tema como o humor, levando em conta a amplitude bibliográfica que o contempla.

Ainda no capítulo de revisão teórica sobre o humor, apresento as ideias de três importantes pensadores que trataram desse assunto: Freud, Bergson e Raskin. Como explico no capítulo, tal escolha não foi aleatória, mas se baseou na presença constante desses autores em trabalhos mais recentes acerca do humor (incluindo teses e dissertações). A partir dessas três propostas teóricas, destaco um elemento que está presente em todas elas: a dimensão social do humor. Na parte final do capítulo, tomo esse elemento para propor uma abordagem do humor como fato social. Explico, então, o conceito de fato social estabelecido por Durkheim. Com base nesse conceito, encerro o capítulo fazendo uma articulação conceitual entre o humor e a realidade.

Dando continuidade à relação entre o humor e a realidade, o capítulo seguinte se propõe a apresentar um panorama do presente cenário social com base na descrição feita por vários analistas da atualidade. Nessa apresentação, destaco dois elementos como marcantes em nossa sociedade: as tecnologias da informação e comunicação e a presença maciça do humor.

Tendo preparado o terreno através das discussões bibliográficas dos capítulos iniciais, no quarto capítulo apresento a metodologia utilizada a fim de responder à questão básica da pesquisa. Nesse capítulo, menciono algumas pesquisas recentes que investigaram o humor na Internet e procuro marcar a distinção entre tais pesquisas e o presente trabalho. Além disso, busco também esclarecer os objetivos em que a pergunta disparadora se desdobrou. Em seguida, descrevo o perfil dos participantes da pesquisa, o instrumento e os procedimentos de coleta de dados e o tratamento aplicado aos dados coletados.

No capítulo 5, apresento os resultados a que cheguei após analisar cuidadosamente os depoimentos dos participantes. Esses resultados abrangem, entre outros pontos, o entendimento que os entrevistados têm do que seja “humor”, as fontes em que costumam encontrar esse humor (tanto na Internet como fora dela), os modos pelos quais o humor é consumido na Internet, as características do humor presente na rede e as funções desempenhadas pelo humor na vida dos participantes. Os resultados estão organizados em categorias para facilitar sua leitura e entendimento.

Depois de apresentar os resultados da pesquisa, teço algumas considerações articulando esses achados com alguns elementos levantados nos capítulos teóricos. Como sugere o subtítulo do capítulo 6 (“algumas costuras”), ele não tem a pretensão de fazer um apanhado ponto a ponto da pesquisa com a teoria. Antes, busca alinhar alguns desses pontos para que as duas partes do trabalho não fiquem soltas uma da outra. Trata-se, portanto, de um esforço de alinhavo.

Finalmente, uma observação de ordem estilística. Certa vez, em uma conversa informal com um doutorando da área de Literatura que desenvolvia sua tese sobre a obra de um poeta brasileiro, o estudante confessou-me que sua maior preocupação era que seu trabalho não tirasse a beleza da poesia. De modo análogo, esforcei-me continuamente para que esta dissertação não soasse árida, a ponto de roubar do humor a sua graça. Desse modo, ao longo de todo o texto que se segue, busquei, tanto quanto o rigor acadêmico me permitiu, tratar o tema de maneira leve.

Boa leitura.

2 Breve Revisão Teórica

A vida é uma tragédia quando vista de perto, mas uma comédia quando vista de longe.

Chaplin

Por séculos, o fenômeno humorístico tem sido objeto da curiosidade de pensadores das mais diversas áreas do saber. Alguns autores que têm procurado revisitar a história do humor (BREMNER; ROODENBUG, 2000; MINOIS, 2003) ou do pensamento sobre humor (JABLONSKI; RANGÉ, 1984; ALBERTI, 2002) já observaram que a produção bibliográfica acerca desse tema é tão vasta quanto os enfoques segundo os quais o tema pode ser tratado (filosófico, linguístico, antropológico, psicológico, biológico, artístico, etc.). Por essa razão, qualquer que seja o viés escolhido para abordá-lo, inevitavelmente, será preciso abrir mão de muitos caminhos ricos e potencialmente frutíferos. Em outras palavras, nenhum estudo sobre o humor será capaz de abrangê-lo em toda a sua complexidade e destrinchá-lo em todas as suas minúcias.

Feita esta ressalva, passo a apresentar três teorias² amplamente reconhecidas quando se trata do humor. Neste capítulo, farei uma breve apresentação de cada uma delas, destacando alguns pontos de interesse para o presente trabalho. É importante ressaltar que não adotarei nenhuma dessas teorias como referencial único. Para justificar esta opção, recorro a um argumento de Victor Raskin (1985), um dos estudiosos cujas ideias serão apresentadas no presente capítulo: “Cada teoria costuma destacar um ou dois aspectos altamente importantes. É razoável supor, portanto, que uma síntese desses aspectos sirva melhor como

² Cada uma das teorias aqui apresentadas de maneira breve e panorâmica certamente contém substância para ser analisada de maneira mais detida e aprofundada. No entanto, tal empreendimento poderia nos desviar do objetivo deste trabalho.

aproximação do que é o humor do que cada teoria tomada separadamente.”³ (p. 30; minha tradução)

No final do capítulo, retomo algumas das ideias revisadas, articulando-as com o ponto de vista que estou adotando nesta pesquisa e justificando a sua relevância. Por ora, fiquemos com as teorias.

2.1.

Freud: os chistes e o humor

Sigmund Freud é, sem dúvida, um dos pensadores de maior influência na nossa cultura. Por essa razão, quando se trata da temática do humor, o pai da psicanálise é uma de nossas fontes inescapáveis, como testemunham diversos trabalhos sobre este assunto (JABLONSKI; RANGÉ, 1984; LINS, 1997; ALBERTI, 2002; HAMLIN, 2007; FERREIRA, 2010). Vale dizer que nenhum destes trabalhos listados está circunscrito ao campo psicanalítico, e somente o primeiro deles foi escrito por psicólogos – o que ratifica a importância das ideias freudianas para diferentes áreas do saber.

Ao longo de sua obra, Freud se debruçou duas vezes sobre a questão do humor. Na primeira delas, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), ele reconhece nos chistes uma espécie de produção muito semelhante àquela encontrada nos sonhos. Como é bem sabido, a análise de sonhos serviu como um dos pilares iniciais da arquitetura teórica freudiana, razão pela qual *A interpretação dos sonhos* (1900/2006) é considerada um marco na construção da psicanálise. Assim, em seu primeiro texto sobre o humor, Freud procura sustentar a existência do inconsciente, e aponta para os chistes como um dos sinais reconhecíveis dessa instância psíquica. Além disso, busca estabelecer uma relação entre a produção do prazer humorístico e a economia de gasto em relação ao sentimento.

³ No original: “Each of these theories usually puts forward a highly prominent feature or two. It is reasonable to suppose then that a synthesis of those features may serve as a better approximation of what humor is than any partial theory taken separately.”

Nessa tentativa, Freud faz uma análise minuciosa de uma série de anedotas (que ele colecionava) a fim de compreender a técnica dos chistes. A partir dessa análise, Freud elenca um variado conjunto de mecanismos que produzem a “graça” dos chistes, agrupando os mecanismos em três categorias: condensação, múltiplo uso do mesmo material e duplo sentido. Todas essas técnicas ressaltam, segundo ele, um mesmo aspecto: há, nos chistes, uma tendência à compressão, ou à economia.

Esses mecanismos explicariam a produção do que ele chama de chistes verbais (aqueles em que a graça está na forma pela qual o pensamento é expresso). Para ilustrar essa espécie de chiste, Freud recorre a um trecho da obra do poeta Heine, em que um de seus personagens (um agente de loteria) se gaba do tratamento que recebeu do rico Barão Rothschild: “E tão certo como Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual – bastante *familionariamente*” (citado por FREUD, 1905/2006; p. 25). Nesse exemplo, a palavra *familionariamente* condensa as ideias de familiar e milionário e, para Freud, a passagem certamente perderia sua graça se o pensamento fosse expresso de outra forma. É por isso que ele o considera um chiste verbal.

Em contraste com os verbais, haveria ainda os chistes conceptuais (ou intelectuais), caso em que a graça se dá propriamente pelo conteúdo do comentário. Essa espécie seria produzida por outras técnicas, tais como: deslocamento, raciocínio falho, absurdo e representação pelo oposto. Creio que não seja de muito proveito descrever em pormenor cada uma dessas técnicas. Mas, apenas para que a ideia dos chistes conceptuais fique mais clara, vejamos um dos muitos exemplos citados por Freud (neste caso, um chiste produzido pela técnica de raciocínio falho):

Um cavalheiro entrou em uma confeitaria e pediu um bolo; logo o devolveu, solicitando em seu lugar um cálice de licor. Bebeu e preparou-se para sair sem tê-lo pago. O proprietário o deteve. “O que você quer?”, perguntou o freguês. – “Você não pagou o licor.” – “Mas eu lhe dei o bolo em troca.” – “Também não pagou por este.” – “Mas eu não o comi.” (FREUD, 1905/2006; p. 65)

O próprio Freud reconhece que, não obstante seu esforço, é impossível mapear todas as técnicas existentes para produzir um chiste. Ainda assim, acredita

que sua análise tenha contemplado os métodos mais comuns e importantes de elaboração chistosa.

Além da separação entre chistes verbais e conceptuais, que se baseia na técnica utilizada, outra interessante distinção que Freud estabelece é entre chistes inocentes e tendenciosos, baseada no propósito do chiste. De acordo com ele, os primeiros (inocentes) seriam aqueles que constituem um fim em si mesmo e não servem a um objetivo específico. Como exemplo de chiste inocente, o próprio Freud cita a frase “Ele não apenas não acredita em fantasmas como ainda não tem medo deles” (p. 93).

Já os chistes tendenciosos corresponderiam àqueles que servem a um fim particular, tendo um alvo a ser atingido (como as piadas racistas ou de conteúdo sexual). Freud ressalta que apenas os chistes tendenciosos correm o risco de enfrentar resistência de eventuais ouvintes. Esses dois tipos de chistes provocam reações diferentes em quem os ouve. Enquanto os inocentes geram um efeito moderado de satisfação, um sorriso breve, os tendenciosos desencadeiam uma explosão do riso, um alívio geral através da descarga.

Ainda em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, há outro aspecto de especial interesse para esta pesquisa. Trata-se do trecho que Freud dedica à observação dos chistes como processo social, buscando encontrar outros motivos, além da obtenção de prazer, para sua difusão. Um dos argumentos centrais desse capítulo do ensaio freudiano é o de que “ninguém se contenta em fazer um chiste apenas para si” (p. 138). Freud sustenta que o processo do chiste não está concluído quando a ideia ocorre a alguém; há um impulso que nos leva a comunicar essa ideia a outra pessoa e, só então, o processo do chiste se completa. Embora a ocorrência ou invenção de um chiste seja fonte inequívoca de prazer, até que o tenhamos passado adiante somos privados daquela gargalhada que se manifesta em outra pessoa ao ouvi-lo.

Comecei esta seção do capítulo mencionando que Freud se deteve duas vezes em sua obra sobre a questão do humor. Até aqui, pincelei algumas das ideias apresentadas na primeira delas. O segundo texto freudiano sobre o humor foi escrito mais de vinte anos depois do primeiro. Nessa ocasião, Freud ampliou o

escopo de suas observações, deixando de se restringir aos chistes e passando a discutir o fenômeno do humor – entendido de maneira mais ampla. Este segundo texto foi produzido como discurso a ser apresentado no X Congresso Psicanalítico Internacional, sendo, portanto, mais conciso que o anterior.

Em *O humor* (1928/2006), Freud discute a gênese da produção do prazer humorístico, explorando suas duas facetas: a do ouvinte (ou receptor) e a do humorista. No que tange ao ouvinte, o autor argumenta que o prazer se dá por uma quebra de expectativa dos impulsos emocionais. Enquanto ouve o relato do humorista, o ouvinte espera que tal relato produza nesse outro determinados afetos, e mesmo se prepara para acompanhar e evocar emoções semelhantes. Quando, por meio de uma pilhéria, essa expectativa emocional é desapontada, há uma economia no gasto de sentimento, que se transforma em prazer humorístico.

Esse processo que acontece no ouvinte é visto por Freud como um eco, uma cópia daquilo que se passa com o humorista. Em ambos os casos, a essência do humor consistiria em “poupar os afetos a que a situação naturalmente daria origem e afastar com uma pilhéria a possibilidade de tais expressões de emoções” (p. 166). Mas, como o prazer do ouvinte é apenas uma reprodução do prazer do humorista, é preciso que a investigação se volte para esta figura a fim de compreender as características do humor.

Freud observa então que, além de seu aspecto liberador (que ele já havia destacado a propósito dos chistes), o humor se caracteriza por uma espécie de grandeza e elevação, representando uma afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. Através do humor, o ego estaria demonstrando que os possíveis traumas do mundo não passam de ocasiões para obter prazer. Isso leva Freud a afirmar que o humor “significa não apenas um triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer” (p. 166).

Outro aspecto destacado por Freud é a posição de superioridade assumida pelo humorista em relação ao objeto ou situação da qual zomba. Freud procura explicar este ponto fazendo uma analogia com o comportamento de um adulto diante dos interesses e sofrimentos de uma criança. Em face desses “problemas”, que parecem tão grandes à criança, o adulto apenas sorri de sua pequenez e trivialidade. De modo semelhante, o humorista, quando faz graça com outra

pessoa, coloca-se numa posição de superioridade, assumindo, simbolicamente, o papel do adulto e reduzindo a pessoa que é alvo de sua piada a uma ingênua criança.

Freud estabelece ainda uma importante distinção entre a elaboração chistosa e a humorística. No caso da primeira, o que estaria em atuação, como vimos anteriormente, seria o inconsciente (daí a proximidade entre os chistes e os sonhos). Já no caso do humor, haveria uma intervenção do superego, que ao invés de atuar como um senhor severo, estaria permitindo ou proporcionando o prazer ao repudiar a realidade e servir a uma ilusão.

Por fim, Freud conclui seu segundo texto a respeito da temática humorística argumentando que o humor constitui um dom raro e precioso, e que muitas pessoas não dispõem nem mesmo da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado. Embora questione o caráter um tanto radical dessa afirmação, reconheço que as características individuais exercem uma influência substancial nos processos de produção e recepção do humor. No entanto, neste trabalho não estou tomando, a priori, essas diferenças individuais como foco.

2.2. Bergson: o riso e a significação do cômico

Outro autor que se destaca entre aqueles que se dedicaram a teorizar sobre o humor é o filósofo Henri Bergson (1900/1983). Em seu trabalho *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, Bergson analisa o humor a partir de uma perspectiva filosófica e sociológica, buscando investigar os processos que produzem a comicidade. Para tanto, ele dá início ao seu ensaio com uma reflexão sobre o riso, pois considera que ao esclarecer o significado do efeito (o riso), é possível chegar ao significado da causa (o cômico).

Dando continuidade a esse raciocínio, Bergson explora, então, três características peculiares ao riso. A primeira delas é seu aspecto humano: para ele, “não há comicidade fora do que é propriamente humano” (p. 12). O segundo traço marcante do riso corresponde ao seu caráter social, isto é, ele costuma ocorrer na presença de duas ou mais pessoas. A terceira característica do riso destacada pelo

autor é a exigência de que somente a inteligência esteja ativa, devendo-se calar a sensibilidade ou as emoções a fim de que o efeito cômico seja completo.

Ao afirmar que o riso é um fenômeno exclusivamente humano, o autor sustenta que não há nada que possamos considerar intrinsecamente cômico quando observamos elementos da natureza (um animal, uma árvore, uma pedra, etc.). Se algo nos faz rir, por exemplo, de um cachorro, certamente é um movimento ou expressão que nos remete ao homem, ou a ideias e sentimentos humanos.

No que diz respeito ao caráter social do riso, Bergson argumenta que “não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco.” (p. 13). Assim, mesmo quando rimos sozinhos, estaríamos dialogando mentalmente, uma vez que o riso implica sempre uma espécie de cumplicidade com outros galhofeiros – ainda que imaginários.

Quanto à ênfase na inteligência, em oposição às emoções, o argumento bergsoniano é o de que não conseguimos rir de uma pessoa ou de uma situação sem que haja entre nós e o objeto do nosso riso certo distanciamento emocional. O riso seria, portanto, um fenômeno insensível, exigindo certa “anestesia momentânea do coração” (p. 13) e destinando-se à inteligência pura. Em resumo, para que algo possa ser alvo de riso, é uma condição necessária (embora não suficiente) que esse algo não me comova.

Seguindo com suas análises, o autor estabelece uma classificação do cômico em três categorias: (1) comicidade das formas e dos movimentos; (2) comicidade de palavras e situações; e (3) comicidade de caráter.

As formas e os movimentos pertenceriam à mesma categoria por terem sua comicidade associada a certa rigidez mecânica. No caso das formas, para Bergson, poderíamos ter o riso provocado, por exemplo, por um rosto disforme. A feiura cômica se distinguiria das demais deformidades por ter o “triste privilégio” de fazer rir. De acordo com ele, quanto mais um rosto sugere a ideia de uma ação simples, mecânica, mais cômico ele se torna. Assim, despertam o nosso riso, por exemplo, rostos que parecem chorar sem parar, ou estar rindo, assoviando ou

soprando um trompete inexistente. (É esse o tipo de comicidade explorado nas caricaturas.)

Já a comicidade dos movimentos se explicaria pela aparência de certo automatismo presente nos gestos, atitudes e movimentos do corpo humano. Isso porque tais movimentos nos levariam a pensar em um mecanismo onde esperaríamos encontrar algo vivo. Bergson ilustra a comicidade dos movimentos nos convidando a imaginar um orador, cujos movimentos do braço ou da cabeça roubam nossa atenção de sua fala. Para ele, isso aconteceria porque o aspecto mecânico de tal movimento o torna risível (justamente por destoar do tipo de movimento vivo e flexível que esperamos dos gestos de uma pessoa).

As palavras e situações comporiam outro grupo. Isso porque, segundo ele, a graça da linguagem não seria mais do que uma projeção, nas palavras, da mesma comicidade encontrada nas ações e situações. Para Bergson, a separação entre situações e palavras é apenas artificial, já que frequentemente o efeito cômico das situações ocorre por meio da linguagem. No entanto, ele explica, existe uma diferença entre a comicidade que a linguagem exprime e a que ela cria. Essa separação se aproxima daquela feita por Freud entre os chistes verbais e os conceituais.

O tipo de comicidade das palavras e situações poderia ser explicado por uma série de processos que facilitam e possibilitam o riso: a repetição, a inversão e a interferência em séries. Vejamos brevemente cada um desses processos.

A repetição corresponde a uma combinação de circunstâncias recorrentes na sua forma original. Desse modo, provoca um contraste com a característica de constante mudança do ser humano. Para Bergson, isto levaria ao confronto de dois termos: de um lado, um sentimento comprimido que se distende como mola e, do outro, uma ideia que se diverte em comprimir de novo o movimento. O exemplo utilizado pelo autor para esse tipo de graça é o do brinquedo infantil que consiste em um boneco preso no interior de uma caixa por uma mola. Para ele, esse brinquedo representa o mesmo tipo de jogo que acontece em uma peça de teatro quando um personagem repete várias vezes a mesma pergunta a ponto de tornar a fala engraçada. Em ambos os casos, haveria uma alternância de compressão e distensão (de uma coisa ou de uma ideia) que causaria o riso.

Outro processo que provoca o riso é a inversão. Neste caso, o que nos faz rir é o choque de expectativas em relação a certa situação. É o que ocorre, por exemplo, quando vemos um vilão tornar-se vítima de sua vilania, um ladrão ser roubado, uma criança ensinar seus pais ou um acusado dar lição de moral ao juiz. Em todos esses exemplos, a graça é provocada pela discrepância entre o que tipicamente esperamos e o que de fato ocorre. No caso das palavras, Bergson utiliza como exemplo um diálogo entre dois vizinhos. Um deles pergunta: “Por que o senhor joga a sujeira do seu cachimbo no meu terraço?”. Ao que o outro responde: “Por que o senhor põe o seu terraço debaixo do meu cachimbo?”. A inversão das palavras na frase, assim como a inversão dos papéis nos exemplos citados acima, seria responsável pelo efeito cômico.

Já a interferência em séries se dá quando uma situação pertence ao mesmo tempo a duas séries de eventos, ou, no caso das palavras, quando uma frase remete a dois sistemas de ideias diferentes. Os exemplos utilizados por Bergson nessa categoria são todos do teatro francês de sua época, e creio que percam um pouco de seu valor didático quando lidos hoje. Mas não é difícil encontrar um exemplo que nos soe mais familiar. Basta lembrar a célebre frase machadiana em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 1881/1994, p. 33). Nesse caso, a graça se dá pela interferência do elemento monetário em uma contagem que, supostamente, seria de tempo. De modo semelhante, sempre que sentidos ou sistemas distintos provocam o equívoco e nos fazem hesitar entre duas interpretações opostas somos levados a rir.

Os três processos apresentados acima (repetição, inversão de papéis e interferência em séries) estão associados à comicidade das palavras e das situações. Mas Bergson acrescenta ainda uma última forma de comicidade, que ele chama de “comicidade de caráter”.

Ao tratar da comicidade de caráter, Bergson começa por explicar que há certos sentimentos, ou estados da alma, como alegrias, tristezas, paixões, vícios, terror e piedade, que são transmitidos de uma alma a outra por ressonâncias afetivas. Mas, para que o cômico seja possível, é preciso, antes de tudo, que a outra pessoa deixe de nos comover. (Esta ideia já fora defendida por Bergson no

início do ensaio, ao falar do caráter insensível do humor.) Com base nessa afirmação, o autor sugere que a comédia começa com um enrijecimento da vida social. Assim, pode ser considerado cômico “quem siga automaticamente seu caminho sem se preocupar em fazer contato com outros” (p. 72).

Tanto as formas de comicidade como os diferentes processos que as produzem parecem apontar para um mesmo aspecto essencial: a mecanização da vida. Em resumo, poderíamos dizer que, para Bergson, a graça está sempre associada a alguma forma de rigidez, ou de automatismo (quer seja corporal, quer seja social, linguístico ou de qualquer outra espécie), que possibilite um contraste com a vivacidade esperada do ser humano.

Por fim, cabe ressaltar ainda dois pontos acerca da teoria bergsoniana do cômico. De acordo com o autor, por se tratar de um fenômeno humano, o riso tem como ambiente natural a sociedade. Portanto, a fim de compreendê-lo, bem como determinar a sua função social, não se pode deixar de considerar o contexto em que ele aparece. O segundo ponto a ser destacado é que, para o autor, o riso cumpriria uma função de castigo. Em uma perspectiva social, o riso causaria à vítima a impressão de penosa humilhação, ao passo que a sociedade, através do riso, estaria aplicando sua vingança sobre aqueles que transgridem suas normas.

2.3.

Raskin: mecanismos semânticos do humor

O terceiro estudioso cujas ideias acerca do humor escolhi explorar neste capítulo de revisão teórica foi o linguista Victor Raskin (1985). Este autor propôs uma teoria para explicar os mecanismos semânticos do humor. Evidentemente, trata-se de uma teoria voltada de forma mais específica para o humor verbal (como também o era a de Freud sobre os chistes). Como citei no início deste capítulo, o próprio Raskin reconhece que nenhuma teoria sobre o humor é capaz de abrangê-lo em sua totalidade. Por essa razão, no epílogo de seu trabalho, *Semantic Mechanisms of Humor*, o autor admite que nem todos os tipos de humor puderam ser contemplados em sua análise – o que não tira seu mérito.

Raskin estabelece duas condições essenciais para que uma história possa ser considerada engraçada. A primeira delas é que a história deve ser compatível com dois *scripts* diferentes, parcial ou totalmente. A segunda condição é que tais *scripts* devem ser semanticamente opostos, sendo justamente dessa oposição que decorreria o humor. (Trata-se de uma concepção próxima daquela apresentada por Bergson acerca da comicidade de palavras e situações através do processo de interferência de séries.)

Para compreender esta ideia, é preciso esclarecer o que são esses *scripts* de que fala o autor. De acordo com ele, os *scripts* correspondem a estruturas ou esquemas cognitivos internalizados que utilizamos para organizar e dar sentido ao mundo à nossa volta. Assim, à medida que passamos por diferentes situações ao longo da vida, estas vão sendo interpretadas com base nesses *scripts*. De modo semelhante, os gestos, atitudes, emoções e expressões com que nos deparamos são sempre associados a feixes de informações que já estão armazenados e organizados em nossa mente.

Seguindo seu raciocínio, Raskin nos explica que, ao ouvirmos uma história compatível com mais de um *script* (ou seja, ambígua), buscamos interpretá-la na tentativa de eliminar a ambiguidade e definir qual *script* está sendo evocado. Assim, diante de uma mensagem ambígua, o receptor (seja ele ouvinte, leitor, espectador etc.) procura um indício (uma palavra, expressão, entonação) que sirva como pista para indicar qual o *script* mais apropriado àquele contexto. O efeito humorístico surgiria justamente quando nos damos conta de que o *script* que deve ser adotado é o oposto daquele que de fato esperávamos.

Entre os exemplos utilizados por Raskin para exemplificar sua proposição teórica da construção do humor, ele apresenta a seguinte frase: “A primeira coisa com que um estrangeiro se choca em Nova Iorque é um grande carro”⁴ (RASKIN, 1985, p. 26; minha tradução). Nesse exemplo, o efeito humorístico é possibilitado pela ambiguidade do verbo chocar (que pode ter tanto o sentido de impressionar quanto o de atingir, bater).

⁴ No original: “The first thing wich strikes a stranger in New York is a big car”.

A respeito dessa oposição entre *scripts*, Raskin esclarece que nem toda oposição se constitui como uma negação óbvia do outro *script*. Há casos em que a oposição é menos evidente, embora ainda seja facilmente captada e entendida pelo senso comum (bastando para tanto uma pequena paráfrase). E existem ainda algumas oposições que só podem ser concebidas como tais dentro do contexto específico da história ou do discurso em que aparecem. A essas últimas o autor denomina “antonímias locais”.

Ressaltando que “como em qualquer classificação importante, há casos claramente delimitados e casos marginais” (p. 112), Raskin propõe, analisando um grande número de piadas, que existem três tipos básicos de oposição: situação existente x inexistente; situação normal x anormal; e situação possível x impossível. De certo modo, esses três tipos de oposição derivariam da dicotomia real x ideal. Partindo das três oposições básicas, Raskin lembra que há várias outras dicotomias que podem ser consideradas essenciais à vida do homem: bom x ruim; vida x morte; obsceno x não obsceno; monetário x não monetário (ou muito dinheiro x pouco dinheiro).

Como mencionado anteriormente, na construção do humor, essas oposições podem estar evidentes, sendo evocadas “automaticamente”, ou podem estar implícitas, cifradas. Neste caso, a graça aconteceria por alusão a outro conteúdo (frase, situação etc.) e estaria condicionada a determinado referencial cultural compartilhado – razão pela qual frequentemente uma piada só é engraçada para um grupo restrito de pessoas.

Outro aspecto importante da proposta teórica de Raskin, além do semântico (oposição de *scripts*), é aquilo que ele chama de caráter pragmático do humor, isto é, a alternância entre modos distintos de comunicação. Para que determinado discurso se torne humorístico, é preciso que passemos de um modo *bona fide* de comunicação (um modo que tem o propósito de veicular alguma informação para o ouvinte, sendo portanto sério e honesto) para um modo *não bona fide* (em que não há um compromisso com a verdade das informações veiculadas nem com sua clareza, sendo seu objetivo “apenas” causar um efeito especial no receptor).

Relacionando o aspecto pragmático do humor com sua explicação semântica, Raskin esclarece que, no caso das piadas, cujo efeito especial que se

busca é o riso, o primeiro *script* deve pertencer ao modo *bona fide*, enquanto o segundo, ao modo *não bona fide*. É esta duplicidade que permite distinguir a linguagem humorística daquela presente na mentira e na encenação (que também constituem modos *não bona fide* de comunicação).

Por fim, Raskin propõe uma classificação do humor em três tipos: sexual, étnico e político. Nos três casos, segundo o autor, pode-se observar a presença da técnica de oposição de *scripts*. Retomando algumas das dicotomias já mencionadas, ele sugere que piadas sexuais são construídas com base na oposição sexual x não sexual. Já as étnicas, por sua vez, se baseiam na oposição possível x impossível e evocam *scripts* de distorção da linguagem, de estupidez, de mesquinhez etc. E, finalmente, aquelas de humor político fazem oposição entre o que se supõe ser e o que na verdade é.

2.4.

O fenômeno humorístico como fato social

Até aqui, apresentei as teorias de Freud, Bergson e Raskin acerca do humor. Esta escolha não foi aleatória. Além de levar em conta a notável presença de tais nomes em outros trabalhos mais recentes que versam sobre o mesmo tema (JABLONSKI; RANGÉ, 1984; LINS, 1997; ALBERTI, 2002; KUPERMANN, 2003; HAMLIN, 2007; STALLONE, 2009; FERREIRA, 2010), considerei importante lançar mão de pensadores de áreas diferentes, uma vez que o humor é um tema complexo e inesgotável – como qualquer outro fenômeno humano.

Tendo apresentando estas três propostas teóricas, não pretendo agora articulá-las como um todo coerente. Lançar mão de tijolos que fazem parte de arquiteturas conceituais distintas e tentar erguer com eles uma nova construção seria o mesmo, em certo sentido, que utilizar peças de quebra-cabeças diferentes na tentativa de compor uma nova imagem. As peças poderiam até se encaixar, no fim das contas, mas creio que o resultado ficaria demasiadamente artificial. Também não é meu intuito averiguar qual das propostas teóricas se mostra mais compatível e adequada à compreensão do humor na atualidade.

O que pretendo ressaltar aqui são dois aspectos que considero fundamentais a partir dessa revisão teórica. O primeiro deles diz respeito a um elemento que parece estar presente, direta ou indiretamente, e com mais ou menos ênfase, nas três teorias. Trata-se daquilo que o humor tem de social. Freud, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), fala sobre um impulso de compartilhamento, destacando que o processo de obtenção de prazer através dos chistes também depende, em grande medida, de sua socialização. Já em *O humor* (1928), ele analisa o processo de eco que se dá entre o humorista e o ouvinte, apontando novamente para a necessidade da presença de mais de uma pessoa para que o fenômeno humorístico se complete.

Bergson (1900) é ainda mais enfático a esse respeito. Como vimos, este autor reconhece no riso (e, por conseguinte, no humor) um fenômeno exclusivamente humano, que tem como uma de suas características essenciais a necessidade de eco, isto é, a necessidade de participação de mais de um sujeito para que o fenômeno ocorra. Bergson argumenta ainda que o humor se dá em um ambiente específico, que é a sociedade, e não pode ser entendido fora desse contexto.

Por fim, Raskin (1985) menciona que a oposição de *scripts* (que produz a graça de uma piada) está frequentemente condicionada a determinado referencial cultural compartilhado. Nesses casos, o humor só pode ser captado ou usufruído por aqueles que tiveram acesso a um mesmo acervo de conhecimentos, informações, saberes, histórias, etc. Ou seja, o humor está intimamente relacionado ao contexto social em que aparece – o que já havia sido explicitado com mais clareza por Bergson.

Sob diferentes ângulos, fica claro que o humor tem uma dimensão social que não pode ser ignorada. Pelo contrário, em grande medida, a realidade ou o contexto social é justamente aquilo que produz e define o que é o humor, ou o que nos faz rir. A dimensão social desempenha, portanto, um papel fundamental na produção, na recepção e na circulação daquilo que nos faz rir. É justamente esta dimensão que será o nosso ponto de partida no desenvolvimento de todo o restante do trabalho.

Com base nisso, somos levados a destacar o segundo ponto, que é o tipo de abordagem que estou propondo a partir dessa literatura. Minha proposta de abordagem é que o fenômeno humorístico seja encarado e explorado como um *fato social* – no sentido que Durkheim dá a este termo. Para tornar mais clara esta perspectiva, creio que seja necessário voltar nosso olhar por um instante para o conceito durkheimiano de fato social e explicar por que o humor pode ser assim considerado. Em seguida, acrescentarei ainda um segundo aspecto importante à minha tentativa de conceituação. Seguindo a mesma linha de raciocínio, procurarei delinear as relações que podem ser estabelecidas entre o humor e a realidade, argumentando que ambos correspondem a construções sociais.

2.4.1. Durkheim e o fato social

Em seu texto intitulado *O que é fato social?*, Émile Durkheim (1894/1987), procura chegar a uma definição clara e bem delimitada do que são os fatos sociais. Este conceito não só tornou-se um dos pilares do pensamento durkheimiano e de seu método sociológico, como também trouxe uma grande contribuição para a consolidação das ciências sociais como um campo legítimo de investigação.

Em sua argumentação, buscando demarcar os fenômenos que competem mais especificamente às ciências sociais, Durkheim afirma que existem certas maneiras de agir, de pensar, de sentir e mesmo de ser que “apresentam a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais” (p. 47). Tais maneiras, segundo o autor, seriam dotadas de um poder imperativo e coercitivo sobre os indivíduos de determinada sociedade. Consistindo em ações e representações exteriores às consciências individuais, essas maneiras não se confundiriam com outros fenômenos de ordem orgânica ou psíquica (mesmo aqueles que têm, de maneira genérica ou indireta, algum interesse social). Daí a designação desses fenômenos como sociais, já que, como explica Durkheim: “não tendo por substrato o indivíduo, não podem possuir outro que não seja a sociedade” (p. 3).

Dando sequência à sua argumentação, Durkheim procura mostrar que o que torna sociais determinados fatos não é a ocorrência de fenômenos semelhantes repetidos em vários indivíduos. Pelo contrário, se tal repetição ocorre é justamente porque há algo maior, um estado de grupo, que se impõe a eles. Nas palavras do autor: “Está bem longe de existir no todo porque existe nas partes, mas ao contrário existe nas partes porque existe no todo” (p 7).

Para dar mais consistência ao seu ponto de vista, o autor procura explicá-lo através de exemplos. Assim, afirma que as normas de conduta, os dogmas religiosos, os sistemas financeiros e as práticas de determinada profissão têm sua existência na sociedade independentemente dos usos particulares que cada indivíduo possa fazer deles. Trata-se, portanto, de algo que existe antes ou para além dos indivíduos.

Outro exemplo que pode tornar este conceito ainda mais claro é a língua. Nicolaci-da-Costa (2009), partindo dos estudos de Durkheim (1894/1987) e da consagrada linguística de Saussure (1916/2004), nos mostra que, por seu caráter eminentemente coletivo, exterior aos indivíduos e coercitivo, a língua constitui um fato social. A autora explica:

“qualquer língua natural está sempre intimamente vinculada aos aspectos constituintes da sociedade na qual é falada em um determinado período de tempo: às suas estruturas e instituições, à sua visão de mundo, aos seus valores, aos seus costumes etc.” (NICOLACI-DA-COSTA, 2009, p. 109)

O próprio Saussure (1916/2004), para sustentar que a língua tem um poder de imposição sobre os indivíduos muito maior que qualquer outra instituição social, argumenta: “A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas. A língua forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação.” (p. 88).

Voltemos a Durkheim (1894/1987). Partindo da observação de vários desses fenômenos (a língua, o sistema monetário, as práticas seguidas na profissão, os dogmas religiosos, etc.), ele chega a duas proposições de conceito. Na primeira delas, o autor aponta como aspecto distintivo dos fatos sociais o poder de coerção externa exercido ou suscetível de exercer sobre os indivíduos. (Esta coerção pode

não se fazer sentir ou ser muito pouco sentida quando nos conformamos com ela.) Na segunda definição, Durkheim destaca como elemento constitutivo do fato social sua ampla difusão no interior de determinado grupo, sendo ainda característica essencial a independência das formas individuais que toma ao se difundir.

Como o próprio Durkheim reconhece, os critérios de sua segunda definição são mais fáceis de aplicar do que aqueles da primeira. Isso ocorre porque o caráter coercitivo (presente na primeira definição) do fato social só pode ser percebido com facilidade quando traduzido exteriormente em uma reação direta da sociedade – como se dá com o direito, a moral, as crenças e usos. Nos muitos casos em que a coerção é exercida de maneira mais sutil, indireta, a ampla difusão torna-se mais facilmente notável como característica definidora do fato social.

Apesar dessa pequena distinção, Durkheim (1894/1987) considera que suas duas proposições representam apenas faces diferentes da mesma moeda. Finalmente, sintetiza assim o seu conceito:

“é fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter” (p. 11).

Acerca da coerção presente nos fatos sociais, Durkheim, como vimos, esclarece que ela nem sempre se dá de maneira violenta, embora nem por isso deixe de existir. Para ilustrar o que poderia ser esse tipo de coerção não violenta, o autor discorre sobre o modo como nos vestimos e as consequências de não acompanharmos os usos seguidos em nosso país e em nossa classe. De acordo com ele, embora possamos optar por não seguir os usos que são esperados de nós, se o fizermos, receberemos como contrapartida o afastamento dos outros e mesmo seu riso zombeteiro⁵. Essas reações representariam modos indiretos, embora igualmente eficazes, de coerção. De modo análogo, o uso do idioma falado no

⁵ Como vimos no item 2.2, Bergson (1900/1983) também reconhece no riso uma forma de punição imposta pela sociedade a um indivíduo que destoe daquilo que se espera dele.

meu país ou da moeda vigente se apresenta como algo que não posso evitar, constituindo, portanto, fatos sociais.

Com base na definição e nos exemplos apresentados pelo autor, creio que o fenômeno do humor também pode ser considerado um fato social. Se optarmos por assumir a coerção como critério para definir um fato social, é possível conceber o humor como um fenômeno dessa espécie. É bem verdade que, à primeira leitura, parece difícil reconhecer em algo que nos faz rir um caráter coercitivo, de imposição. No entanto, o fenômeno humorístico parece conter em si algo de inevitável, que nos cerca e, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra, acaba nos invadindo e transbordando através do riso. É nesse sentido que acredito que o humor tenha também um aspecto impositivo.

Mas, mesmo que possamos fazer objeções à designação do humor como fato social com base na primeira definição de Durkheim, a segunda não nos deixa muitas dúvidas. Se tomarmos como critério a ampla difusão em determinado grupo, fica claro que o humor constitui, sim, um fato social. Desde suas formas mais simples, manifestadas em gracejos, trocadilhos e anedotas restritos a um círculo mais íntimo, até suas produções mais elaboradas que recorrem a veículos de comunicação para atingir um público mais vasto, não é difícil notar a presença marcante do humor em nossa sociedade, ocupando um lugar importante. Trata-se, sem dúvida, de um fenômeno que se alinha com a descrição feita por Durkheim de fato social, uma vez que sua existência parece ser não apenas maior, como independente de suas manifestações individuais.

Antes de dar continuidade à minha tentativa de conceituação do humor, cabe observar aqui uma advertência interessante que Durkheim (1894/1987) faz àqueles que se propõem a estudar determinado fato social. Embora não esteja adotando seu método, julgo importante partilharmos os mesmos princípios. Para Durkheim, ao estudarmos os fenômenos sociais que nos cercam, no meio dos quais vivemos, não podemos conhecê-los, no sentido científico do termo. É preciso, antes de tudo, nos despojarmos dos preconceitos e noções prévias e buscar reduzir a proximidade do objeto que nos leva geralmente a ideias vagas e confusas sobre ele.

De fato, nós, autor e leitores desta dissertação, somos participantes (pelo menos potencialmente) do fenômeno humorístico no contexto em que vivemos. Assim, acatando a recomendação durkheimiana, se pretendemos estudar um fato social, é preciso buscarmos algum afastamento em relação ao nosso objeto de estudo, esforçando-nos, tanto quanto possível, para tratá-los como fatos físicos exteriores a nós. Também por essa razão, a metodologia escolhida para levar a cabo nossa investigação sobre o humor se baseia fundamentalmente no discurso dos entrevistados sobre o tema. Essa metodologia será apresentada mais detalhadamente em um capítulo posterior. Por ora, basta dizer que considero essa escolha metodológica afinada com a perspectiva que estou adotando e com a recomendação durkheimiana de buscarmos algum afastamento do objeto de estudo. Creio que, baseando nossas análises nos depoimentos de outros indivíduos, reduzimos significativamente o risco de cair na tentação de fazer um estudo fortemente contaminado por nossas próprias opiniões e impressões.

Esse tratamento metodológico que daremos ao humor é justamente o que diferencia o presente trabalho daqueles que explorei no início deste capítulo (Bergson, Freud e Raskin). De certo modo, as três abordagens teóricas analisadas buscavam compreender o fenômeno do humor tomando como principal objeto de estudo o conteúdo que nos faz rir (os chistes, formas, movimentos, palavras, situações, piadas, etc.). Ainda que tal perspectiva seja bastante esclarecedora e tenha nos apontado vários elementos essenciais à compreensão do fenômeno humorístico, ela se baseia fundamentalmente na observação, arguta e criteriosa, dos autores.

O trabalho atual se propõe a desenvolver uma abordagem diferente. Ao invés de buscar mapear e analisar minuciosamente os conteúdos que nos provocam o riso na era da Internet, procurarei dar voz aos sujeitos que riem. Será com base em seus discursos que os aspectos possivelmente distintivos do humor contemporâneo poderão ser delineados. (Isto será pormenorizado no capítulo em que tratarei da metodologia adotada.)

2.4.2. Humor e realidade: construções sociais

Tendo visto por que o humor pode ser abordado como um fato social e os cuidados a serem tomados em tal abordagem, sigamos com nossa tentativa de conceituação. Uma das definições mais simples e menos controversas para a palavra humor pode ser encontrada entre as acepções apresentadas pelo dicionário⁶: “expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade”. Mesmo essa formulação um tanto simplória já nos indica que o humor estabelece algum tipo de relação com a realidade. Portanto, se queremos chegar a uma compreensão mais clara acerca do humor, uma boa alternativa pode ser começarmos por explorar a concepção da realidade.

A este respeito, proponho-me a seguir aqui a ideia de que a nossa realidade é socialmente construída – ideia esta consistentemente defendida por Berger & Luckmann (1966/2002). Já na introdução de seu trabalho, os autores apresentam uma definição que, sem dúvida, nos remete ao conceito durkheimiano de fato social. Berger & Luckmann (1966/2002) definem a realidade como “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição” (p. 11).

Ainda de acordo com estes autores, aquilo que admitimos como sendo *a* realidade consiste na realidade de nossa vida cotidiana. Apesar da possibilidade de ser questionada, essa realidade é geralmente aceita e experimentada como real. Nas palavras dos próprios autores:

A realidade da vida cotidiana é admitida como sendo *a* realidade. (...) Embora seja capaz de empenhar-me em dúvida a respeito da realidade dela, sou obrigado a suspender esta dúvida ao existir rotineiramente na vida cotidiana. Esta suspensão da dúvida é tão firme que para abandoná-la, como poderia desejar fazer por exemplo na contemplação teórica ou religiosa, tenho de realizar uma extrema transição. O mundo da vida cotidiana proclama-se a si mesmo e quando quero contestar essa proclamação tenho de fazer um deliberado esforço, nada fácil. A transição da atitude natural para a atitude teórica do filósofo ou do cientista ilustra este ponto. (BERGER & LUCKMANN, 1966/2002, pp. 40-41)

⁶ DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, 2001.

Seguindo sua linha de raciocínio, Berger & Luckmann observam que, embora rotineiramente a nossa realidade cotidiana seja experimentada como a realidade por excelência, frequentemente nos deparamos com diferentes objetos que não fazem parte dessa nossa experiência imediata. Esses objetos são por nós percebidos como constituintes de diferentes esferas da realidade, que encaramos com níveis diferentes de tensão e atenção. Assim, nossa consciência pode transitar por diferentes esferas da realidade, percebendo que o mundo é composto por múltiplas realidades.

A fim de ilustrar o que poderiam ser essas outras esferas de realidade, os autores apontam como exemplos a realidade dos sonhos e aquela do pensamento teórico. Tais realidades representam, segundo eles, campos finitos de significação, ou seja, enclaves dentro da realidade principal caracterizados por significados e modos de experiência delimitados. Essas outras realidades são cercadas por todos os lados pela realidade dominante da vida cotidiana, à qual nossa consciência é sempre trazida de volta “como se voltasse de uma excursão” (p. 43).

Outro exemplo que torna ainda mais claro esse processo de “comutação” entre diferentes realidades é a alternância entre o mundo da vida cotidiana e o mundo do jogo, que pode ser observada na atividade lúdica do teatro. O levantamento dos panos marca a passagem para um outro mundo, com significados e ordem próprios que, embora possam ter alguma relação com a ordem e os significados da vida cotidiana, não estão inteiramente submetidos a eles. Ao fim do espetáculo, quando os panos descem, ocorre um retorno à realidade predominante da vida cotidiana, fazendo com que a realidade apresentada no palco nos pareça agora tênue e efêmera. Berger & Luckmann observam ainda que, uma vez que a arte e a religião produzem ricamente seus próprios campos de significação, as experiências estética e religiosa são prolíficas em transições dessa espécie.

Evidentemente, a transição entre diferentes esferas de realidade nem sempre se dá de forma tão claramente marcada como acontece no exemplo do teatro. Muitas vezes, essa mudança de realidades se dá de maneira rápida e sem marcos visíveis. Por essa razão, e com base na série de exemplos apresentada pelos

autores, creio que não seja equivocado considerar que o humor possibilita um modo semelhante de relação com a realidade. Ou seja, o humor nos permite criar uma esfera particular de realidade, com suas próprias regras e seus próprios significados. Essa esfera humorística da realidade pode estar relacionada à realidade da vida cotidiana, mas tal relação se dá, para usar a expressão presente na definição do dicionário, de maneira engenhosa. Em outras palavras, poderíamos entender o humor como uma “licença poética” à realidade da vida cotidiana⁷. De fato, esta ideia parece estar afinada com o pensamento dos autores que, em outro ponto de seu texto, comentam:

Em certas atitudes destacadas da realidade cotidiana – contar uma piada no teatro ou na igreja ou empenhar-me numa especulação filosófica – posso talvez pôr em dúvida alguns elementos dela. Mas estas dúvidas ‘não são para ser levadas a sério’. (...) Tendo rido, tendo sido movido e filosofado, retorno ao mundo ‘sério’ dos negócios, reconheço uma vez mais a lógica das máximas que lhe dizem respeito e atuo de acordo com elas. (p. 65)

Antes de darmos continuidade à exploração do humor e sua relação com a realidade, é importante destacar dois aspectos acerca do pensamento de Berger & Luckmann. Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que, para esses autores, a realidade da vida cotidiana deve ser entendida como um mundo intersubjetivo, isto é, trata-se de um mundo que é partilhado com outros homens. Embora cada um de nós tenha uma perspectiva desse mundo que não é idêntica à dos demais, todos nós o experimentamos como real. Este ponto é fundamental para o nosso entendimento do humor, já que, para poder constituir uma esfera de realidade que pode estar relacionada à realidade da vida cotidiana, o humor precisa ser compartilhado.

Como vimos anteriormente, essa necessidade de compartilhamento do humor já foi objeto das análises de Freud (1905/2006). Ao abordar os chistes em seu aspecto social, ele descreve o impulso que temos de passar adiante uma ideia

⁷ Como vimos anteriormente, Freud (1928/2006) aponta para o humor como uma afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. Nesse sentido, ele utiliza outros termos para ressaltar o mesmo aspecto que estamos explorando aqui. De acordo com ele, através do humor, “o ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer.” (p. 165)

engraçada como etapa fundamental do processo do chiste. É somente quando contamos a piada que o processo está concluído.

Voltando às ideias de Berger & Luckmann, o segundo aspecto que merece destaque é o “veículo” que nos permite transitar pelas diferentes esferas da realidade e que, de certo modo, é também a matéria prima que nos possibilita construí-las: a linguagem. Para Berger & Luckmann, a vida cotidiana só pode ser entendida como a vida com a linguagem. É esta que nos permite transpor o “aqui e agora”, estabelecer pontes entre diferentes zonas da realidade e integrá-las em uma totalidade dotada de sentido. Para tentar tornar essa ideia mais compreensível, acompanhemos como ela é explicada pelos próprios autores:

“(…) a linguagem é capaz de transcender completamente a realidade da vida cotidiana. Pode referir-se a experiências pertencentes a áreas limitadas de significação e abarcar esferas da realidade separadas. Por exemplo, posso interpretar ‘o significado’ de um sonho integrando-o linguisticamente na ordem da vida cotidiana. Esta integração transpõe a distinta realidade do sonho para a realidade da vida cotidiana, tornando-a um enclave dentro desta última. O sonho fica agora dotado de sentido em termos da realidade da vida cotidiana em vez de ser entendido em termos de sua própria realidade particular. Os enclaves produzidos por esta transposição pertencem em certo sentido a ambas as esferas da realidade. Estão ‘localizados’ em uma realidade mas ‘referem-se’ a outra.” (p. 60)

Como podemos ver, embora existam esferas distintas de realidade, tais esferas, por meio da linguagem, podem ser interligadas de modo que ao transitarmos de uma para outra nos situemos “com um pé em cada realidade”. Esse ponto de vista nos permite compreender, no que diz respeito ao humor, que embora ele constitua uma realidade à parte, esta não pode ser desconectada da realidade predominante, aquela da vida cotidiana que, por sua vez, não pode ser concebida sem linguagem. Assim, o humor pode ser também entendido como um fenômeno tipicamente linguístico, pois, mesmo uma imagem ou cena que prescindia de palavras explicitadas verbalmente para ser engraçada, é grandemente carregada de referências e significados.

Em resumo, poderíamos dizer, então, que o humor constrói uma realidade própria e que esta realidade humorística, seguindo a lógica e a dinâmica que lhe são peculiares, “joga” ou brinca com as outras realidades, inclusive com a da vida

cotidiana. Essa construção da realidade do humor se dá como um fenômeno intersubjetivo, no qual a linguagem desempenha um papel fundamental.

Tendo percorrido três das principais teorias sobre o humor e apresentado os pilares teóricos da abordagem que estou propondo, gostaria de concluir este capítulo sustentando e defendendo a justificativa e a relevância deste trabalho. Com base no que foi exposto até aqui, creio que o presente estudo se justifique e se distinga não apenas como uma atualização da compreensão acerca do humor, mas também por suas características peculiares. Essas características poderiam ser assim resumidas: (1) do ponto de vista conceitual, estou propondo uma perspectiva cuja ênfase repousa sobre a dimensão social do fenômeno e sua relação com determinado contexto; e (2) metodologicamente, escolhi uma abordagem que privilegia o discurso dos sujeitos como objeto de análise para chegarmos a uma leitura do que poderíamos chamar de “discurso social” sobre o humor.

3

O humor e a nossa realidade

A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.

Marcel Proust

Tendo revisado algumas das teorias concernentes ao humor e compreendido teoricamente a relação que se estabelece entre o humor e a realidade, fica claro que, se pretendemos estudar o humor que é produzido e que circula em nossa sociedade, é necessário analisar algumas das características que marcam a nossa realidade social.

O cenário contemporâneo tem sido objeto de minuciosas análises e discussões por parte de diversos autores, em especial das ciências humanas e sociais. A variedade dos pontos de vista adotados por esses autores fica evidente pela nomenclatura escolhida por cada um deles para descrever o período atual: pós-modernidade (HARVEY, 1989; BAUMAN, 1997), pós-modernismo (JAMESON, 1991; EAGLETON, 1996), modernidade líquida (BAUMAN, 2001), capitalismo tardio (JAMESON, 1991), capitalismo flexível (SENNETT, 1998) etc.

A fim de apresentar um panorama tão claro quanto possível e coerente com a linha de raciocínio que vem sendo desenvolvida até aqui, organizei o presente capítulo em três tópicos. No primeiro deles, denominado linhas gerais, trato daquelas características que a literatura aponta com recorrência para descrever o período de transição do século XX para o século XXI. No segundo e terceiro tópicos, destaco e analiso com mais atenção dois aspectos, também apontados pela literatura, que considero relevantes para este trabalho: a presença maciça do humor e a notória inserção das tecnologias de informação e comunicação, em especial a Internet, na nossa vida cotidiana.

3.1. Linhas gerais

É notável a multiplicidade de autores de diferentes áreas que se dedicam à tarefa de estudar e descrever a contemporaneidade. Como mencionei acima, a diversidade de termos adotados para batizar o atual período denuncia a heterogeneidade de abordagens. Enquanto alguns encaram o conjunto de mudanças que presenciamos como uma ruptura com o período anterior, outros consideram-no um novo estágio da antiga ordem. Além disso, cada autor escolhe enfatizar determinado aspecto (econômico, político, científico, tecnológico, artístico, social etc.) ao empreender suas observações. Apesar de tais diferenças, tomadas em conjunto, as análises desses autores nos revelam uma série de características que nos permite delinear um breve panorama de nossa realidade social. Vejamos algumas delas.

Em primeiro lugar, passamos a viver em um mundo globalizado. Os avanços tecnológicos dos séculos XIX e XX, que proporcionaram o desenvolvimento de novos meios de transporte e de comunicação, fizeram com que as distâncias, as fronteiras e barreiras geográficas deixassem de ser obstáculos ao homem. Neste mundo globalizado, como nos explica Bauman (1999; 2001), a mobilidade tornou-se não apenas possível, mas praticamente imperativa: “a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (1999, p. 8). Essa reorganização geográfica levou o poder a assumir características de descentralização e extraterritorialidade.

Essas mudanças de cunho espacial implicaram transformações também na nossa vivência de tempo. Graças aos recursos tecnológicos que permitem a pronta transmissão da informação, a espera tornou-se algo ultrapassado. Nas palavras de Bauman (2001):

O que leva tantos a falar do ‘fim da história’, da pós-modernidade, da ‘segunda modernidade’ e da ‘sobremodernidade’, ou a articular a intuição de uma mudança radical no arranjo do convívio humano e nas condições sociais sob as quais a política-vida é hoje levada, é o fato de que o longo esforço para acelerar a velocidade do movimento chegou a seu ‘limite natural’. O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico – e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. (pp. 17-18)

O mundo globalizado, portanto, é caracterizado por uma primazia da instantaneidade, por um eterno presente. Esta característica também é discutida detalhadamente por Sennett (1998). Para ele, no mundo em que vivemos, não há mais “longo prazo”. Assim, a linearidade das narrativas de vida que marcava o projeto do homem moderno foi radicalmente fragmentada. Em contraposição à solidez e à clareza possíveis na trajetória de um indivíduo na modernidade, a história do homem pós-moderno só pode ser contada em fragmentos, em pequenos relatos recheados de imprevisibilidade.

Para chegar a essa conclusão, Sennett parte de uma conversa informal com um jovem profissional. Duas décadas antes, o pai desse jovem fora entrevistado por ele para uma pesquisa. Assim, com base no conhecimento que tinha da trajetória do pai e no diálogo com o filho, o autor contrapõe aspectos da modernidade a aspectos da pós-modernidade, traçando um quadro comparativo entre as duas histórias.

No paralelo que Sennett estabelece entre as duas trajetórias, a de Enrico (o pai) é apresentada como linear e cumulativa. Assim, para o próprio Enrico, a sequência dos acontecimentos de sua vida faria sentido e lhe daria um senso de identidade e de respeito próprio. Em contrapartida, a história de Rico (o filho) não tem esse caráter sequencial, sendo-lhe impossível escrever uma trajetória semelhante à do pai.

Outro aspecto que Sennett menciona para diferenciar os percursos de Rico e Enrico é relacionado ao tempo (aspecto que citei anteriormente, referindo-me às análises de Bauman). Enquanto o pai tinha algum controle sobre o tempo (e foi isso que lhe permitiu, com planejamento e disciplina, alcançar certa mobilidade social mesmo sendo imigrante e faxineiro), o filho é absorvido por inúmeras demandas imediatas que o fazem temer perder o domínio do tempo.

Além do controle do tempo, Rico (para Sennett um representante do homem pós-moderno) sofre também outras perdas. De acordo com Sennett, seus laços sociais e seu senso de comunidade estão grandemente enfraquecidos. A frequente mobilidade de Rico e sua esposa afrouxou em grande medida seus vínculos de amizade. Tudo isso culmina em um esgarçamento da identidade pessoal (ou,

como sugere o título do livro de Sennett, na *corrosão do caráter*). Em resumo, Rico, tal como a sua geração, vive emocionalmente à deriva. (É interessante notar que a visão pessimista que Sennett tem do período atual fica evidenciada pela escolha de palavras que ele faz para descrever tal período: medo, deriva, perda, ausência, enfraquecimento, etc.)

Até agora, apresentei algumas características do mundo atual a partir das observações de Bauman (1999; 2001) e Sennett (1998). Tanto um quanto outro, assim como Harvey (1989) e Jameson (1991), levam em conta, em suas análises, a preponderância de uma nova ordem econômica. O modo de produção capitalista ganha novos contornos, especialmente nas últimas décadas do século XX, e passa a estabelecer uma nova lógica global que invade praticamente todos os aspectos de nossa vida.

Nessa nova lógica de funcionamento global, para esses autores, a sociedade é organizada a partir do consumo. Como nos mostra Jameson (1991), o período pós-guerra presenciou um desenvolvimento econômico crucial para a aceleração dos avanços tecnológicos que resultaram no aumento da produção em massa e da velocidade com que essa produção era distribuída. Esta produção, no entanto, já não segue mais um padrão racional e uniforme, como acontecia na modernidade. A flexibilidade torna-se uma característica marcante da produção e os bens e serviços oferecidos ao consumidor são agora personalizados. Para Harvey (1989), a nova lógica de produção é, além de flexível, ágil e suscetível a modificações constantes – o que nos leva a uma intensificação incessante dos níveis de consumo.

Alinhado com Jameson e Harvey, Bauman (1997) decreta, de maneira clara e direta: “Nossa sociedade é uma sociedade de consumo” (p. 87). Ele explica que, embora as criaturas vivas consumam desde tempos imemoriais, o que nos diferencia é a ênfase dada ao consumo. Na sua visão, os membros da sociedade atual são moldados para desempenhar o papel de consumidor.

Por fim, Bauman (2001) defende a ideia de que temos caminhado, desde o período moderno, rumo a um derretimento da ordem, dos valores e das obrigações vigentes até então.

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (p. 12)

Como se vê, segundo Bauman, o mundo atual tende para uma emancipação cada vez maior do indivíduo em detrimento dos interesses coletivos, que passam a ser vistos como dissociados das ações individuais e estão prestes a ser “derretidos”. Esse derretimento das instituições modernas (como a família, a classe e o bairro) coloca o indivíduo como a peça mais importante da história e produz uma versão individualizada e privatizada da modernidade. Desse modo, os padrões de dependência e interação entre as pessoas são liquefeitos, e o peso da responsabilidade por essa mudança recai principalmente sobre os ombros dos indivíduos. (Esse aspecto do individualismo se aproxima de algumas das características apresentadas por Sennett: ausência do senso de comunidade, enfraquecimento dos laços sociais e perda de amizades.)

Em síntese, qualquer que seja o nome adotado para falar do período atual, o fato é que, sob a ótica de diferentes autores, ele parece não apresentar características muito animadoras. Apesar de um intenso progresso nos campos econômico e tecnológico, a literatura retrata nosso mundo globalizado como um lugar marcado por uma lógica capitalista avassaladora, povoado por habitantes individualistas e insaciavelmente consumistas, escravos do imediatismo, sem qualquer senso de comunidade e impelidos a uma constante mobilidade que os deixa emocionalmente à deriva e corrói o seu caráter.

3.2. Sociedade humorística

Ao contemplar este panorama um tanto assustador, podemos ser levados a crer que o homem pós-moderno não teria lá muitos motivos para rir. No entanto, por mais paradoxal que pareça, há um autor que encontra na sociedade contemporânea uma faceta que os outros analistas não exploraram, ou pelo menos não levaram muito a sério – o humor. O filósofo francês Gilles Lipovetsky analisa o mundo pós-moderno e observa alguns traços em comum com os outros autores,

como o individualismo e a efemeridade. Entretanto, além desses aspectos já mencionados acima, Lipovetsky apresenta uma ideia diferente e um tanto inusitada: a de que vivemos em uma *sociedade humorística*.

Tendo visto o cenário atual tal como brevemente apresentado acima, a ideia de que vivemos em uma sociedade humorística pode parecer estranha e talvez até equivocada. Afinal, onde estaria a graça? Que razões teríamos para fazer humor? Para tentar entender essa ideia, é preciso levar em conta os motivos que levaram Lipovetsky (1989/2005) a tal constatação. O próprio autor explica:

Cada vez mais, a publicidade, as emissões de animação, os slogans das manifestações, a moda adotam um estilo humorístico. (...) Até as publicações sérias se deixam influenciar em maior ou menor medida pela atmosfera da época: basta ler os títulos ou subtítulos dos diários, dos semanários e mesmo dos artigos científicos ou filosóficos. O tom universitário dá lugar a um estilo mais tônico feito de piscadelas de olho e jogos de palavras. (p. 127)

É inegável o fato de que há uma admirável profusão de conteúdos cômicos em todos os ramos de nossa sociedade: do publicitário ao acadêmico, como aponta Lipovetsky. Para onde quer que olhemos, há uma enorme quantidade de charges, trocadilhos, paródias, caricaturas etc. Há humor por toda parte. Contudo, certamente não fomos nós, pós-modernos, que inventamos o humor e, tampouco, o sorriso. Se, desde as mais remotas civilizações, nossos ancestrais têm, por razões diversas, exibido seus dentes e ressoado sonoramente gargalhadas, por que só a sociedade contemporânea merece o título de humorística? Novamente, Lipovetsky (1989/2005) responde:

O nosso tempo não detém, longe disso, o monopólio do cômico. Em todas as sociedades, incluindo as selvagens, nas quais a etnografia revela a existência de cultos e mitos cômicos, os divertimentos e o riso ocuparam um lugar fundamental que temos tendência a subestimar em excesso. Mas se cada cultura desenvolve de modo preponderante um esquema cômico, só a sociedade pós-moderna pode dizer-se humorística, só ela se instituiu globalmente sob a égide de um processo tendente a dissolver a oposição, até então estrita, do sério e do não-sério; na esteira das outras grandes divisões, a do cômico e do cerimonial esbate-se em benefício de um clima largamente humorístico. (...) O cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, tornou-se um imperativo social generalizado, uma atmosfera *cool*, um meio ambiente permanente que o indivíduo sofre até na sua existência cotidiana. (p. 129)

Embora essa explicação justifique o emprego da expressão *sociedade humorística* para designar o nosso tempo, é preciso ainda buscar compreender, a

partir da literatura, os motivos pelos quais o homem pós-moderno ri. Georges Minois, em sua *História do Riso e do Escárnio* (2003), tenta responder a essa questão. Depois de fazer um percurso histórico analisando o riso desde os gregos, Minois chega finalmente à sociedade humorística do século XXI e observa:

Em cada seis bilhões de seres humanos, há três bilhões que são pobres, dois bilhões que não comem o que deveriam, quinhentos milhões que estão em hospitais e hospícios. Já que nossa sociedade do início do século XXI não pode resolver esses males e se recusa a encará-los, quer, a qualquer preço, ‘fazer a festa’. Mas não uma festa passageira, e sim perpétua, existencial, ontológica. A obsessão festiva é outro sinal do triunfo ambíguo do riso. (p. 600)

Tanto para Minois como para Lipovetsky, a onipresença do riso em nossa sociedade está longe de significar que tenhamos chegado a um ponto de nossa história em que a felicidade tornou-se um bem comum, dando-nos razões de sobra para sorrir. Pelo contrário, o excesso de produções cômicas aparece justamente num esforço incansável de nos fazer rir, porque, de outro modo, o nosso riso seria injustificado.

Dando continuidade a essa linha de raciocínio, Minois remete à ideia freudiana (apresentada no capítulo anterior) de que o humor gera prazer poupando afetos negativos que estariam envolvidos em determinada situação e produzindo um alívio de tensão através da risada. Minois amplia essa ideia, sugerindo que, além de um recurso de defesa individual, o riso pode ser encarado também como uma reação instintiva do “corpo social” frente às potenciais ameaças da cultura. Assim, “por uma espécie de psicanálise social” (p. 623), o riso expõe cinicamente as proibições e tabus que ameaçam fazer saltar o verniz da civilização, amenizando tais ameaças e aliviando a tensão que elas produzem.

Tratando especificamente de nosso tempo, Minois comenta a onipresença do riso na sociedade humorística:

Vendo o riso estampar-se por toda parte neste início do século XXI, deveríamos ficar tranquilos quanto a nosso futuro. Mas a constatação revela-se, hoje, contraditória. ‘Não se sabe rir’, ‘ninguém ri mais’, ouve-se comumente. Por que, então, essa impressão de um mundo triste em meio a risos onipresentes? É que o riso volta ao vazio; ele é só fogo de palha generalizado, numa sociedade de consenso fraco. (p. 620)

Nesse sentido, portanto, a ideia de que vivemos em uma sociedade humorística não é incompatível com a descrição da pós-modernidade que apresentei acima a partir da leitura de alguns de seus principais analistas. Diante de um contexto consumista, imediatista, em que os laços estão enfraquecidos e muitos dos valores que se mostraram sólidos durante muito tempo parecem agora fluidos, o homem só encontrou uma alternativa: rir.

É interessante notar que os comentários de Lipovetsky e Minois dialogam com a abordagem do humor que vem sendo adotada desde o início deste trabalho. Embora partam de perspectivas um pouco diferentes daquela adotada por Berger & Luckmann (1966), Lipovetsky e Minois apresentam um quadro que nos permite enxergar com clareza o papel que o social desempenha na construção e na disseminação do humor. Segundo suas visões, rimos para nos defender de uma realidade social que nos daria muitos motivos para chorar.

3.3. Cotidiano digital

Retomando a noção de sociedade humorística proposta por Lipovetsky, parece que estamos circundados, de fato, por uma atmosfera que nos convoca a esboçar frequentemente um sorriso. O humor passou a ocupar um lugar central em nosso mundo, de modo que há um contínuo e quase inevitável apelo social para sorrirmos. É interessante notar, no entanto, que Lipovetsky fez suas observações acerca de uma sociedade humorística alguns anos antes da massificação da Internet. Na última década do século XX e neste início de século XXI não é somente o humor que tem presença maciça nos mais diversos setores da nossa sociedade. De modo semelhante, as tecnologias de informação e comunicação invadiram nosso cotidiano de forma tal que tornou-se praticamente impossível conceber a nossa realidade sem a presença dos artefatos tecnológicos e dos fenômenos a que deram origem.

Embora as tecnologias da informação e comunicação incluam outros recursos, como a telefonia celular, neste trabalho estou dedicando especial atenção à Internet. Com o desenvolvimento tecnológico, no entanto, os celulares e a

Internet têm ganhado cada vez mais proximidade. Portanto, essa separação entre tecnologias, ao que tudo indica, pode se tornar ultrapassada.

Muitos dos aparelhos de telefonia móvel disponíveis no mercado já oferecem a possibilidade de acesso à Internet. Apesar de sua difusão no Brasil não ter ocorrido de forma tão veloz quanto muitos fabricantes e vendedores provavelmente esperavam, à medida que os custos dos serviços e aparelhos se tornem mais baixos, o número de brasileiros com acesso a tais recursos tende a aumentar. Além disso, estão se popularizando também os *tablets*, aparelhos que unem funções de celular e de computador pessoal em um objeto de tamanho e peso intermediário entre os dois. Embora essas novas tecnologias ainda possam trazer mudanças significativas em nossos hábitos, por enquanto, fiquemos com alguns aspectos que já puderam ser observados acerca da presença da Internet em nosso cotidiano.

O sociólogo Manuel Castells, autor da obra *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (2000), aborda em detalhes os efeitos da Revolução das Tecnologias da Informação em diversos aspectos de nossa sociedade (economia, sociabilidade, geografia, política, privacidade, etc.). Descrevendo o atual processo de mudanças que ocorre em função do veloz desenvolvimento tecnológico, Castells afirma: “Este é ..., no mínimo, um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, introduzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura.” (p. 50)

Em uma conferência na Universitat Oberta de Catalunya em 2000 (e publicada no Brasil em 2003 sob o título “Internet e sociedade em rede”), Castells sintetiza e atualiza as análises de sua obra anterior, chegando à seguinte conclusão: “A Internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial.” (p. 287)

Levando em conta os apontamentos de Castells, a Internet representa, então, a base de uma nova realidade social. Nessa nova realidade social, muitos dos padrões de comportamento, pensamento e relacionamento que estávamos acostumados a experimentar têm sido significativamente transformados, como

veremos adiante. Antes, porém, considero importante fazer uma pausa na apresentação do cenário contemporâneo para tecer um breve comentário paralelo acerca da postura que considero equilibrada da parte de quem se propõe a pesquisar um tema tão atual, como é o caso da Internet.

Diante daquilo que é novo, costumam surgir duas reações típicas: excitação ou medo. De modo geral, os mais jovens e os mais afeitos a novidades, se mostram não só mais receptivos como também mais empolgados, curiosos e otimistas em relação às inovações. Em contrapartida, uma parcela considerável da população reage com resistência e, frequentemente, com um temor quase apocalíptico. Quando observadas no público geral, essas duas reações são compreensíveis e até certo ponto naturais. Entretanto, não é incomum observá-las (especialmente a segunda – de medo) entre pesquisadores. (Um bom exemplo desse tipo de reação pessimista diante de novo pode ser visto nas análises de Sennett, como mostrei acima.)

Castells (2003) e Nicolaci-da-Costa (2002a; 2006) dão testemunho disso. O primeiro relata um encontro de especialistas do qual participou ainda nos primórdios da Internet, cujo objetivo era propor medidas para amenizar os efeitos devastadores que a rede mundial de computadores certamente traria sobre a sociedade. A segunda aponta na literatura algumas reações de revolta imediata contra os malefícios trazidos pela Internet: vício, fragilidade e efemeridade dos relacionamentos, solidão e depressão, afastamento dos jovens do convívio familiar e dos estudos, separações conjugais e, finalmente, substituição da realidade “real” por outra “virtual”, ilusória e mentirosa.

Não considero condenável que qualquer pesquisador tenha suas crenças, opiniões e reações. É natural, todos os temos. O que julgo problemático é que se busque apressadamente dar legitimidade científica aos próprios pensamentos. Creio que a postura ideal para quem se propõe a estudar um tema do qual está muito próximo seja a da observação atenta, crítica e reflexiva, sem a urgência de propor conclusões. Trata-se de um exercício consciente e cuidadoso de buscar estabelecer um distanciamento em relação ao seu objeto de estudo. É preciso, então, dar um passo além do impetuoso senso comum. Esta é a postura que persigo em todo este trabalho.

Feito o comentário paralelo, voltemos à Internet e às suas consequências.

No plano macro, como mencionei acima a partir da visão de Castells (2000; 2003), a presença maciça da Internet representou uma revolução comparável àquela trazida pelo processo de industrialização do século XVIII. Isto significa, em resumo, que: (a) as novas tecnologias de informação e comunicação promoveram transformações sem precedentes em relação aos padrões históricos; (b) tais tecnologias se difundiram por todo o sistema econômico; e (c) sua penetração alcançou todo o tecido social (Nicolaci-da-Costa, 2002a).

Evidentemente, esse conjunto de notórias mudanças no plano macro trouxe consigo uma série de transformações também no plano micro. Em outras palavras, a Internet acarretou não somente uma revolução social – com suas mudanças econômicas, geográficas, etc –, como implicou também consequências na experiência individual, cotidiana. Analisando esses efeitos mais pessoais da presença maciça da tecnologia no nosso dia a dia, Nicolaci-da-Costa (2006) elenca pelo menos cinco consequências da experiência da Internet que já puderam ser claramente percebidas até agora. Vejamos brevemente cada uma delas.

Em primeiro lugar, a autora menciona a exposição dos usuários a diversas formas de excesso: de informação, de demanda, de disponibilidade, de uso do teclado e do *mouse*, etc. Os efeitos negativos trazidos por todos esses excessos incluem tanto danos de ordem física, como as lesões por esforço repetitivo, quanto de ordem psicológica, como os distúrbios do sono. É interessante notar que a própria tecnologia permite que o usuário se defenda em relação a algumas formas de excesso, oferecendo, por exemplo, a possibilidade de selecionar remetentes para que seus e-mails sejam encaminhados diretamente para a lixeira, antes mesmo de serem lidos.

Outra consequência significativa do uso da Internet foi o desenvolvimento de um novo tipo de pensamento. Essa nova forma de pensar é caracterizada por sua agilidade, integração e relativização. Pensamos de modo mais ágil porque constatamos que há sempre muito para conhecer em pouco tempo e também porque estamos imersos na lógica do hipertexto, que nos faz transitar com a velocidade de um clique de uma informação a outra, de um site a outro, de um contexto cultural a outro. A facilidade de acesso à informação e ao conhecimento

em uma esfera global está tornando nosso pensamento mais integrado ao nos permitir ver o mundo sob vários ângulos. Essa mesma característica de facilidade de acesso a múltiplas fontes de informação, a conteúdos variados e a pessoas de contextos culturais diversos possibilita também que tenhamos um pensamento mais relativizado, menos calcado em ideias universalistas e absolutas.

O terceiro conjunto de consequências pessoais do uso da Internet diz respeito aos relacionamentos. A grande rede ofereceu a seus usuários novos meios de fazer amigos, de se relacionar consigo mesmos e com os outros. Desde as primeiras salas de bate-papo até as atuais redes sociais, os internautas têm tido a possibilidade de criar ou alimentar laços de amizade e mesmo de amor de maneiras inteiramente novas e impensáveis na era pré-Internet. É interessante notar, dentro do contexto da Internet, que, ao longo dos anos, as experiências de relacionamento virtual passaram por diversas mudanças. Entre elas, está o aumento da importância da distância geográfica ao estabelecer um laço afetivo com alguém. Enquanto nos primeiros anos da Internet esse fator não era muito considerado, agora os interlocutores *on-line* passaram a lhe dar mais atenção, uma vez que desejam se conhecer também *off-line* (RAMALHO, 2005 *apud* NICOLACI-DA-COSTA, 2006).

O quarto efeito notável da Internet, do ponto de vista psicológico, está associado ao uso predominante da comunicação escrita. Ao escrever sobre os próprios sentimentos, pensamentos e desejos, além de os tornarem públicos (no mínimo) para seus contatos, os internautas acabam por revelá-los a si mesmos. A escrita *on-line*, portanto, constitui uma importante fonte de autoconhecimento (PRANGE, 2002 *apud* NICOLACI-DA-COSTA, 2006), permitindo que aqueles que dela fazem uso tenham uma ideia, a partir das reações dos outros, de sua estima e valor. Um ponto a ser destacado aqui é que, nos seis anos que nos separam da publicação do trabalho de Nicolaci-da-Costa (um tempo considerável, quando se trata de tecnologias de informação e comunicação), mesmo com o surgimento de vários recursos que possibilitam a interação por voz e/ou vídeo, a escrita tem se mantido como o principal veículo de comunicação entre os internautas.

A quinta consequência do uso cotidiano da Internet também é relacionada à predominância da linguagem escrita. Esse predomínio tem produzido novos usos de linguagem. Isso porque não escrevemos tão rapidamente quanto falamos. Por essa razão, a lógica da linguagem *on-line* é regida pela objetividade e pela economia de palavras e toques – o que inclui abreviações de todos os tipos e, frequentemente, ausência de acentos. Além disso, é também muito comum o uso de combinações de caracteres de pontuação e/ou letras para representar o estado de espírito de quem escreve - :) ;) :(:D⁸. Outra mudança significativa, ainda dentro do escopo da linguagem, foi a incorporação de palavras e siglas de origem estrangeira, mais especificamente da língua inglesa, ao nosso vocabulário. Este é o caso, por exemplo, dos seguintes vocábulos: HD, *hard disk*; LOL, *laughing out loud*; FAQ, *frequently asked questions*; *hardware*; *software*; deletar; e *mouse*. Estas duas últimas passaram por um aportuguesamento. A primeira, oriunda do verbo inglês *delete*, ganhou o sufixo ‘ar’ típico dos verbos em português. A segunda teve seu plural em inglês (*mice*) substituído pela terminação em ‘s’ que produz a maior parte dos substantivos plurais em português.

Como se pode ver, tanto uma análise ampla, global, como uma observação mais psicológica (se é que podemos fazer essa separação) nos apontam o mesmo fato. As tecnologias de informação e comunicação, e especialmente a Internet, produziram uma transformação radical no cenário em que vivemos. Estamos agora imersos em um contexto marcado por sua atmosfera tecnológica. Nosso cotidiano é digital. Nossos hábitos, nossas formas de pensar, nos relacionar, nos comunicar e trabalhar estão atravessados pela tecnologia. Portanto, é razoável supor que os modos como produzimos, consumimos e difundimos humor tenham passado também por mudanças significativas.

Em resumo, podemos considerar que, entre muitas outras características, o humor e as tecnologias representam dois dos elementos marcantes da nossa

⁸ Curiosamente, a versão do editor de texto que utilizo para escrever esta dissertação (Microsoft Office Word 2007) corrige automaticamente essas combinações de caracteres, transformando-as em desenhos de carinhas felizes, tristes, etc. Para manter as combinações tal como são escritas, é necessário desabilitar manualmente a correção automática.

sociedade. É interessante notar como esses dois elementos estão intimamente relacionados. A grande rede propiciou um novo espaço para a produção e para a divulgação do humor, tanto em suas vertentes sutis, indiretas, quanto em suas manifestações autoidentificadas como humorísticas. Como uma nova plataforma de vida (NICOLACI-DA-COSTA, 2006), a Internet tornou-se uma nova dimensão para os mais diversos fenômenos de nossa experiência cotidiana, inclusive o humor. Assim, poderíamos dizer que, neste início do século XXI, a sociedade humorística se estendeu também para o universo virtual. Portanto, torna-se necessário compreender o que caracteriza esse humor e como ele se manifesta e se difunde através da rede, bem como se ele desempenha alguma função social. Nos capítulos que se seguem, apresento uma pesquisa realizada com o intuito de explorar o campo do humor *on-line* e discuto os seus resultados, relacionando-os com a revisão teórica feita até aqui.

4

Apresentando a metodologia utilizada

- Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui? - pergunta Alice ao gato.
- Isso depende muito de para onde queres ir - respondeu o gato.
- Preocupa-me pouco aonde ir - disse Alice.
- Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas - replicou o gato.

Lewis Carroll, em Alice no País das Maravilhas

Nos capítulos anteriores, pretendi, através da revisão bibliográfica, elucidar alguns aspectos relativos ao fenômeno do humor e ao cenário contemporâneo. Para dar continuidade a esta dissertação, gostaria de voltar a enfatizar dois desses aspectos que serviram de ponto de partida para a pesquisa de campo. Em primeiro lugar, considero importante lembrar que diferentes abordagens teóricas lançam luz sobre a dimensão social do humor. Trata-se, portanto, de um fenômeno contextual. Em segundo lugar, é preciso destacar que vivemos em um contexto caracterizado, entre outros aspectos, pela presença maciça de tecnologias de informação e comunicação e de manifestações humorísticas das mais variadas.

Como já foi observado por Laineste (2003), embora tenha sido criada como um meio de comunicação séria, a Internet ganhou popularidade em grande parte devido à sua natureza de entretenimento. Como aponta a autora, a natureza social da Internet e seu crescimento exponencial estão intimamente ligados à atmosfera lúdica e divertida criada pelo humor⁹. Entretanto, no que diz respeito especificamente ao humor no contexto da Internet, a produção acadêmica ainda não é muito farta. Cito aqui, como exemplo, duas dessas (ainda escassas) pesquisas sobre o tema.

⁹ O uso da Internet para fins de lazer e entretenimento foi discutido por Romão-Dias (2001; 2007) e Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012). Sua discussão, contudo, concentrou-se principalmente no surgimento de novas formas de subjetividade a partir da interação em *chats* (programas de bate-papo).

Hancock (2004) conduziu uma investigação entre internautas americanos acerca do uso de humor (na forma de jocosidade, ironia, trocadilhos e jogos de palavras) em interações através de e-mail, programas de mensagens instantâneas e grupos de discussão. Em seu estudo, 85% dos participantes disseram usar o humor frequentemente. De acordo com este autor, para suprir a falta de pistas não-verbais que indicam a presença de humor nas interações face a face, os usuários da Internet criam várias convenções, sendo a mais conhecida delas os emoticons (combinações de pontuações e caracteres para representar expressões faciais, citadas no último capítulo). As estratégias para denotar humor elencadas por Hancock incluem ainda o uso de reticências, vários pontos de exclamação ou de interrogação (sinalizando que a mensagem pode ser ambígua ou humorística) e abreviaturas, como LOL (*laughing out loud*)¹⁰.

Martinho (2009), por sua vez, procurou estudar as novas formas de humor da Internet analisando as animações relacionadas ao tema da política publicadas no site Charges.com durante a campanha eleitoral de 2006. Esta pesquisadora concluiu que, no caso estudado, o site reproduziu a lógica da grande mídia, tendo sua agenda política pautada pelos Meios de Comunicação tradicionais, isto é, as produções on-line apenas repetiam o modelo convencional de ataque (frequentemente preconceituoso ou estereotípico) a aspectos da personalidade dos candidatos, não debatendo suas ideias.

Como adiantado no final do segundo capítulo, a pesquisa que apresentarei traz uma importante diferença metodológica em relação às grandes teorias sobre o humor já revisadas e aos estudos a elas associados, bem como às pesquisas mais recentes acerca do humor na Internet. Como vimos, Freud (1905; 1928), Bergson (1900) e Raskin (1985) privilegiaram em suas análises os conteúdos que nos fazem rir (chistes, formas, movimentos, palavras, situações, piadas, etc.). Martinho (2009) também realizou sua pesquisa analisando o conteúdo humorístico das charges. E Hancock (2004), embora tenha utilizado os internautas como fonte, o fez sob um viés quantitativo.

¹⁰ Em português, “rindo alto”. Na nossa língua, utilizamos ainda a abreviatura ‘rs’ (para risos) e a onomatopéia ‘Hahahaha’ (para representar uma gargalhada).

Em contrapartida, a metodologia que estou adotando toma como objeto de análise o discurso dos entrevistados, isto é, dos sujeitos que riem (no caso desta pesquisa, que riem do humor on-line). Mais adiante, explico detalhadamente esta metodologia.

4.1. Objetivos

Considerando a perspectiva adotada em relação à temática do humor (visto como um fenômeno ou fato social) e as peculiaridades do nosso contexto tecnológico, escolhi explorar, através da pesquisa de campo, o universo do humor na Internet. Meu objetivo principal foi compreender, a partir da ótica dos internautas, o que caracteriza o humor virtual. Para tanto, com base em seus discursos, busquei analisar algumas especificidades desse humor: como se difunde, quem o produz, quem o consome e se há diferenças entre o humor *on-line* e aquele que é feito fora da Internet. Por fim, tentei, na medida do possível, chegar uma compreensão acerca do lugar que esse humor ocupa na vida dos internautas.

4.2. Metodologia

A fim de perseguir os objetivos propostos, lancei mão do Método de Explicação do Discurso Subjacente (MEDS) (NICOLACI-DA-COSTA, 2007; NICOLACI-DA-COSTA, ROMÃO-DIAS, LUCCIO., 2009). Trata-se de um método qualitativo de pesquisa que se propõe a coletar os dados através de entrevistas abertas realizadas em contextos informais. Como o próprio nome sugere, o MEDS busca, através da análise de depoimentos individuais, desvelar um discurso de base, aquilo que poderíamos chamar de “discurso social” acerca de determinado assunto (neste caso, o humor na Internet).

Para chegar a esse discurso social, o MEDS procura, tanto quanto possível, remover as barreiras que geralmente artificializam nosso discurso. Assim, a

entrevista deve se assemelhar a uma conversa informal e transcorrer em um ambiente em que o entrevistado e o entrevistador se sintam confortáveis. Nessas circunstâncias, é mais provável que o participante sinta-se à vontade para expressar livremente suas opiniões e sentimentos em uma linguagem espontânea. Isso evita que os entrevistados apresentem respostas baseadas apenas em padrões de “boa educação” e permite que revelem até mesmo ideias que poderiam omitir por considerar “politicamente incorretas” ou socialmente inadequadas.

Tal como a maior parte dos métodos qualitativos que se utilizam de entrevistas para a coleta de dados, o MEDS foi desenvolvido para encontros presenciais. No entanto, é preciso levar em conta que um dos fundamentos do MEDS é que as entrevistas se aproximem o máximo possível de conversas informais cotidianas. Partindo dessa premissa, dois motivos principais me levaram a optar pela realização de entrevistas on-line.

O primeiro deles foi a constatação de que, nos últimos anos, boa parte das conversas informais migrou para a Internet. Como vimos no capítulo anterior, tendo se consolidado como uma nova plataforma de vida (NICOLACI-DACOSTA, 2006), a grande rede passou a ser um ambiente acolhedor para muitas de nossas experiências cotidianas, incluindo as conversações.

O outro motivo que me levou a optar pelo uso de entrevistas on-line foi o fato de alguns pesquisadores já terem feito esta opção e terem levantado achados interessantes em suas pesquisas (ZAREMBA, 2001; ROMÃO-DIAS, 2001; PRANGE, 2003; RAMALHO, 2005; LUCCIO, 2005; MATOS-SILVA, 2011). Essas pesquisas, em geral, tratavam de temas ligados às consequências subjetivas e sociais do uso da Internet. Assim, considerando o tema do presente trabalho, o fato de a Internet ter se tornado um ambiente comum para conversas informais e o êxito alcançado por outros pesquisadores no uso do MEDS on-line, julguei ser uma alternativa adequada e viável a realização das entrevistas através da própria rede.

Evidentemente, esta opção requer alguns cuidados por parte do pesquisador. Estes cuidados já foram minuciosamente explicados por Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Luccio (2009). Dentre os cuidados que se deve tomar, destaco aqui

três que considero fundamentais. Em primeiro lugar, tal como ocorre nas entrevistas presenciais, é muito importante que a entrevista se dê em um ambiente comumente frequentado pelos entrevistados e pelo entrevistador. Na Internet, há uma vasta gama de ambientes similares que permitem a conversação síncrona (por exemplo, MSN Messenger, Yahoo Messenger, Google Talk, Facebook, etc.). No entanto, cada um desses ambientes possui as suas peculiaridades e, em geral, seus frequentadores. Foi levando este aspecto em conta que escolhi utilizar o Google Talk e o *chat* do Facebook para a realização das entrevistas.

Um segundo ponto importante a ser observado pelo pesquisador que faz uso do MEDS on-line é a linguagem utilizada nos ambientes virtuais. Nesses lugares, é frequente o uso de *emoticons* (☺ :D), bem como formas abreviadas das palavras (como *vc* para “você”, *tb* para “também”, *td* para “tudo”, *pq* para “por que” e “porque”, entre outras). Ainda acerca da linguagem, outra característica comum é a ausência de maiúsculas, de acentos, de vírgula e de ponto final. Alguns usuários costumam enviar cada frase (apertando *enter*), ao invés de colocar ponto final (ou vírgula), ao passo que outros optam por usar normalmente a pontuação e as maiúsculas, bem como por completar o raciocínio (que equivale aproximadamente a um parágrafo) antes de enviar sua mensagem. Na apresentação dos resultados, ao citar a fala dos entrevistados, mantive a grafia de cada um deles, tal como foi utilizada durante a entrevista.

E, por último, é fundamental prestar atenção ao intervalo de tempo existente entre o envio de uma mensagem e o recebimento de sua resposta. Esse intervalo acontece porque, em geral, os internautas (especialmente os jovens) não concentram sua atenção em uma única atividade na Internet. Assim, enquanto mantêm uma conversa informal on-line, os internautas costumam também realizar outras tarefas (checar e-mails, navegar pelas redes sociais, manter outras conversas, etc.). Uma vez que o MEDS pretende manter o clima de uma conversa informal, seria incoerente pedir que os entrevistados parassem suas demais atividades para se concentrar apenas na entrevista. Levando isso em conta, procurei respeitar tal característica das conversas, esperando o tempo natural de resposta dos entrevistados. (Convém lembrar que, por motivos óbvios, o entrevistador deve manter sua atenção exclusivamente na entrevista.)

4.2.1. Participantes

Seguindo as diretrizes do MEDS, busquei selecionar entrevistados atendendo ao princípio da homogeneidade. Em contraposição à heterogeneidade, apropriada ao pesquisador que deseja entender o que pessoas muito diferentes pensam acerca de determinado assunto, a homogeneidade parece mais adequada à compreensão do comportamento de um grupo com características específicas. A amostra homogênea permite a investigação de fenômenos associados a situações novas, cuja incidência é maior em certos grupos e em determinadas épocas.

A homogeneidade almejada pode ser ampla ou fundamental. No primeiro caso, ela deve abranger uma determinada combinação de características que os pesquisados tenham em comum, como local de moradia, gênero, profissão, idade, classe social etc. No segundo tipo, os participantes são selecionados com base na existência de uma ou poucas características em comum, como um hábito, por exemplo. Neste estudo, adotei a homogeneidade fundamental.

Desse modo, os critérios para a escolha dos participantes da pesquisa foram o uso regular (pelo menos uma vez ao dia) da Internet (que incluísse o acesso a conteúdos humorísticos) e o pertencimento à faixa etária jovem (desde que maiores de idade). Este critério de idade se baseou no fato de que a maior parte dos usuários que utilizam a Internet com finalidade de lazer ou entretenimento é composta de jovens¹¹. A adequação aos critérios de participação foi averiguada em contato anterior à entrevista. Outras restrições relativas a gênero ou profissão não foram estabelecidas a princípio.

Atendendo a esses critérios, participaram da pesquisa 13 internautas, sendo 8 homens e 5 mulheres. Todos eles foram recrutados por indicação. O número de entrevistados não foi estabelecido a priori, mas se baseou no chamado “ponto de

¹¹ De acordo com dados do IBGE (2007), a idade média dos internautas que utilizam a rede para atividades de lazer (categoria em que se inclui o conteúdo humorístico) é de 24,8 anos. (A pesquisa está disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=846)

saturação”. Este ponto é atingido quando novas entrevistas fornecem informações muito semelhantes às já obtidas em entrevistas anteriores, deixando, portanto de acrescentar novidades ao estudo (NICOLACI-DA-COSTA, 2007; NICOLACI-DA-COSTA; ROMÃO-DIAS; LUCCIO, 2009).

Ainda sobre os entrevistados, cabe observar que onze dos treze tinham nível superior completo ou em curso. Desses onze, um possuía doutorado e outras duas estavam cursando mestrado. As idades variaram entre 21 e 31 anos, sendo a idade média aproximadamente 24 anos.

A seguir, como informação adicional, faço uma pequena apresentação dos participantes da pesquisa, com seus nomes (fictícios), suas idades e ocupações.

Dentre os entrevistados, Leo era radialista e tinha 21 anos. Helena e Igor eram professores, ele com 23 e a ela com 24 anos. Jonas, também de 24 anos, era estudante de psicologia. Beatriz e Marina tinham 25 anos, sendo a primeira *cake designer* e a última estudante de enfermagem. Quatro dos participantes tinham 28 anos: Gabi, analista de TI¹²; Fabio, roteirista; Davi, engenheiro de software; e Carlos, *web designer*. Antônio, de 30 anos, era empresário. E, finalmente, Eduardo tinha 31 anos e era historiador.

4.2.2. Coleta de dados

4.2.2.1. Roteiro

Para que a entrevista colete as informações que interessam à pesquisa, é fundamental que ela seja baseada em um bom roteiro. Um roteiro pode ser considerado bom e pronto para aplicação, quando permite que a entrevista flua com a espontaneidade e naturalidade de uma conversa informal, como preconiza o MEDS. Para tanto, alguns aspectos devem ser considerados na elaboração do roteiro.

¹² Tecnologia da Informação.

O primeiro passo é construir um roteiro de maneira estruturada, mas que possa ser flexível em sua aplicação. Isto quer dizer que, assim como as conversas informais que lhe servem de inspiração, as entrevistas do MEDS devem, tanto quanto possível, respeitar o fluxo de associações dos entrevistados. Ao utilizar o roteiro, portanto, o entrevistador tem a liberdade de alterar a ordem dos temas a serem tratados, sempre que em seu discurso o entrevistado “puxar um assunto” que apareceria em outro momento da entrevista. O entrevistador pode ainda deixar de fazer uma pergunta que já tenha sido respondida espontaneamente. Apesar das variações em cada entrevista, o fato de todas se basearem em um mesmo roteiro estruturado permite que o conteúdo produzido em todas as entrevistas seja comparável na etapa das análises.

Outro ponto importante é que o roteiro seja composto apenas de itens, ao invés de ser feito de perguntas. Esses itens devem ser abordados através de perguntas formuladas durante as próprias entrevistas, buscando assim manter o tom espontâneo de conversa. As perguntas devem ser abertas, permitindo qualquer tipo de resposta. Como acontece em uma conversa, porém, às vezes é necessário fazer perguntas fechadas (cujas respostas são simples “sim” ou “não”). A essas perguntas fechadas, sempre que pertinente ou necessário, devem ser acrescentadas perguntas de aprofundamento ou esclarecimento. Seguindo essa dinâmica, a estrutura de um roteiro torna-se invisível para os entrevistados, que geralmente têm a (desejável) impressão de estarem participando de uma simples conversa.

Considerando todos esses pontos, elaborei um roteiro com a finalidade de organizar em itens os objetivos estipulados para a pesquisa. Assim, inicialmente conversei com alguns jovens com o perfil análogo ao dos participantes da pesquisa. A conversa era livre e girava em torno do tema geral “humor na Internet”. A partir dos pontos levantados nessas conversas iniciais e considerando os objetivos da pesquisa, foi feito um roteiro provisório. O roteiro provisório foi testado em duas entrevistas-piloto, que serviram também para aprimorá-lo e chegar ao roteiro definitivo.

O roteiro definitivo era composto de dois blocos: o primeiro sobre humor e o segundo sobre Internet. No bloco sobre humor, eu começava pedindo aos entrevistados que dessem a sua definição de humor. Em seguida, perguntava sobre as suas fontes de humor, sobre o que lhes fazia rir. Muitas vezes, os entrevistados citavam espontaneamente a Internet como uma das fontes e elencavam os lugares onde encontram humor on-line. Quando isso não acontecia, eu perguntava explicitamente sobre as fontes de humor na Internet.

No bloco sobre a Internet, eu investigava um pouco do uso geral que o entrevistado fazia da rede, tanto em termos de horas diárias quanto em termos de ferramentas e finalidades. A seguir, procurava situar a presença do humor no contexto desse uso geral. Além disso, buscava explorar um pouco mais as fontes de conteúdo humorístico on-line (mencionadas no primeiro bloco), bem como interrogava sobre os caminhos pelos quais os entrevistados chegavam a esse tipo de conteúdo, ou vice-versa. O item seguinte era a produção e a divulgação de conteúdos humorísticos, fossem eles próprios ou de terceiros (no caso da divulgação). Outro item abordado foi o uso de dispositivos móveis. Neste ponto, buscava compreender se os entrevistados também utilizavam tais dispositivos (celulares e/ou tablets) para acessar conteúdos humorísticos. Por fim, vinham os itens que considerei de maior interesse para a pesquisa. Eu perguntava que diferenças os entrevistados viam entre o humor apresentado na Internet e aquele que aparece fora da rede. E a última pergunta era sobre a importância do humor para o entrevistado e para a sociedade. (Mesmo que essa importância já tivesse ficado evidente ao longo da entrevista, essa pergunta abria espaço para interessantes reflexões.)

A ordem descrita acima corresponde, naturalmente, à organização do roteiro e não necessariamente ao curso de cada entrevista. O curso de cada entrevista era determinado principalmente pelas associações do entrevistado, prezando sempre pela fluidez da conversa.

4.2.2.2 As entrevistas

Como mencionei anteriormente, as entrevistas foram feitas por meio do Google Talk e do *chat* da rede social Facebook, levando em conta a popularidade e o amplo uso desses programas. Tanto o Google Talk como o *chat* do Facebook são aplicativos que possibilitam a interação em tempo real através da troca de mensagens por escrito. Com isso, não foi necessário transcrever os diálogos com os participantes. Tais diálogos foram integralmente copiados dos programas de conversação e colados no Microsoft Word (programa de edição de textos), para facilitar seu arquivamento e manuseio nas fases de análise do discurso.

A duração média das entrevistas foi de aproximadamente uma hora e meia. Essas entrevistas ocorreram em horários variados, previamente combinados com cada um dos entrevistados. À exceção de uma, todas as entrevistas foram contínuas, isto é, transcorreram do início ao fim em um único encontro. A única exceção foi a entrevista de Davi. Neste caso, a conversa estava durando um pouco mais que o habitual e o entrevistado precisou interrompê-la em virtude de um compromisso pessoal. Duas horas depois, sem qualquer prejuízo, a entrevista foi retomada do ponto em que havia parado.¹³

Ainda acerca das entrevistas, considero relevante explicar como foi obtido o termo de consentimento livre e esclarecido de participação na pesquisa. Tradicionalmente, este termo consiste em um documento impresso, de onde constam informações essenciais sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos utilizados, o uso do material coletado, o tempo de duração, as possíveis implicações e os potenciais riscos para os sujeitos participantes, bem como a identificação do(s) pesquisador(es) responsável(is). Ciente de tais informações, o participante deve, caso concorde, preencher o termo com seu nome completo, número de identidade (ou documento equivalente), dados para contato e, ao final,

¹³ Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Di Luccio (2009) mencionaram a possibilidade de ocorrência de interrupções nas entrevistas on-line. Assim como acontece tipicamente com as conversas informais no ambiente virtual, as entrevistas do MEDS na Internet podem, diferentemente do que ocorre nas entrevistas presenciais, ser interrompidas e retomadas posteriormente sem que isso comprometa a qualidade da entrevista.

sua assinatura. Este é um protocolo ético convencionalmente adotado quando a pesquisa envolve pessoas.

No caso de uma pesquisa realizada por meio de entrevistas on-line, torna-se inviável a utilização de um termo nos padrões tradicionais. Além da inviabilidade prática, este tipo de termo poderia ser considerado ainda invasivo pelos participantes. Isso porque, na Internet, os usuários geralmente interagem através de perfis nos quais escolhem que informações pessoais desejam divulgar. Assim, é comum que adotem nomes fictícios ou apelidos ou ainda que se apresentem apenas com parte de seus nomes. Números de documento e telefone nunca são divulgados. Trata-se de uma prática comum para preservar, ainda que parcialmente, a própria privacidade.

Buscando respeitar essa característica da interação on-line e, ao mesmo tempo, seguir o protocolo ético, recorri a uma adaptação do termo de consentimento. Antes de cada entrevista, eu enviava ao participante (na própria janela onde a conversa acontecia) um pequeno texto com as informações que constariam de um termo convencional, inclusive meus dados de contato (e-mail e telefone). Pedia, então, que o participante lesse o texto atentamente e desse o seu aceite, caso concordasse em dar a entrevista. Uma vez que esse aceite ficava registrado no programa onde a entrevista era realizada e que a pesquisa não representava nenhum risco significativo para os participantes, ele pode ser considerado um substituto do termo de consentimento convencional.

4.3. Análise dos depoimentos

Antes de descrever os procedimentos de análise, é importante lembrar um dos pressupostos básicos da metodologia adotada. O MEDS, assim como grande parte dos métodos que seguem um enfoque qualitativo, não visa a verificação de uma hipótese. Seu objetivo consiste, antes, em interpretar os relatos apresentados pelos sujeitos (Nicolaci-da-Costa, 2007).

Para realizar essa interpretação, o MEDS utiliza uma abordagem êmica, isto é, a análise é feita a partir de categorias que emergem do discurso dos próprios entrevistados. A alternativa a essa abordagem seria a análise baseada em categorias prévias estabelecidas a partir das teorias exploradas na pesquisa, o que configuraria a chamada abordagem ética. Na abordagem êmica seguida pelo MEDS, inicialmente, as categorias podem coincidir ou se assemelhar aos itens do roteiro. Entretanto, uma vez que o roteiro é construído a partir de conversas informais e entrevistas-piloto, mesmo essas categorias iniciais podem ser consideradas como oriundas dos discursos e não das teorias.

Ainda segundo as diretrizes do MEDS, o procedimento de análise se dá em duas etapas complementares, que só são iniciadas quando todas as entrevistas já foram realizadas (tendo sido atingido o ponto de saturação, como vimos anteriormente). A primeira etapa consiste em uma análise interparticipantes. Nessa etapa, o pesquisador faz o que poderíamos chamar de leitura horizontal das entrevistas, ou seja, analisa as respostas apresentadas pelo grupo como um todo. Nessa primeira leitura, os depoimentos são sistematicamente comparados para que possam ser observadas ideias, conceitos, opiniões, sentimentos e experiências recorrentes. São essas recorrências que delineiam as categorias de análise e permitem tornar mais claros os valores do grupo estudado. Feita esta primeira leitura, o pesquisador consegue ter uma visão panorâmica do material coletado.

Na segunda etapa, chamada de análise intraparticipantes, o pesquisador, já com uma visão geral dos relatos, lê cada entrevista verticalmente (isto é, de maneira mais aprofundada, mais detalhada). Ao reler cada entrevista de maneira mais minuciosa, é possível aprofundar alguns pontos levantados na análise interparticipantes, bem como fazer comparações internas ao discurso de cada entrevistado. Tais comparações permitem notar características particulares de cada relato, como novos usos de linguagem ou mesmo contradições (quando se contrastam respostas abstratas com respostas concretas). É possível ainda que o relato de um entrevistado consiga explicitar uma categoria que estava presente, porém de modo implícito, no discurso de muitos participantes.

Na presente pesquisa, por exemplo, alguns entrevistados, em pontos variados de seus relatos, mencionaram e falaram superficialmente sobre “memes”. Um entrevistado, entretanto, espontaneamente ofereceu a sua explicação e sua opinião sobre os memes, bem como comentou sobre as mudanças que ele percebe no surgimento e difusão desses memes. A partir de sua fala, que foi bem destoante do tom vago com que outros entrevistados abordaram este tópico (mesmo quando lhes era pedido que o explicassem), foi possível perceber que a ideia de meme estava presente (mesmo quando esta palavra não era usada) em grande parte dos relatos. Na apresentação dos resultados, darei mais detalhes sobre esta categoria, que só se tornou visível a partir de uma análise intraparticipante.

Dando sequência à análise, tendo analisado as peculiaridades de cada discurso, o pesquisador volta a fazer uma rodada de análise interparticipantes, agora com uma nova e mais aprofundada visão dos depoimentos. Essa segunda leitura horizontal ajuda a enxergar categorias que possam ter passado despercebidas na primeira vez mas que tenham se tornado visíveis a partir do relato de um entrevistado. É possível ainda, orientado pela análise intraparticipantes, localizar trechos de relatos que, embora tratando de um determinado tema, complementam ou enriquecem o discurso acerca de outro assunto.

Em seguida, é realizada novamente a análise intraparticipantes, a fim de garimpar elementos ricos que ainda estejam escondidos nos depoimentos. As análises inter e intraparticipantes podem se repetir quantas vezes forem necessárias para que do material coletado se extraia tudo o que possa interessar à pesquisa. Assim, os resultados encontrados tendem a se tornar cada vez mais consistentes e metodologicamente confiáveis.

No capítulo a seguir, apresento os resultados. Para chegar a eles, nesta pesquisa, foram efetuadas três rodadas de análise.

5

A vez e a voz dos internautas: resultados da pesquisa

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

Como explicado no capítulo anterior, as rodadas de análise inter e intraparticipantes acabam por tornar visíveis certas categorias discursivas. Este processo, que poderíamos comparar ao trabalho de obtenção do ouro, nos conduz finalmente ao material precioso. Seguindo essa analogia, a realização das entrevistas corresponde à extração do metal da natureza. Embora seja uma etapa trabalhosa, a extração nos fornece o metal em estado bruto. De modo semelhante, aquilo que coletamos através das entrevistas precisa passar ainda por um processo de refino. Assim, os relatos que inicialmente consistiam em matéria-prima, ainda em estado bruto, quando submetidos a sucessivas rodadas de análise, transformam-se em verdadeiras preciosidades: elementos que lançam luz sobre as questões levantadas como objetivos da pesquisa.

Tendo refinado tanto quanto possível os depoimentos extraídos nas entrevistas, organizei o material obtido em blocos, para fins de apresentação. Estes blocos correspondem às categorias que emergiram dos discursos dos entrevistados, conforme descrevi ao tratar da análise. Em cada bloco, procuro apresentar um panorama do que foi obtido do grupo como um todo, recorrendo sempre a fragmentos das entrevistas para exemplificar e tornar mais consistente a exposição dos resultados. Passemos a eles.

5.1.

Definição de humor

Este era o tópico de abertura da conversa. Ao começar a entrevista pedindo uma definição de humor, era meu intuito que durante todo o restante do diálogo o entrevistado e eu tivéssemos um entendimento comum dessa palavra. Assim,

busquei sempre utilizar a concepção apresentada pelos próprios participantes como ponto de partida.

Essas concepções, de modo geral, giraram em torno de dois eixos. O primeiro deles corresponde ao *estado de espírito*. Usando esta expressão ou outra análoga uma parte dos entrevistados conceituou humor como algo interno, uma disposição emocional que pode ser positiva ou negativa e que afeta o modo como vemos ou vivenciamos as diferentes situações. Foi esta a definição dada por Helena:

humor seria um estado de espírito, podendo se dividir em ‘bom’ ou ‘ruim’. ou ‘bom’ e ‘mau’, ao invés de ‘ruim’. (Helena, 24 anos, professora)

A maior parte dos entrevistados forneceu respostas que giravam em torno do segundo eixo, que poderíamos sintetizar sob a expressão *aquilo que faz rir*. Esse segundo grupo de entrevistados relacionou a palavra humor a elementos externos, sejam eles situações, palavras, etc. Como exemplo, vejamos o depoimento de um deles. Ao ser perguntado sobre o que entende como humor, ele responde:

tudo que provoca riso
sei lá, acho que é isso. Não tem muito misterio não
hehe
da observação mais despreziosa feita por um amigo numa conversa ao filme mais bem produzido de hollywood, se fizer rir, pra mim o valor é o mesmo (Fabio, 28 anos, roteirista)

Ainda dentro desse segundo grupo, dois entrevistados comentaram sobre o componente intenção na constituição do humor. Beatriz relacionou o humor com a pretensão de fazer rir, ao passo que, para Davi, a intenção pode ou não estar presente. Vejamos seus depoimentos:

[que definição você dá para a palavra humor?] tipo de manifestação que pretende fazer rir/grança, chegando no objetivo ou não. Seja de maneira "profissional" ou "amadora" (Beatriz, 25 anos, *cake designer*)

humor é um conceito flexível, na minha concepção
às vezes penso que é o que me faz rir
às vezes penso que é o que tem a intenção de fazer rir
mas humor pode ou não ter intenção, dependendo do ponto de vista (quem ri e quem faz rir) (Davi, 28 anos, engenheiro)

Tomadas em conjunto, as definições revelam que o humor pode ser entendido tanto como uma disposição interna do sujeito quanto como um estímulo externo que afeta essa disposição interna, provocando o riso.

5.2. Fontes de humor

Ao serem perguntados sobre o que lhes fazia rir, os entrevistados deram respostas bastante abrangentes, que incluíam desde situações que lhes faziam sentir bem (ouvir música, ir à praia ou ao cinema, sair com os amigos e a namorada, ter êxito em um trabalho, etc.) até os conteúdos propriamente ditos capazes de lhes arrancar boas risadas (livros, filmes, piadas, trocadilhos, etc.). Considerando tamanha abrangência, neste bloco não é possível delinear uma “voz do grupo”, uma tendência nos discursos dos participantes. Isso indica que o humor tem como uma de suas importantes marcas a pluralidade, ou seja, a capacidade de se encontrado em muitas fontes, meios, linguagens, etc.

Não obstante, algumas observações levantadas por alguns entrevistados merecem destaque. Dois participantes chamaram a atenção para aquilo que intitulei (por falta de melhor denominação) *graça relativa*. Em seus depoimentos, Gabi e Leo mencionaram o fato de que a capacidade que algo tem de fazer rir pode variar, dependendo de seus estados de espírito. Vejamos seus relatos (com grifos meus):

(...) as situações que me fazem rir são sempre uma incógnita
o que me faz ver graça hoje, pode não fazer mais amanhã
 seria vago demais citar todas as (INFINITAS) situações que geralmente me fazem rir.
 digamos que quando meu namorado imita a Marília Gabriela e o Silvio Luiz, é o mais próximo que chego de um colapso nervoso de risos
 auhauhauhaa (Gabi, 28 anos, analista de TI)

[o que te faz rir?] boas piadas, vídeos engraçados, situações cômicas
[de que teor?] aí *depende muito de como estarei no dia (...)*
 já ri de piada de humor negro
 como às vezes acho um saco (Leo, 21 anos, radialista)

Ainda tratando daquilo que faz rir, outro ponto interessante levantado por alguns entrevistados foi a resistência ao humor. Em linhas gerais, a resistência

pode surgir em virtude da inadequação de uma piada ou do esforço exagerado para que ela faça rir. A título de exemplo, vejamos dois depoimentos:

[o que costuma te fazer rir?] quase tudo! eu tenho pouquíssimas restrições no humor - gosto de humor pastelão, humor inteligente, sarcasmo, humor negro, etc
uma coisa que não me faz rir
é quando percebo que há esforço demais para isso
 se uma piada fraca é empurrada goela abaixo (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

(...) Uma piada pra ser boa tem que ser inteligente. Ser inteligente não é ser "cult" mas ser extremamente apropriada pra situação ou extramamente criativa. *Piadas prontas*, *clichês não me fazem rir*. Os temas podem ser TODOS. Exceto os de depreciação extrema com conteúdo racista ou preconceituoso. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Por fim, embora seja difícil mapear todas as fontes de humor citadas, é possível delinear três características principais mencionadas acerca das situações ou conteúdos capazes de fazer rir. Em primeiro lugar, uma categoria que apareceu com recorrência nos discursos dos entrevistados foi a do *nonsense*, ainda que sob nomenclaturas variadas (sem sentido, absurdo, surreal e inimaginável). Outro elemento citado reiteradamente como presente no humor que desperta o riso foi o *sarcasmo*. E a terceira qualidade associada ao humor foi aquela chamada de *pastelão*, isto é, piadas óbvias, situações bobas, etc. Vale ressaltar que essas características foram associadas ao humor de maneira geral, incluindo o humor na Internet (utilizado como exemplo por alguns entrevistados) mas não se restringindo a ele.

5.3. Uso geral da Internet

Antes de explorarmos as categorias que dizem respeito mais propriamente ao humor na Internet, considero conveniente expor um pouco do uso típico que os entrevistados fazem da rede, para fins diversos. Entre as ferramentas utilizadas, apareceram com destaque e-mail, redes sociais (Twitter e, principalmente, Facebook), sites de notícias, buscadores de informações (principalmente Google), sites e blogs de assuntos diversos (culinária, fotografia, tecnologia, carros, etc.), ferramentas para download e YouTube (para vídeos e música).

Acerca do tempo dedicado a cada um desses itens, somente dois entrevistados souberam estimar aproximadamente como é feita essa distribuição (ou, pelo menos, uma separação entre o uso para entretenimento e outros usos). Vejamos seus depoimentos:

[quanto tempo você costuma ficar online?]

Em lazer devo ficar umas 4h

[além do lazer, o que mais você faz na internet?]

Trabalho

Busca de informações em geral

O que uso mais é Google, Facebook e email

Twitter menos

YouTube tb

Informações em geral, notícias, revistas, etc

E ficar olhando o timeline dos amigos (Antônio, 30 anos, empresário)

[como é seu uso geral da internet?] Interagir com pessoas amigas que morem perto ou muito longe. Acessar emails para atividades acadêmicas. E , mesmo que não me considerem um grande consumidor, estou atento aos produtos e lojas online. Desde site de compras coletivas, como sites de grandes lojas do varejo.

[você sabe dizer quanto tempo, em média, dedica a cada uma dessas coisas?]

Posso estimar.

Ao todo por dia:

Email: 30 minutos.

Sites de lojas e compras coletivas: 1 hora.

Redes sociais para comunicação e humor: 2 horas. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

A maioria dos entrevistados, no entanto, afirmou ser difícil fazer essa estimativa, ou mesmo qualquer tipo de separação entre os usos, uma vez que estes ocorrem, segundo seus relatos, simultaneamente. Alguns estipularam apenas o tempo total que costumam ficar on-line, que variava entre algumas horas e um dia inteiro. Vejamos alguns fragmentos de falas (com grifos meus) que ilustram essa ideia de vários usos “ao mesmo tempo”:

[como é seu uso típico da internet?]

Jogos, downloads, linguística, redes sociais.

[sabe dizer quanto tempo em média gasta em cada uma dessas coisas?]

Não, mas toma meu dia inteiro.

Faço múltiplas coisas ao mesmo tempo. (Igor, 23 anos, professor)

acesso facebook, e-mail, youtube, sites de receitas, twitter, sites de fotos..

não posso dizer quanto tempo uso pra cada, porque abro um em cada aba, e *uso tudo junto!*

acho que fico na internet pelo menos umas 4h por dia, no total. (Marina, 25 anos, estudante de enfermagem)

[quanto tempo você costuma ficar online por dia?]

depende do dia

em geral,umas 3h...mas não significa necessariamente 3h em frente ao pc

eu posso estar online pq to baixando coisa,por exemplo.

aí eu estaria com a internet ligada,mas não no computador

posso estar lendo e com o facebook aberto

ou então arrumando o quarto e ouvindo música do youtube (Helena, 24 anos, professora)

Esse tipo de discurso se aproxima bastante de um achado levantado em um estudo anterior (NICOLACI-DA-COSTA, 2011), que abordava a concepção que os jovens contemporâneos têm de espaço, bem como a circulação que praticam entre diferentes espaços (tanto físicos quanto virtuais). Em tal pesquisa, foram colhidos diversos relatos que indicavam que os jovens têm a nítida impressão de realizarem várias tarefas ao mesmo tempo, sem se darem conta das estratégias que utilizam para alcançar tal feito. Assim, a realização de múltiplas tarefas on-line (ou simultâneas a tarefas fora do computador) só é possível, conforme apontado por alguns entrevistados daquela pesquisa, por três razões principais: (1) os jovens estabelecem prioridades de foco de acordo com seu interesse imediato; (2) dividem sua atenção entre os muitos estímulos; e (3) alternam rapidamente de uma para outra tarefa enquanto esperam a conclusão de uma delas (uma resposta no chat ou o carregamento de uma página, por exemplo).

Não cabe retomar aqui toda a interessante discussão levantada pela autora acerca do surgimento de uma espécie de mitologia de superpoderes da chamada geração multi que, aliado à confusão quanto ao significado da palavra multitarefa, vem produzindo um novo conceito de simultaneidade. O que nos interessa aqui é observar que essa sensação de fazer tudo ao mesmo tempo constitui um fenômeno recorrente para a geração mais jovem. Os dados para a referida pesquisa foram coletados cerca de três anos antes da realização das entrevistas para o presente trabalho. Embora este possa ser considerado um período curto de tempo (se pensarmos em termos sociológicos), trata-se de um lapso temporal considerável na era da Internet. Isso porque três anos são suficientes para o aparecimento de muitos recursos novos e aparelhos capazes de afetar significativamente os hábitos

de quem deles faz uso¹⁴. Por essa razão, a manutenção da tendência (ou da ilusão) de realização de múltiplas atividades ao mesmo tempo sugere que este seja um padrão comportamental na nova geração.

No que diz respeito ao humor e ao presente trabalho, este hábito de execução “simultânea” de atividades (do qual a abertura de várias abas no navegador de Internet constitui uma boa metáfora) tem pelo menos duas consequências importantes. A primeira delas é que o humor aparece diluído em meio aos vários outros usos da Internet. Este aspecto pode ser extrapolado da fala de uma entrevistada. Ao ser perguntada sobre as redes sociais que utiliza, ela responde:

uso o twitter
gtalk
g+
tumblr
grooveshark
linkedin
basicamente esses
mas tenho conta em praticamente todas as redes sociais que existem hahaha
só não as acesso com a frequência das citadas acima
[e essas que você citou também servem de canal pra você receber coisas engraçadas?]
sem duvida alguma!
fonte inesgotável de entretenimento
informação
e diversão regada a muiiitas risadas (...)
em horario de trabalho, fica dificil realmente [acessar conteúdo humorístico]...mas
horario de almoço (via cel) e quando estou em casa, de bobeira, tenha 101%
certeza que estou navegando por pelo menos 10 sites ao mesmo tempo, e grades
chances de serem bobeyras
mas tb navego por sites de tecnologia, inovação, cloud computing e mobile
development...HUNF!
#TIgirl (Gabi, 28 anos, analista de TI)

Além da diluição do humor em meio a outros conteúdos, outro desdobramento importante do hábito de fazer várias atividades simultaneamente é que esta geração não se sente totalmente atingida pelo humor produzido fora desse contexto. Os próprios entrevistados, de maneira geral, se consideram um público-alvo diferente e creem que o êxito do humor na Internet se deve em parte ao fato

¹⁴ Apenas a título de exemplo, neste espaço de tempo, a Apple lançou quatro modelos de iPhone (3GS, 4, 4S e 5) e o Facebook tornou-se a rede social mais utilizada por internautas brasileiros. (Dados obtidos em pt.wikipedia.org)

de ele ser feito por e para sua geração. Este ponto será retomado mais adiante, quando tratarmos das características do humor na Internet.

5.4. Facebook

Embora não houvesse um item específico no roteiro referente ao Facebook, ou mesmo um item que tratasse diretamente, ainda que de modo mais abrangente, de redes sociais, esta foi uma categoria amplamente presente no discurso dos entrevistados. Mais adiante, discutiremos as fontes de humor na Internet e os caminhos mais comuns para se chegar até elas. Antes, porém, convém destacar que o Facebook foi a plataforma de acesso a conteúdo humorístico mais citada pelos entrevistados. Em seus discursos, a rede social aparecia tanto como um caminho para levar ao humor (através de links para outros sites), quanto como uma fonte em si (conteúdo publicado na própria rede social).

Como foi possível depreender dos depoimentos, o Facebook se tornou um grande agregador de conteúdo. Nele, circulam todos os tipos de informação. Geralmente, essa circulação se dá por dois meios: a atualização dos próprios amigos (que publicam links, artigos, reportagens, vídeos, fotos, comentários relacionados ao que está acontecendo, etc.) e a atualização das *fan pages*¹⁵ que o usuário acompanha (que também podem veicular qualquer tipo de conteúdo). Para tornar mais claro esse caráter agregador do Facebook, vejamos um dos relatos fornecidos a seu respeito (com grifo meu):

sou uma traça de sites
em linguajar de galpão
mentira

sou formada em Tecnologia da Informação e estudante de Tecnologia & Inovação... além de fissurada em tecnologia, tenho inclinações fortíssimas à desenvolvimento web e plataformas mobile. E por conta de tanto tempo na frente de um computador, minha maior aliada desde os meus 12 aninhos é definitivamente a dona world wide web

¹⁵ “As páginas de fãs (fan pages) existem para que as organizações, empresas, celebridades e bandas transmitam muitas informações ao seus seguidores ou ao público que escolher se conectar a elas. Semelhante aos perfis, as Páginas podem ser aprimoradas com aplicativos que ajudem as entidades a se comunicarem e interagirem com o seu público e adquirirem novos usuários por recomendações de amigos, históricos dos Feeds de notícias, eventos do Facebook e muito mais.” (Fonte: <http://www.webinterativa.com.br/blog/social-media-marketing/o-que-e-uma-fan-page-pagina-de-fas/>)

mais conhecida como a boa e velha internet.
 além de fonte de estudos e toda e qualquer informação que preciso,
 é também objeto de trabalho e claro...entretenimento, pela gama incalculável de
 opções de conteúdo, especialmente de humor
 (...)
 tenho amigos que compartilham dos mesmos gostos que eu, lê-se adeptos da
 cultura nerd e/ou da área de TI
 como me mantenho conectada quase 24h por dia, me comunico um bocado com
 muitos deles
 e vamos trocando informações
 assino alguns podcasts, leio blogs, sites, jornais on-line, revistas on-line,
 everything.
ultimamente, o Facebook tem unido todas as informações em um só.
 Ele é meu facilitador na comunicação com família e amigos,
 fonte de diversão,
 de notícias
 e de voyeurismo - já que leio absolutamente tudo que todos os meus amigos postam
 haha! (Gabi, 28 anos, analista de TI)

O depoimento acima nos mostra que grande parte da imensa variedade de conteúdo e também algumas importantes utilidades da Internet (como a comunicação com outros internautas) passaram a ser abrigadas, ou pelo menos citadas ou indicadas, no Facebook. Seguindo a lógica de rede na qual o Facebook é baseado, esse caráter agregador tende a acelerar a velocidade com que qualquer informação se propaga entre os usuários do site.

Outro entrevistado nos dá uma explicação mais detalhada quanto aos requisitos para se encontrar humor no Facebook. Vejamos seu relato:

o Facebook é uma boa fonte de humor se você tiver qualquer uma das duas coisas:
 1- pessoas com senso de humor similar ao seu vão encontrar coisas interessantes e compartilhar
 2- a capacidade de se divertir com a quantidade de besteiras que são escritas diariamente pelos seus amigos
 que vão encontrar* (Davi, 28 anos, engenheiro)

No fragmento acima, Davi nos explica como usufrui o humor que circula no Facebook a partir dos seus contatos. Como descrevi anteriormente, as publicações feitas pelos amigos são um dos meios de acesso aos muitos conteúdos veiculados no Facebook. Mas existe ainda, como vimos, um outro meio principal, que é através das *fan pages*. Este segundo meio também foi mencionado por outros entrevistados. Vejamos, como exemplo, um desses depoimentos. Ao ser pedido

que esclarecesse os meios de acesso a conteúdo humorístico no Facebook, Alice responde:

[são] mais páginas humorísticas, porque eu não vejo as atualizações da maioria dos meus amigos (configurei dessa forma)
mas uma vez ou outra algum amigo posta algo engraçado (Alice, 24 anos, fotógrafa)

O Facebook voltará a ser mencionado nas seções a seguir. Mas optei por destacá-lo em uma categoria à parte em virtude da recorrência com que esta rede social aparecia ao longo dos diálogos, deixando claro que, para os entrevistados, ela merecia ser tratada como mais do que um tópico periférico. Em outras palavras, ficou evidente que, atualmente, falar de humor na Internet é praticamente sinônimo de falar de Facebook.

5.5. Outras fontes de humor na Internet

Além do Facebook, também foram mencionadas pelos entrevistados muitas outras fontes de humor na Internet. É interessante ressaltar que grande parte deles citou espontaneamente exemplos da Internet ao responder a pergunta sobre suas fontes (gerais) de humor. Assim, ao discorrerem sobre o que costuma fazê-los rir, muitos entrevistados incluíram canais da Internet (YouTube, Facebook, blogs, etc.) em sua resposta, sem que ela tivesse sido mencionada na pergunta.

Quando a Internet não era espontaneamente citada, eu acrescentava uma pergunta indagando especificamente sobre as fontes de humor on-line. Vejamos alguns depoimentos que revelam as principais fontes de conteúdo humorístico apontadas pelo grupo:

ultimamente o que mais tem me feito rir, são os videos do "porta dos fundos"
mas geralemnd
geralmente me divirto tb com postagens engraçadas, de amigos descrevendo
situações, ou piadas protntas naquelas que vem com fotinhos
tb godto de alguns blogs
"te dou um dado" que zoa com o mundo das subcelebridades, "planeta bizarro" do
G1
"Kibe Loco"
"como eu me sinto"
por ai... (Beatriz, 25 anos, *cake designer*)

[onde você encontra humor na internet?]

quase maioria do q vejo...
 de forma aleatória e sem uma ordem
 boa parte no proprio face
 tirinhas
 (...)
 chongas, kibeloco, testosterona
 de vez em qnd uns memes ai da vida... (...) um q n citei é o comoeumesintoquando
 excelente! <http://comoeumesintoquando.tumblr.com/> (Carlos, 28 anos, web
 designer)

Acho que tem muito material criativo que me faz rir [na internet], ainda mais com coisas simples, curtas e muito boas. Tais como se apresentam em redes sociais como Facebook e Twitter. Gosto mesmo. Inclusive de contribuir. rs (...)
 Na internet vejo uma possibilidade de renovação como a cultura de "vlogs"¹⁶ humorísticos sobre vários temas, canais de humor no Youtube(Ex Parafernália e Porta dos Fundos, esse segundo ganhador de melhor programa humorístico do ano) e os "humoristas de poucas palavras" que se expressam pelo Twitter. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Os três fragmentos apresentados acima já são suficientes para delinear algumas das principais fontes de humor on-line lembradas pelos entrevistados. A pluralidade de formas e conteúdos com que o humor se manifesta na Internet torna difícil estabelecermos qualquer tipo de classificação a seu respeito. Ainda assim, o que ficou claro com base nas entrevistas é que os vídeos ocupam um lugar de destaque no cotidiano dos usuários, sendo o YouTube a sua principal plataforma de acesso. Esses vídeos, de acordo com os participantes, se dividem em pelo menos duas vertentes. A primeira compreende os vídeos produzidos profissionalmente com a finalidade evidente de fazer humor. Neste grupo, foram mencionados muitas vezes os vídeos do Porta dos Fundos e Parafernália (como vimos acima), que são produtoras dedicadas exclusivamente à web.

Já a segunda vertente dos vídeos considerados engraçados pelos entrevistados abrange aqueles que não têm o humor como finalidade. Geralmente, são produções amadoras que acabam ganhando notoriedade e se espalhando pelas redes sociais em virtude de seu teor bizarro ou tosco. Como esclareceu um dos entrevistados, esses vídeos costumam exibir: “anônimos tentando o estrelato, ‘videocassetadas’, músicas trash” (Igor, 23 anos, professor).

¹⁶ O próprio entrevistado, em outro momento da entrevista, esclarece o que é um vlog: “Um video onde alguém expõe uma opinião pessoal sobre diversos assuntos. Seria diferente de um blog que pode ser a mesma coisa porém é algo escrito.” (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Além dos vídeos profissionais e amadores, também foram citados sites e blogs dedicados especificamente a conteúdos cômicos. Como vimos nos depoimentos de Beatriz e Carlos, o Kibe Loco e o Como Eu Me Sinto Quando foram os mais lembrados pelos entrevistados. Além desses, foram citados ainda: Anões em Chamas, Te dou um dado, Planeta Bizarro, Chongas, Testosterona, 9gag, BuzzFeed, College Humor, Funny or Die, The Onion, Sensacionalista e Morri de Sunga Branca.

Outra plataforma citada por alguns entrevistados como fonte de humor foi o Twitter. Assim como acontece com o Facebook, o Twitter serve tanto como fonte quanto como caminho até o conteúdo humorístico. O caráter de fonte se manifesta por meio da publicação de frases (de até 140 caracteres) de teor cômico no próprio site. Mas o Twitter pode ser também o caminho, quando ao invés de publicarem nele o conteúdo propriamente cômico, seus usuários publicam links para outros sites onde está o conteúdo humorístico.

Ainda acerca do Twitter, as entrevistas revelaram que esta rede social vem perdendo a atenção dos usuários. Embora muitos entrevistados mantenham ou já tenham tido contas no Twitter, atualmente o acompanhamento do conteúdo publicado ali já não é mais tão assíduo quanto no Facebook, por exemplo. Foram frequentes expressões que indicavam esse gradual afastamento da rede social, tais como “o twitter anda meio devagar comigo” e “já usei mto twitter mas tá abandonado”. No entanto, apesar dessa diminuição no acesso, os relatos deixam claro que o Twitter continua sendo lembrado como uma das fontes de humor na Internet.

Todos os meios citados acima (Facebook, YouTube, blogs diversos e Twitter) servem de veículo para a propagação dos chamados memes, termo bastante utilizado pelos entrevistados. Antes de explorarmos com mais atenção a fala de um deles no tópico a seguir (tratando ainda das fontes de humor na Internet), convém apresentar uma breve explicação do que são os memes. O conceito de meme foi estabelecido pelo biólogo Richard Dawkins (1976; apud Recuero, 2006). Este autor, comparando a evolução cultural à evolução genética, definiu o meme como uma unidade de informação que se perpetua ao ser

transmitida pelos seus replicadores, isto é, as pessoas. Assim, o meme pode ser entendido como o “gene” da cultura.

Na Internet, a palavra meme foi adotada para designar qualquer ideia, palavra, frase, vídeo, imagem ou link que se propaga através da Web, podendo permanecer o mesmo ou sofrer variações. Essas variações podem ocorrer através de comentários, imitações, paródias, etc, sempre mantendo algum elemento que remeta à informação original (RECUERO, 2006; WIKIPEDIA, 2013).

Finalmente, as entrevistas indicaram que, além de todos os espaços e produções devotados especificamente ao humor, a Internet também oferece acesso a conteúdos humorísticos em outras plataformas. Assim, no universo virtual, todo e qualquer canal de comunicação (site, blog, e-mail, redes sociais, etc.) pode, potencialmente, ser um veículo de transmissão de humor. Isto fica evidente a partir da fala de um dos entrevistados:

a informalização da internet faz com que possamos achar um pouco de humor em todo lugar
 todo grande portal de notícia já estampa notícias "cômicas" do tablóide em sua página principal (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

5.5.1. Troll, memes e as profundezas da Internet

Ainda concernente à categoria das fontes de humor na Internet, o discurso do último entrevistado citado chamou-me bastante a atenção. Ao tratar deste assunto, Davi apresentou uma explicação mais detalhada sobre o surgimento e a popularização dos memes, e discorreu ainda sobre o que chamou de “camadas profundas da Internet”. Além disso, o participante explicou também um outro fenômeno (segundo ele, humorístico) ao qual nenhum outro participante fez menção. Devido ao seu caráter idiossincrásico e à riqueza do depoimento fornecido, optei por destacá-lo aqui, em uma subcategoria própria. Vejamos seu relato:

todos esses memes que infestaram a internet brasileira em 2012
 (...) não são de agora, surgiram há vários anos, pelos idos de 2006
 em comunidades mais "underground" como o 4chan
 e a forma de se fazer humor com eles mudou

os memes originais eram cômicos à sua maneira de humor de internet

[como assim?]

a internet tem vários níveis de profundidade
e grande parte do conteúdo "pop" da internet vem das camadas mais profundas
e às vezes consegue emergir
para a "superfície"
onde todo o público tem acesso
com isso, o tipo de humor se democratiza também
e o frenesi por popularidade faz com que tudo seja usado à exaustão
até que as coisas não tenham mais graça

[e onde ficam ou o que são essas camadas mais profundas?]

a profundidade da web está diretamente ligada à dificuldade de acesso e fator
"politicamente incorreto"
comunidades "sem regras", como o 4chan há alguns anos
é um desses exemplos (...)
fóruns de temas controversos
e você pode ir descendo até níveis de sites de criminosos como pedófilos e
traficantes
o 4chan era um conjunto de "imageboards"
fóruns rápidos onde você pode responder postando imagens ou texto
sem a necessidade de cadastro
com categorias distintas
uma dessas categorias era o /b/
também conhecido como Random
que até hoje, é o fórum com mais posts da internet
entrei agora e vi o post nº 440.101.142
440 milhões de posts
só nessa subcategoria
(...)
é fácil atingir esse número quando
os posts não precisam ter sentido ou conteúdo relevante
e é daí que surge boa parte do humor "nonsense" da internet (...)
vale notar que eu parei de acompanhar o 4chan
pois ele também perdeu a essência que tinha
(...)

[pode explicar um pouco mais sobre os memes?]

as figuras dos memes representavam personalidades das comunidades onde eles
existiam
os memes não eram difundidos por toda a internet
e eram mais engraçados pois o seu humor era mais direcionado, e atingia as
pessoas que conheciam o jeito dos lugares
é como um carioca entender piadas sobre o Rio
e achar mais engraçado
do que uma pessoa de fora
e, também, por não estarem tão difundidos, a criação de conteúdo era mais
dedicada e restrita
quando eles emergiram para a popularização global
todo mundo começava a usar meme em qualquer coisa
tudo era meme
faziam tirinhas sobre coisas como ir no banheiro e acabar o papel
e aí inseriam o meme do "ffffuuuuuu"
que é a cara de fúria
e aí tudo ficou superficial demais

[hoje você ainda acessa as fontes daquilo que pode se tornar pop amanhã?]

o problema não é se tornar pop
estou soando meio “hipster” com a coisa toda
eu gosto de coisas populares
meu único problema com a popularização dessas coisas
é que pessoas sem boas sacadas e talento humorístico
começam a usar as piadas à exaustão
e aí cansa (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

Considere este relato importante porque, além de dissecar um tema apenas mencionado rapidamente por outros entrevistados, ele também enriqueceu a explicação que outras fontes mais formais (como as já citadas RECUERO, 2006 e WIKIPEDIA, 2013) oferecem sobre o assunto, somando a elas o ponto de vista informal de quem experimentou a evolução e a popularização dos memes como usuário. Em seu depoimento, Davi menciona ainda a existência de camadas mais profundas na Internet, algo que costuma passar despercebido à maioria dos internautas, tendo em vista o fato de que nenhum outro entrevistado fez qualquer menção a tais camadas. Embora essa ausência de outros depoimentos semelhantes torne difícil a realização de uma análise mais consistente e detalhada sobre o tópico levantado, dada a riqueza das informações oferecidas por Davi, julguei a sua fala digna de registro.

Outro ponto interessante trazido à tona pelo mesmo entrevistado (e somente por ele) foi o fenômeno conhecido como *troll*. A partir de exemplos próprios, Davi nos mostra o que é, como e por que age um troll.

o Facebook é uma boa fonte de humor se você tiver qualquer uma das duas coisas:
1- pessoas com senso de humor similar ao seu vão encontrar coisas interessantes e compartilhar
2- a capacidade de se divertir com a quantidade de besteiras que são escritas diariamente pelos seus amigos
que vão encontrar*

[você tem essas duas coisas?]

definitivamente
eu tenho a terceira coisa, que é o fator "espírito de porco"
hahahaha
que é criar controvérsias e discussões alheias através de comentários intencionalmente estúpidos
me divirto quando vejo alguém que trabalha na mesma área que eu tentando ostentar conhecimento
ou em qualquer área, no geral
aí reduzo-me ao pior dos ignorantes e faço perguntas completamente óbvias ou paradoxais
é muito engraçado

esse é o famoso "troll"

(...)

[lembra de algum exemplo?]

o troll é uma figura da internet

que é a pessoa que faz comentários "inocentes" que provocam discussões acaloradas ou guerras

um exemplo

vi uma vez uma discussão

em que a pessoa que iniciava a discussão falava com muita paixão e fanatismo por Star Wars

então eu escrevi algo do tipo "ah, eu acho Star Wars muito chato, eles com aquelas orelhas pontudas e aquelas roupinhas coladas na nave, nada a ver..."

e aí você tira a pessoa do sério

(...)

uma vez eu vi um applemaníaco

postando sobre o iPhone

e elogiando

eu perguntei se iPhone rodava Android

[e qual foi a reação?]

eles acham um absurdo

as reações são mistas, quanto mais gente interage, mais engraçado fica

dá pra sentir que irritou eles, mas eles ainda tentam manter a compostura

aí você vai e pergunta algo mais estúpido ainda

do tipo

"eu comprei um iPhone essa semana, mas a antena da TV não está dobrando direito, é assim mesmo?"

ahhahah

[então, pelo visto, além de "consumir" humor na internet, você também faz, né?]

faço sim

de uma forma bem egoísta

hahaha

mas faço

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Troll \(internet\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Troll_(internet))

só eu rio quando faço algo assim

ou quem identifica o troll

o troll ri para si

[isso não vai um pouco na contramão da cultura do compartilhamento que parece imperar na internet?]

a internet tem de tudo

Neste trecho, mais uma vez, temos um relato da entrevista que enriquece a nossa compreensão do fenômeno do humor na Internet. Embora esse depoimento seja único, ele reitera algo explicitado pelo próprio Davi, mas presente também no discurso de outros entrevistados: na Internet, o humor não fica restrito a lugares especialmente dedicados a ele, mas está presente e se propaga através de toda a rede. Embora, até certo ponto, isso possa ser dito também a respeito do humor feito fora da web, uma das grandes diferenças, como veremos mais adiante,

consiste no caráter público que qualquer manifestação humorística pode assumir na Internet, sem que seus produtores tenham de se valer de uma organização midiática de grande porte para alcançar uma larga audiência. Dito de outro modo, no universo virtual qualquer usuário comum pode produzir um conteúdo engraçado e atingir (intencionalmente ou não) um grande público. Voltaremos a este ponto quando tratarmos das características do humor on-line.

5.6. Consumo passivo e consumo ativo

Tendo conhecido melhor as fontes do humor na Internet, podemos explorar agora os caminhos pelos quais os internautas chegam ao conteúdo humorístico ou o caminho percorrido pelo conteúdo até chegar aos internautas. A análise desse tema ao longo das entrevistas permitiu observar que os próprios participantes estabelecem uma distinção entre o consumo ativo e o consumo passivo do humor e se identificam como praticantes de um deles. Do total de entrevistados, oito se mostraram consumidores ativos, enquanto cinco se revelaram um comportamento mais passivo em relação ao humor. Vejamos a distinção.

Em linhas gerais, o consumo passivo se dá quando o internauta recebe o conteúdo sem ter a iniciativa ou a intenção de encontrá-lo, o que acontece principalmente nas redes sociais (em especial, o Facebook, como expliquei anteriormente). Nesses casos, é o conteúdo que, de alguma maneira, chega ao usuário, e não o contrário. Vejamos dois fragmentos que ilustram esse tipo de consumo (grifos meus):

não entro em sites pra rir.

meu humor virtual é mais passivo...

Eu estou fazendo algo "sério" e os amigos me mostram algo divertido [no facebook]. (Eduardo, 31 anos, historiador)

Ja tenho twitter há alguns anos, e o que passava a seguir geralmente vinha por indicação do próprio site, por RT ou replys¹⁷. No facebook, mesma coisa:

¹⁷ RT e Reply são dois recursos bastante utilizados no Twitter. Um RT é simplesmente uma mensagem encaminhada (re-tweet), isto é, ao ler uma publicação de um usuário que você segue, você pode repassá-la aos seus seguidores, dando um RT. Já o Reply corresponde a uma resposta. No Twitter, as mensagens são públicas. Mas, ao ler uma mensagem de alguém a quem segue, o usuário pode publicar outra mensagem como resposta à primeira. Essa ação é chamada "dar um reply".

indicações do site, compartilhamentos e likes. Quanto ao que vejo no youtube, geralmente são por links gerados nos outros dois sites. (...) *não corro atrás de coisas novas.. só conheço o novo por indicação, recomendação, etc.* (Marina, 25 anos, estudante de enfermagem)

Ainda em relação ao consumo passivo, foi possível notar que alguns entrevistados o consideram um fenômeno involuntário, praticamente inevitável e mesmo obrigatório. Uma vez acessando o Facebook, por exemplo, o internauta acaba recebendo ou visualizando em sua própria página várias formas de conteúdo humorístico. É o que podemos depreender das falas de Helena e Leo (com grifos meus):

bom,toda vez q a gente abre o facebook sempre tem alguma coisa engraçada q algm [alguém] postou
aí aparece na minha pgn [página] inicial
é involuntário. a gente acaba lendo. (Helena, 24 anos, professora)

[na internet, você costuma ver algo de engraçado?]

geralmente os virais que saem por aí
atualmente não sou muito de procura novidades
mas uma vez ou outra acabo assistindo canais de curtas de comédia
e quando postam no face, um milhão de coisas com aquelas fotos e memes
que acabam sendo engraçado
(...)
pelo modo de compartilhamento de imagens *you acaba sendo obrigado a ler os memes*
e vídeos muitos chegam no chat mesmo
direcionado
"olha isso" ou um "kkkk, veja isso"
as pessoas repassam muito hoje em dia (Leo, 21 anos, radialista)

Assim, embora isto não pareça ser percebido como algo necessariamente negativo ou problemático, o consumo passivo de conteúdo humorístico muitas vezes se dá de modo involuntário. É curioso observar, entretanto, que mesmo os entrevistados que relataram esse aspecto imperativo do consumo contribuem para que ele continue acontecendo, ao divulgarem o que consideram engraçado. Vejamos, por exemplo, mais um fragmento da entrevista de Leo:

[você também repassa quando vê algo engraçado?]

às vezes
ou coloco no mural
ou mando pra uma pessoa que talvez se identifique ou curta o vídeo, foto,o que for
(Leo, 21 anos, radialista)

Na próxima categoria, trataremos mais detalhadamente dessa divulgação de conteúdo humorístico que é feita por usuários comuns. Por ora, convém apenas ressaltar que, se por um lado o consumo ocorre frequentemente de modo involuntário, por outro, em contrapartida, os próprios consumidores costumam também divulgar de maneira consciente, intencional, as coisas engraçadas que encontram pela rede.

O segundo tipo de consumo de conteúdo humorístico apontado pelos entrevistados é o consumo ativo. Neste caso, o próprio internauta vai em busca desse tipo de conteúdo. É interessante observar que aqueles que se consideram consumidores ativos de humor, não descartam o consumo passivo. Trata-se, portanto, de um grupo que, além de receber humor de outros usuários, também tem a iniciativa de buscá-lo, tentando, por diversos meios, chegar às fontes desse conteúdo. Vejamos três fragmentos que revelam essa modalidade de consumo:

[como você chega às coisas engraçadas?]

Facebook é o principal (...)

Fan pages e compartilhamento de amigos

Além disso eu tb acesso blogs e canais do YouTube

[quais?]

Porta dos fundos, Anões em chamas e mais raramente Kibe Loco (Antônio, 30 anos, empresário)

(...) o humor nesses tipos de sites é consumido

you tem que ir até ele e encontrar o que você vai digerir

então normalmente você entra, busca coisas interessantes, ri de algumas postagens

e aí você compartilha algumas coisas com alguns amigos que também ririam disso e eles compartilham com você (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

acho que tem aquele conteúdo que é o viral, que se espalha pelo facebook e todo mundo da tua roda de amigos, em dois dias já viu

tipo a pegadinha do elevador do silvio santos, que um viralzinho de ontem pra hoje esses chegam pelo facebook. Os outros eu vou buscar, indo de site em site (Fabio, 28 anos, roteirista)

Em resumo, então, fica claro que o conteúdo humorístico é acessado de duas formas pelos internautas: ou de forma passiva (quando apenas recebem o conteúdo através das redes sociais) ou de forma ativa (quando vão até os sites onde costumam encontrar esse tipo de conteúdo).

5.7.

Compartilhamento de conteúdo humorístico

Além de acessar e consumir conteúdo engraçado, todos os entrevistados relataram que também costumam compartilhar esse conteúdo com seus contatos on-line. Como vimos em uma das categorias já discutidas, o Facebook se tornou um grande agregador de atividades e ferramentas na Internet. Assim, é também por meio dele que a maioria dos entrevistados publica coisas humorísticas. Somente uma entrevistada revelou não utilizar o Facebook para este fim, preferindo fazê-lo através do MSN Messenger¹⁸, copiando links para amigos específicos. Além do Facebook e do MSN Messenger, foram citados ainda o Twitter e o YouTube como canais de compartilhamento de conteúdo engraçado.

No que diz respeito ao compartilhamento de conteúdo através do Facebook (que foi predominante entre os participantes), as entrevistas mostraram que a divulgação costuma ocorrer de quatro formas. A mais frequente delas é a publicação do conteúdo na página do perfil do próprio usuário (também chamada de mural). A segunda forma de compartilhamento é a publicação no mural de um amigo específico. Embora seja possível mudar as configurações de privacidade, geralmente as publicações no mural de um usuário ficam visíveis para todos os seus amigos (aparecendo na página inicial de cada um deles). O terceiro modo de divulgar conteúdo engraçado no Facebook é através do chat. Neste caso, um usuário envia uma mensagem privada que só é vista pelo seu destinatário. Por fim, a quarta maneira de divulgação de conteúdo é através das fan pages (que podem ser criadas por qualquer usuário).

Para explorarmos alguns aspectos desse hábito de compartilhamento, vejamos o depoimento de uma entrevistada:

[você costuma publicar coisas engraçadas?]

com certeza...em especial, créditos ao meu facebook e twitter... abobrinhas online, a gente vê por aqui.
já temos problemas demais na vida ne...postar problemas = NO GOOD
vamos ser felizes, minha gente!
vamos rir
hahaha

¹⁸ O MSN Messenger, à semelhança do Google Talk que foi utilizado para realização das entrevistas, é um programa de troca de mensagens instantâneas.

[e o que você costuma postar?]

ah

tem de tudo, confesso

às vezes posto coisas minhas, fotos minhas...mas muitas vezes, dou "share" em coisas engraçadas que me mandam ou que vejo em posts de amigos meus (Gabi, 28 anos, analista de TI)

Como podemos perceber pela fala de Gabi, os conteúdos compartilhados podem ser divididos em duas subcategorias: a das produções próprias e a das produções de outros. A frequência de publicação varia bastante de um entrevistado para outro, indo desde “raramente” até várias vezes ao dia. Geralmente, esta frequência também está associada ao tipo de produção (se própria ou alheia). A título de exemplo, observemos o depoimento de um dos entrevistados. Ao ser perguntado com que frequência costuma publicar coisas engraçadas no Facebook, Antônio responde:

Regularmente

Meus conteúdos próprios é mais pra uma vez por semana

Compartilhar é quase todo dia (Antônio, 30 anos, empresário)

A fim de tecer uma análise mais cuidadosa, vejamos, então, cada uma dessas subcategorias.

5.7.1.

Produções de outros

A partir das entrevistas, ficou claro que o Facebook tornou-se um grande agregador de conteúdo, em grande parte, graças à facilidade com que qualquer informação pode ser publicada e visualizada pelos usuários, no próprio site. Essa difusão de conteúdo abrange todas as temáticas imagináveis, inclusive o humor. À exceção de Alice, todos os participantes revelaram que publicam, com maior ou menor frequência, o que encontram de engraçado na Internet. Essas publicações tanto podem ser de conteúdos internos ao próprio Facebook (publicados por amigos ou por fan pages) como podem remeter a sites externos.

Um ponto interessante acerca das postagens do Facebook está relacionado a uma das características atribuídas pelos entrevistados ao humor na Internet, de maneira geral. Trata-se da “validade” desse humor. Como veremos mais adiante, o humor da Internet tem uma dinâmica peculiar, que implica em rápida difusão e

novidades constantes. Essa dinâmica acaba afetando também o desejo de compartilhar dos internautas. Vejamos um depoimento que ilustra este ponto. Ao ser perguntado se costuma publicar conteúdos engraçados, Igor responde:

Sim, sempre compartilho se ainda estiver na data de validade.

[o que determina a data de validade?]

Há coisas que serão engraçadas para sempre, há outras que apenas o furor do momento traz o ar cômico. Se uma coisa já foi replicada várias vezes, não vejo necessidade em fazê-lo novamente, apenas imagino que todos os meus contatos já tenham tido acesso. Não quero correr risco de postar algo já batido. (Igor, 23 anos, professor)

Quanto aos motivos para publicação, eles deverão ficar mais claros quando abordarmos as funções desempenhadas pelo humor. Por enquanto, cabe observar que grande parte dos entrevistados associou a publicação ao desejo de se sentir bem e de estender essa sensação aos seus amigos que podem se identificar com aquela publicação.

5.7.2.

Produções próprias

Todos os participantes que utilizam o Facebook para compartilhar conteúdo engraçado também produzem esse tipo de conteúdo e o divulgam na rede social. Todos eles o fazem publicando no próprio mural ou no mural de amigos. Além disso, dois deles, Carlos e Marina, criaram fan pages destinadas especificamente à publicação de conteúdo humorístico, sendo a dele dedicada mais a imagens (montagens ou fotos com legendas engraçadas) e a dela voltada para textos curtos e irônicos. Eduardo, por sua vez, cria histórias em quadrinhos e as publica em seu álbum no Facebook. Davi já publicou e Jonas publica vídeos de teor humorístico no YouTube. Gabi, Igor, Jonas, Leo e Marina também utilizam o Twitter para divulgar conteúdo humorístico próprio. E, por fim, Fabio passou de consumidor assíduo a profissional do humor, tornando-se roteirista de uma produtora de vídeos para web.

A maior parte das produções dos entrevistados é composta de conteúdo escrito, geralmente comentando situações do cotidiano ou notícias. Este é o caso de Leo. Ao ser indagado sobre o teor de suas produções humorísticas, ele esclarece:

Acho que mais coisas de situação da vida real mesmo
 algum conto ou crônica que faço ou comentário sobre determinada situação ou
 assunto
 e que quando você vê tá todo mundo curtindo ou compartilhando, já aconteceu
 Agora mesmo tá rolando um, nada demais, mas vai passando hahaha
[onde você publica?]
 No face ou twitter (Leo, 21 anos, radialista)

Com relação à frequência de publicações, como já foi dito, ela varia bastante de entrevistado para entrevistado. Alguns, como é o caso de Leo (citado acima), não têm uma regularidade de publicação, parecendo seguir mais a inspiração trazida pelos fatos ou assuntos do cotidiano. A esse respeito, vejamos o complemento do fragmento anterior:

não tenho uma frequência
 vem de acontecimentos
 às vezes rola, às vezes não
 às vezes comentário ácidos e engraçados
 não existe um cronograma, mas sempre tá ali haha (Leo, 21 anos, radialista)

A frequência variável de publicações também é mencionada por Jonas. Este entrevistado, no entanto, aponta a própria disponibilidade como motivo principal dessa variação. Vejamos o que ele diz:

Em média toda semana publico de 1 a 5 vezes. E dependendo da disponibilidade também pode ser mais como nenhuma vez. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Ainda em relação à frequência de postagens, Carlos e Gabi se mostraram os mais assíduos. Para publicar conteúdo humorístico, ele utiliza mais a fan page que criou com esse intuito, ao passo que ela o faz através de seu próprio perfil no Facebook e, mais raramente, através do Twitter. Acompanhem seus relatos:

[com que frequência vc posta coisas humorísticas?]
 de 5 a 6 vezes ao dia [na fan page]
[e no seu próprio perfil, qual a frequência?]
 qnd sobra tempo ou me aparece uma idéia (Carlos, 28 anos, web designer)

[com que frequência vc publica coisas humorísticas?]
 every day
 todos os dias mesmo
 não fico sem postar nem 1 dia
 mas se sao engraçados ou nao, depende
 90% são coisas bobas (Gabi, 28 anos, analista de TI)

Como mencionei anteriormente, um dos entrevistados passou de consumidor a produtor de humor, tornando-se roteirista de uma produtora de vídeos para a Internet. Embora seu caso seja o mais extremo, ele serve para ilustrar o fato de que, na Internet, a fronteira que separa consumidores de produtores tornou-se muito tênue e facilmente transponível. (De fato, este ponto foi mencionado por vários entrevistados como uma das características diferenciais do humor da Internet.) Por essa razão, considere interessante reproduzir aqui o depoimento de Fabio narrando essa passagem de consumidor a produtor de humor¹⁹:

eu trabalhava numa produtora de trilha sonora, era produtor executivo e co produzia umas trilhas tb
 eu entrava em varios blogs de humor
 muito mais do que entro hoje
 tinha um circuito que visitava todos os dias
 e gostava muito dos XXX [nome do site], que o diferencial era produzir videos de humor, esquetes, feitas por um pessoal de cinema, com qualidade boa de produção, o que foge um pouco das tosqueiras que todo mundo ri na internet
 um dia eles postaram que tava precisando de roteiristas
 no trabalho mesmo, escrevi um roteiro de duas paginas, de como seria a minha entrevista de emprego feita pelo Fulano [um dos atores do site]
 enviei, sem pretensão nenhuma
 eles entraram em contato comigo e marcaram uma reunião
 fui, e o Beltrano, diretor, gostou de mim
 fez a proposta de fazer um mes de experiencia
 como eu coincidentemente ia entrar de ferias em poucos dias, topei fazer esse mes de experiencia nas minhas ferias pra ver o que dava
 ganhando merreca
 fiz e gostei.
 no final do mes, tinha q voltar pro meu trabalho, e como ja tava meio descontente, perguntei se o XXX [site] ia me efetivar ou não
 o Beltrano fez um joguinho comigo, ele disse que era cedo ainda pra dizer, na verdade foi pra saber o que eu ia decidir
 eu decidi sair da antiga empresa e topa "continuar" la, sendo observado e ganhando merreca
 ele gostou da atitude e me contratou pouco tempo depois
 foi isso (Fabio, 28 anos, roteirista)

Apesar de parecer atípica, a experiência de Fabio revela o caráter democrático da Internet, que permite que qualquer usuário se torne criador de conteúdo. Essa realidade fica ainda mais evidente quando observamos que quase todos os participantes da pesquisa utilizam o Facebook para publicar conteúdo

¹⁹ Assim como foi feito com o nome dos entrevistados, neste relato, atribuí nomes fictícios ao site e às pessoas mencionadas a fim de preservar a identidade do participante.

próprio de teor humorístico. Embora a maioria deles se contente em atingir seus amigos com esse humor e se mostre satisfeita em obter dos amigos o retorno na forma de “likes”, comentários e compartilhamentos, o Facebook (e a Internet, de maneira geral) torna possível alcançar um público maior. Dentre os entrevistados, Carlos e Marina, que criaram fan pages onde postam conteúdo humorístico, demonstraram essa intenção de atingir um grande público. Observemos a fala dele:

tem uma fanpage q faz um 1 mes amanha q tento inserir humor em quase tudo
[https://www.facebook.com/\(...\)](https://www.facebook.com/(...)) [endereço da fan page]
 eu q fiz mas tá devagar ainda...
 (...)
 tá indo bem
 a meta tá bem longe
 MTO longe
 até o meio do ano q vem 500mil
 no mínimo
 levando em conta q temos 19milhoes e q pelo menos metade acessa internet
 e quase etodos q acessam tem face...
 tá de boa
 19milhoes em minas
 estimativa (Carlos, 28 anos, web designer)

Tomados em conjunto, os depoimentos de Carlos e Fabio, bem como os dos demais entrevistados, reforçam a ideia de que a Internet (especialmente o Facebook) se tornou uma importante plataforma de divulgação de conteúdo próprio. No tocante ao humor, essa facilidade de publicação transmite aos internautas uma sensação de maior liberdade de expressão. Quando chegarmos à categoria das características do humor on-line, mais adiante, voltaremos a abordar este ponto.

5.8. Uso de dispositivos móveis

Outro tema que procurei investigar nas entrevistas foi o uso de dispositivos móveis (smartphones, tablets, etc) e se esse uso tem alguma repercussão no consumo ou na produção de conteúdo humorístico. Dentre os entrevistados, sete utilizam smartphones, dos quais um também faz uso de tablet. De modo geral, seus relatos indicam que esses aparelhos móveis são mais utilizados para acessos rápidos a e-mail e Facebook, embora a posse do aparelho faça com que se sintam

sempre conectados. De acordo com a maioria dos entrevistados que utilizam a tecnologia móvel, essa restrição no uso se deve principalmente a três fatores: (1) a qualidade da conexão através desses aparelhos não é tão boa quanto do computador (2) algumas páginas têm a leitura ou a visualização mais difícil, porque não carregam bem; ou (3) o computador permite acesso a conteúdos múltiplos mais facilmente.

Somente um dos entrevistados relatou utilizar mais o aparelho móvel do que o computador para acessar conteúdo humorístico e explicou que essa opção se dá pela praticidade. Todos os outros, apesar de terem apontado o Facebook como um dos recursos acessados via dispositivo móvel, revelaram que costumam utilizar mais o computador (de mesa ou notebook) para acesso ao humor.

Somando a isso o fato de que um número considerável de entrevistados não faz uso da tecnologia móvel, parece claro que essa mobilidade ainda não trouxe um impacto muito significativo no humor – seja em relação ao consumo, seja em relação à publicação. Uma vez que o computador continua sendo, para a maioria dos entrevistados, a principal plataforma de acesso à Internet, também é por meio dele que chegam até o humor.

Desse modo, embora a mobilidade represente um grande potencial de mudanças, no que diz respeito ao humor, essas transformações ainda não se mostraram tão notórias.

5.9. Características do humor na Internet

A partir do contraste com o humor que circula fora da Internet, foi possível delinear algumas especificidades do humor veiculado na rede. Os discursos relacionados a esta categoria foram bastante ricos, apontando características que nos permitem compor um interessante retrato de como é esse humor, sob a ótica de seus consumidores.

Quase todos os entrevistados estabeleceram um contraste entre o humor na Internet e o de fora (apontando como exemplos livros, filmes, teatro e, principalmente, programas de televisão). A única voz destoante do grupo nesse

aspecto foi Eduardo. Este entrevistado, que produz quadrinhos e os divulga on-line, atribuiu à Internet algumas características que vários outros participantes associaram ao humor de fora da rede. Para Eduardo, a única diferença está no meio de comunicação. Vejamos seu depoimento:

[você vê diferenças entre o humor feito na internet e aquele de fora da rede?]

Eu diria que não... que só o meio de comunicação que muda.

Mas na verdade os meios obedecem às pretensões dos seus elaboradores.

A internet tem sofrido de um humor idiotizado.

O humor sagaz, malicioso, que transgride...

Tem sido perseguido.

Existe uma "Santa Inquisição", que vê preconceito e "bullying" em tudo.

E quanto mais idiotizado é o humor, menos crítica é a sociedade. (Eduardo, 31 anos, historiador)

Os demais entrevistados apresentaram relatos e pontos de vistas consonantes e complementares. Dada a riqueza e a amplitude do conteúdo trazido à tona, julguei oportuno organizá-lo didaticamente em subcategorias, cada uma delas representando uma característica (ou um grupo de atributos semelhantes) recorrentemente associada ao humor veiculado na Internet. É importante destacar que essas características estão atreladas umas às outras, de modo que a separação feita a seguir representa apenas um artifício didático.

5.9.1. Facilidade de acesso

Uma importante característica atribuída ao humor que circula na Internet é a facilidade de se chegar até ele, ou de recebê-lo. Essa facilidade está associada a outras características que explicarei mais adiante, como a diversidade de conteúdo. Vejamos um fragmento do depoimento de Alice, que serve para ilustrar este ponto:

o [humor] da internet é mais fácil de achar
na tv, a gente tem um número limitado de canais que passam certos programas em horas específicas
na internet tem milhares de pessoas fazendo graça ao mesmo tempo
é mais fácil de chegar algo engraçado a você, o que é bom se propaga rápido
(Alice, 24 anos, fotógrafa)

Essa facilidade mencionada por Alice faz com que o acesso ao conteúdo humorístico também seja visto como mais prático e confortável pelos internautas.

Tal conforto e praticidade foram frequentemente associados à possibilidade de acessar o conteúdo humorístico sem sair de casa, no horário que convém ao consumidor e ainda com a possibilidade de interrupções sem perdas. A este respeito, observemos o que nos diz outro entrevistado:

(...) as pessoas podem conferir aos poucos durante o dia e não precisam parar pra assistir. Mesmo que precisem parar, depois podem continuar de onde pararam com muito mais facilidade. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Como se pode ver, os discursos indicam que, para os jovens internautas, a facilidade de acesso representa uma importante peculiaridade do humor circulante na Internet. Algumas características mostradas a seguir tornarão mais claro por que essa facilidade é um item importante para o público que consome humor na Internet.

5.9.2. Rapidez

Outro aspecto importante do humor veiculado on-line é a sua velocidade, que parece abranger três vertentes: a produção, a duração e a difusão. A velocidade de produção diz respeito ao tempo de resposta a um acontecimento importante ou cômico. A já citada Alice nos oferece uma explicação acerca deste ponto:

a internet tem um poder de resposta muito rápido a coisas que acontecem se acontece alguma gafe num programa ao vivo, o cqc²⁰ pode mostrar isso uma semana depois mas em segundos já tem piadas na internet que qualquer um pode fazer. e qualquer um pode fazer sucesso também.. só precisa ser engraçado (Alice, 24 anos, fotógrafa)

Este trecho final de sua fala será abordado em uma subcategoria pertinente. Por enquanto, destaquemos apenas a velocidade. Contrapondo o humor que vê na Internet a um programa semanal de TV, Alice nos mostra que o primeiro veículo permite respostas mais ágeis, imediatas (palavras essas usadas por outros entrevistados), que contribuem para que o humor on-line seja considerado mais rápido que aquele circulante nas mídias pré-web.

²⁰ Programa televisivo de humor e jornalismo veiculado pela emissora Band.

Outro fator que contribui bastante para que o humor presente na Internet seja visto como rápido, é a duração dos produtos humorísticos. Em geral, as imagens, vídeos e textos que ganham popularidade na Internet pelo humor costumam ser produções curtas, que não requerem muito tempo para que sejam consumidas. Esse aspecto pode ser depreendido do relato de outra entrevistada:

na internet o humor acompanha a velocidade do próprio sistema web
 são piadas rápidas
 textos curtos
 tirinhas
 imagens
 vídeos
 não é nada que demanda muito tempo
 diferente de um filme,
 de uma peça de teatro,
 de um stand up comedy
 ou de um livro em si
 na internet há essa compressão proposital
 e faz sentido
 quando se está conectado,
 é difícil focar em apenas 1 única janela aberta
 se demanda muita atenção mt tempo ou mt esforço, na web, acaba não emplacando
 (Gabi, 28 anos, analista de TI)

E, finalmente, o terceiro fator que contribui para a rapidez do humor na Internet é a cultura de compartilhamento. Conforme descrevi em uma categoria anterior, o humor on-line é consumido tanto de maneira passiva (apenas recebendo o conteúdo através das redes sociais) quanto de maneira ativa (buscando o conteúdo engraçado em sites específicos). Qualquer que seja o modo de consumo, é um hábito comum dos internautas, como vimos, compartilhar o conteúdo recebido ou encontrado. Para ilustrar este ponto, cabe reproduzir aqui um fragmento de entrevista já citado (grifos meus):

(...) pelo modo de compartilhamento de imagens você acaba sendo obrigado a ler os memes
 e vídeos muitos chegam no chat mesmo
 direcionado
 "olha isso" ou um "kkkk, veja isso"
as pessoas repassam muito hoje em dia (Leo, 21 anos, radialista)

Esse hábito de difundir as coisas engraçadas vistas on-line ajuda a fazer com que o conteúdo humorístico se espalhe rapidamente. Assim, além da capacidade de responder prontamente a qualquer acontecimento e de sua curta (ou rápida)

duração, o terceiro fator que compõe a rapidez do humor na Internet é a sua velocidade de difusão. Tomadas em conjunto, essas características nos permitem compreender por que o humor veiculado na Internet é visto como mais rápido que aquele que se via nas mídias que a antecederam.

5.9.3. Construção democrática

Além de rápido e facilmente acessível, o humor na Internet também é visto como uma construção democrática. Isto se deve ao fato, já observado na fala de Alice, de que, na web, “qualquer um pode fazer” algo de humorístico. Nesse sentido, parece não haver mais uma fronteira muito nítida entre produtores e consumidores de conteúdo, o que abrange também o humor. Como vimos na categoria “Compartilhamento de conteúdo humorístico”, grande parte dos participantes da pesquisa costumam publicar produções próprias relacionadas ao humor. E, uma vez publicada na Internet, qualquer produção humorística tem o potencial de alcançar um público amplo. É isto que nos explica um dos entrevistados:

antes a produção de qualquer tipo de conteúdo estava atrelada às grandes empresas mas hoje a criação de conteúdo é democratizada
 não há mais tanta questão de superproduções
 muitos produtores amadores estão com uma base de público que nunca se imaginaria há 20 anos (...) (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

Fazendo coro com Davi, vejamos ainda a fala de Helena:

Fora da internet a participação do receptor é passiva.
 Dentro da internet ele não é um mero "receptor". Ele pode ajudar a construir,saca?
 por exemplo
 na página da letras da depressão [no facebook]
 o administrador da página posta umas fotinhos engraçadinhas às vezes
 tipo aquela do "feliz ano novo"
 mas eu,leitora e seguidora da página,já participei postando foto no mural deles.
 então eu ajudei a construir o humor de certa forma
 (...) então,nesse caso,eu não fui uma mera receptora
 eu acho que ajudei a produzir e promover a pgn
 se fosse na tv,por exemplo,eu não teria essa chance de produzir tb (Helena, 24
 anos, professora)

Os depoimentos de Helena e Davi já são suficientes para ilustrar o caráter democrático do humor na Internet. Como se pode ver, no universo virtual, os

próprios consumidores se tornam produtores, contribuindo não só com a difusão de conteúdo mas também com a sua construção. Essa construção democrática nos leva à próxima característica.

5.9.4. Flexibilidade e inovação

O humor na Internet é considerado também flexível e inovador. Esses atributos estão especialmente ligados aos dois últimos citados (a rapidez e o caráter democrático). Por responder aos eventos e se espalhar rapidamente, bem como pela facilidade com que qualquer internauta pode produzi-los, os conteúdos humorísticos veiculados on-line apresentam uma dinâmica própria, que os entrevistados consideram mais flexível que a de outras mídias. Vejamos dois depoimentos que apontam para a flexibilidade e a inovação como marcas desse humor virtual (grifos meus):

Internet é mais agil e atual, imediato. O dinamismo dos assuntos e a compactação da informação faz com que o humor seja mais inteligente, irreverente e *inovador* (Antônio, 30 anos, empresário)

O formato do humor televisionado tem muita rigidez. Como programas que permanecem do ar com praticamente a mesma dinâmica por muitos anos. (Ex: A Praça é Nossa ou Zorra Total). Por mais que ainda tenham muita audiência nos seus horários, tem sim seu motivo para permanecer no ar, a forma é muito restrita. Na internet vejo uma *possibilidade de renovação* como a cultura de "vlogs" humorísticos sobre vários temas, canais de humor no Youtube(Ex Parafernália e Porta dos Fundos, esse segundo ganhador de melhor programa humorístico do ano) e os "humoristas de poucas palavras" que se expressam pelo Twitter. *É um humor mais dinâmico com possibilidades.* (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Como nos mostram Antônio e Jonas, a própria dinâmica da Internet é diferente da de outros veículos (como a TV, por exemplo), sendo considerada mais ágil e menos rígida. Essas características acabam se manifestando também no humor veiculado e consumido na web. Desse modo, os próprios consumidores encaram o conteúdo humorístico visto on-line como algo inovador e flexível.

Um importante indício do êxito desse tipo de humor tanto aos olhos do público quanto aos olhos da “crítica especializada” é a notícia mencionada por Jonas acerca do prêmio recebido pela produtora Porta dos Fundos. Esclarecendo a

notícia²¹: em dezembro de 2012, a Porta dos Fundos foi premiada pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) na categoria Melhor Programa de Humor. Foi a primeira vez na história do prêmio em que ele não foi concedido a um programa de televisão, o que parece marcar o reconhecimento do espaço que humor on-line vem conquistando. De certo modo, isso ratifica e valoriza o caráter inovador apontado pelos entrevistados desta pesquisa.

5.9.5. Liberdade de expressão (“sem filtro”)

Outra característica citada recorrentemente no discurso dos participantes foi a liberdade de expressão. De acordo com os entrevistados, o humor presente na Internet não tem de passar por nenhum crivo ou censura antes de chegar ao público. Como vimos acima, qualquer internauta pode produzir algum tipo de conteúdo engraçado e publicá-lo na rede. Por essa razão, o humor publicado on-line é considerado mais livre, já que quem o faz pode escrever ou falar o que quiser, inclusive sobre marcas, assuntos considerados tabus e palavrões, como salientaram os entrevistados.

Como nos explica Beatriz, essa ampla liberdade possibilita a veiculação tanto de conteúdo considerado muito bom quanto daquele de gosto duvidoso, cabendo ao internauta fazer as suas escolhas em relação ao que prefere acessar. Vejamos seu relato:

o humor na internet nao tem filtro
completamente diferente de tv, revista, jornal...
a internet é uma "terra de ninguem," né??
assim como o conteúdo de humor, qualquer outro tipo de conteúdo, não tem filtro
palavrão, pornografia, insultos... td é permitido
e fica a criterio de quem acessa, escolher o q agrada
tem coisa boa, inteligente, inovadora... mas tb tem mto lixo! haha (Beatriz, 25
anos, cake designer)

Ainda de acordo com os entrevistados, a contrapartida dessa ausência de filtro é que o público consumidor de humor na Internet, embora seja bastante crítico (como veremos mais adiante), parece se chocar menos com piadas que,

²¹ Conforme Portal R7 (2012).

fora da rede, teriam uma grande repercussão. Marina nos explica isso a partir de um caso concreto:

(...) muito do cômico que vemos na internet costuma possuir mais "liberdade de expressão".. por isso, na internet é mais fácil encontrar coisas que são chocantes. posso exemplificar com um caso muito simples, inclusive.. aquela piada do Rafinha Bastos com a Wanessa Camargo poderia não ter sido tão chocante quanto foi, porque ele resolveu falar aquilo no ar, ao vivo, em rede nacional, na tv aberta. (Marina, 25 anos, estudante de enfermagem)

O mesmo exemplo foi mencionado também por outro entrevistado, ao tratar da liberdade de expressão na Internet. Como noticiado no Estadão Online²² à ocasião (e em diversos outros veículos), em setembro de 2011, o humorista Rafinha Bastos, então apresentador do programa de televisão CQC (na Band), ao comentar uma matéria que acabara de ser exibida no programa, fez uma piada sobre a cantora Wanessa Camargo, que estava grávida, dizendo: “eu comeria ela e o bebê”. O episódio gerou grande repercussão, desdobrando-se em processos, novas piadas e resultando, finalmente, no pedido de demissão do humorista à emissora.

Para os entrevistados, na Internet, piadas como a de Rafinha (consideradas polêmicas) costumam ser mais bem aceitas ou, pelo menos, toleradas. Isto porque o público do humor on-line reconhece na rede um espaço onde há mais liberdade de expressão do que aquela propiciada pelos veículos tradicionais (televisão, jornal, etc.). Assim, do mesmo modo como se sentem livres para manifestar suas ideias (inclusive suas críticas), os internautas também consideram que qualquer um que publique conteúdo humorístico na Internet usufrui essa mesma liberdade. Essa parece ser a razão pela qual o humor veiculado na rede tende a ser menos chocante para o público.

5.9.6. Diversificação e dedicação

O sexto aspecto associado ao humor on-line diz respeito à sua diversificação e dedicação. Embora, aparentemente, esses sejam atributos opostos, eles apareceram como complementares no discurso dos participantes. Isso porque,

²² Ver ESTADÃO.COM.BR (2011)

como explicaram, a variedade de conteúdo é tão grande que parecem existir produções dedicadas a cada tipo de gosto. Assim, a diversidade dos conteúdos faz com que eles sejam também dedicados, específicos. Para tornar esta ideia mais clara, vejamos o depoimento de Carlos (grifos meus):

a eficácia na internet é mto maior
na minha opinião
e baseado na crescente aí
é humor pra todos de forma q parece ser dedicado (Carlos, 28 anos, web designer)

Uma importante consequência dessa especificidade dos conteúdos humorísticos na Internet é que, muitas vezes, as piadas podem não ser facilmente apreendidas sem alguma familiaridade com o assunto tratado. De acordo com os entrevistados, essa característica seria um contraponto em relação ao humor veiculado na TV, por exemplo, que eles consideraram mais genérico. A esse respeito, vejamos o que nos diz Marina:

(...) o humor na televisão aberta é mais bobo, fácil de entender pela maioria das pessoas.
o humor da internet também tem isso, mas tem aquele humor mais sarcástico, que só é possível compreender se tiver um conhecimento prévio do assunto. (Marina, 25 anos, estudante de enfermagem)

Em alguns casos, a piada pode ser tão específica que, mesmo quando se trata de um assunto mais ou menos familiar a quem vê ou lê, ela pode não ser entendida. Vejamos um exemplo:

ah,tem umas [fan pages no facebook] tb que eu curto que são "...da depressão".
tipo "letras da depressão"
"linguística da depressão"
mas são um tipo de humor q pessoas de outras áreas talvez não entendam.
[por que os de fora não entendem?]
ah,por exemplo,ano passado a 'letras da depressão' postou a capa do livro do Rubem Fonseca
é um livro de contos chamado "Feliz ano novo".
E postou na época de ano novo
só que esse livro de contos é hiper-realista
só tem estória de tragédia,morte,drogas,estupro.
aí quem não conhece o livro não iria entender o trocadilho.
mas mesmo assim nessas páginas direcionadas a um grupo específico,não é sempre que eu entendo todas as piadinhas
por exemplo, na "trust me, I'm a linguist"
por haver diversas ramificações dentro da linguística e por eu não estar a par de todas elas,não é sempre que entendo uma piadinha postada. (Helena, 24 anos, professora)

Como fica claro a partir dos depoimentos citados acima, a Internet oferece uma ampla variedade de conteúdo humorístico, de tal forma que parece haver conteúdos direcionados a qualquer grupo específico. Essa especificidade (ou dedicação), por sua vez, faz com que muitas piadas fiquem restritas a um público menor, que tenha familiaridade ou conhecimento suficientes para entendê-la.

5.9.7. Público-alvo

Outra importante peculiaridade atribuída ao humor na Internet é o seu público consumidor. Os próprios entrevistados, que se consideram parte desse público, relatam que os hábitos, gostos e preferências das gerações mais jovens exercem grande influência sobre o humor que circula na Internet. Observemos o discurso de um deles:

Uma diferença básica pra mim é o público alvo. Ou o público "consumidor". Os hábitos de internet recentes são específicos de gerações mais recentes. Quem nem sempre tem o hábito de buscar humor na televisão. Justamente por encontrarem humor na internet. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Como vimos ao descrever o uso geral que os entrevistados fazem da Internet, essa geração se considera multitarefa, isto é, capaz de realizar diversas atividades simultaneamente. Esse tipo de comportamento contribui para que o humor com as características que estão sendo esmiuçadas nesta seção (facilidade de acesso, rapidez, inovação, etc.) alcance mais sucesso com o público mais jovem. Um dos participantes chega a decretar que, nesse cenário, a TV tal como a conhecemos hoje tende a desaparecer. Acompanhemos seu relato:

eu acho que a tv como temos hoje é um conceito ultrapassado
que vai cair nesse século
(...)
veja só
estou falando com você
tenho o facebook aberto
gmail
dois programas de trabalho
música tocando
e 3 monitores ligados ao mesmo tempo à minha frente
o consumidor de mídia dos novos tempos não quer mais sentar-se em um sofá e
esperar o seu programa começar
ele quer digitar o nome do programa

e assistir
 pausar na hora que quiser e voltar quando achar que deve
 enquanto manda um email e conversa com dezenas de pessoas simultaneamente
 (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

Além de ser multitarefa, o público que consome humor na Internet também é considerado bastante crítico. Em grande parte, essa crítica está associada à possibilidade de receber um retorno praticamente imediato dos consumidores, graças à interatividade propiciada pela web (trataremos especificamente dessa interatividade no próximo tópico). Fabio, que além de consumir também produz humor para a rede, explica que a liberdade irrestrita da Internet representa também um risco, se o público não for levado em conta. Vejamos o que ele nos diz:

o publico da internet é MUITO CRITICO
 e vc tem um canal de direto com ele, atraves dos comentarios do facebook e youtube
 as pessoas se ofendem com tudo, desconfiam de tudo
 por exemplo, a gente
 que brinca com marcas a vontade. Usa muita referencia [de marcas], as pessoas adoram
 mas depois de um tempo, começam a falar que é merchan, que a gente ta se vendendo. Bota a gente no mainstream. E quando vc ta no mainstream, vc é alvo de tudo. Pq antes, a gente era só "cult "
 e ai, vc vai ver, todo video tem algo pra alguem se ofender
 é como se as pessoas te pressionassem a voltar ao formato careta da TV (Fabio, 28 anos, roteirista)

É interessante observar que essa crítica do público do humor on-line, quando somada à liberdade de expressão que discutimos anteriormente, nos ajuda a entender que, na Internet, embora tudo possa ser publicado, quem faz o crivo dos conteúdos que alcançarão sucesso e se espalharão pela rede são os próprios consumidores. É compreensível, então, que os entrevistados tenham considerado o público como uma das características peculiares do humor que acompanham na Internet.

5.9.8. Interatividade

Como mencionei acima, a importância do público no humor na Internet está grandemente associada à possibilidade que esse público tem de manifestar suas preferências, opiniões e comentários em relação ao que vê. Assim, outra

característica marcante da Internet que se reflete no humor veiculado através dela é a sua interatividade. Como mencionado por Fabio (na última fala citada), o Facebook e o YouTube permitem que quem produz conteúdo tenha acesso direto aos comentários dos consumidores. Essa possibilidade de interação representa, para os entrevistados, uma mudança significativa em relação a outras mídias, permitindo que a participação dos receptores seja mais ativa (e também mais valorizada). É isso que nos diz Helena, apresentando ainda um exemplo:

(...) o humor de televisão é passivo,sabe? O espectador só recebe...não pode interagir de forma mais direta.
 Na internet,não. É diferente.
 Vc vê um vídeo e comenta, vc pode tanto dar um like quanto um dislike no youtube
 pode comentar
 até arrumar briga pode rs
 acho q recentemente aconteceu um exemplo legal
 o porta dos fundos começou zoando o spoletto
 o que era zoação virou uma divulgação do spoletto
 e eles até encomendaram mais vídeos com a temática 'spoletto'.
 se fosse na tv,acho que isso não aconteceria...pelo menos não antigamente.
 atualmente,vc vê coisas na televisão e pode comentar em fóruns na internet...mas antigamente,qdo não havia internet,isso não era possível. (Helena, 24 anos, professora)

O caso citado por Helena foi amplamente noticiado e comentado tanto por veículos on-line como pelas mídias tradicionais²³. Como mencionado por Helena, a produtora Porta dos Fundos (a mesma que foi premiada como Melhor Programa Humorístico pela APCA) publicou um vídeo em que ironizava o atendimento da rede de restaurantes Spoletto (sem, contudo, citar seu nome explicitamente). Diante do sucesso obtido pelo vídeo (mais de 400 mil visualizações em duas semanas), a reação do Spoletto foi patrocinar o canal da produtora no YouTube e pedir que o nome do vídeo fosse mudado de “Fast food” para “Spoletto”. Além disso, o Spoletto também encomendou à Porta dos Fundos uma continuação do vídeo, aproveitando para divulgar seus canais de atendimento ao consumidor.

Nesse caso, a característica interativa do humor na Internet ultrapassou os limites da própria rede (outra característica que veremos abaixo) e atingiu a relação de uma marca com seus consumidores, já que muitos deles utilizaram o

²³ Apenas a título de exemplo, ver Capelo (2012) e Levin (2012).

espaço para opiniões sobre o vídeo para publicarem seus depoimentos (muitos deles queixosos) em relação ao serviço prestado pela rede de restaurantes.

5.9.9. Superação das fronteiras

Finalmente, o último atributo relacionado às produções humorísticas acessadas na Internet é a superação das fronteiras com outras mídias. Em outras palavras, o humor veiculado na Internet parece extrapolar a própria rede e chegar a outros veículos (ou mesmo tornar-se assunto frequente de conversas informais off-line). Por outro lado, o contrário também pode acontecer, isto é, conteúdos produzidos para outras mídias podem ser publicados na Internet e, assim, atingir um público maior do que aquele contemplado pela publicação original. Para ilustrar essa característica, vejamos dois fragmentos de discurso:

(...) acho que o que acontece "ao vivo" acaba parando na Internet, e o que começou na Internet transcende e cai na boca das pessoas, aparece nas rodas de amigos.
(Igor, 23 anos, professor)

(...) observo que a [forma de humor] que predomina fora vem com a bagagem de dentro
claro que de dentro vem com conteúdo do dia-a-dia, pessoas e tals, e que é de fora
mas nos termos de linguagem, modo de falar
memes acabam tomando as ruas
frases feitas
essas coisas (Leo, 21 anos, radialista)

Ainda sobre essa transposição de fronteiras, Davi destaca que alguns personagens que se tornaram populares por meio da Internet acabam tendo essa fama estendida também para outros veículos, como a TV:

eu acho que o humor da internet está contaminando o humor de fora
(...) já podemos ver em canais como o Multishow, por exemplo
programas de tv feitos por celebridades da internet
que transportam o humor da internet pra outras mídias
celebridades da internet estão se tornando celebridades do mundo externo
aquela história da Luiza, que estava no Canadá
gravou comercial, foi pra globo, foi contratada para aparecer em eventos, etc
depois sumiu, da mesma forma que qualquer celebridade ganhava notoriedade após
aparecer na TV há alguns anos
e desfrutava dos seus 15 minutos de fama (Davi, 28 anos, engenheiro de software)

Com base no discurso dos entrevistados, fica claro, portanto, que o humor na Internet é tanto permeável (no sentido de “aberto” a receber conteúdos de fora da rede) como também capaz de permear outras mídias.

5.10. Funções do humor

O último assunto abordado na entrevista era a importância do humor para o entrevistado e para a sociedade. Mesmo que, ao longo da conversa, essa importância já tivesse ficado evidente (pelo menos a importância para o entrevistado), eu ainda assim formulava uma pergunta a fim de abrir espaço para possíveis comentários e reflexões adicionais acerca do humor. Surpreendentemente, este tópico final da conversa se mostrou muito interessante por revelar, mais do que a importância, as funções desempenhadas pelo humor na vida dos participantes.

Para tornar mais clara a exposição dos resultados, assim como fiz na categoria anterior sobre as características do humor na Internet, destaquei aqui seis elementos, presentes (e recorrentes) nos discursos dos participantes, que revelam as funções desempenhadas pelo humor. Na maioria dos casos, esses elementos apareceram entrelaçados nos discursos, isto é, cada entrevistado mencionava mais de um deles em sua fala. A separação apresentada a seguir, portanto, é apenas um recurso didático. Vejamos cada um dos seis elementos.

5.10.1. Satisfação de necessidade

Em primeiro lugar, o discurso de vários entrevistados indicou que o humor serve para satisfazer uma necessidade – seja ela de ordem social ou biológica. De acordo com eles, o humor tem uma grande contribuição no sentido de promover a saúde e o bem-estar, ajudando ainda a trazer certo equilíbrio, ao se contrapor aos aspectos mais densos e negativos de sua experiência cotidiana. Vejamos três fragmentos que ilustram essa função de satisfazer uma necessidade (grifos meus):

*(...) o humor é necessário, rir é necessário
rir de bobeira tb acho q é necessário
a vida é de mta pressão
e acho tb, que o humor sempre existiu*

de formas diferentes, mas *é vital ao homem* (Beatriz, 25 anos, cake designer)

a risada causa uma série de reações químicas positivas em nosso corpo e numa vida tão complicada, *o humor é sempre mto bem vindo* (Carlos, 28 anos, web designer)

eu acho que é uma *necessidade vital* o desprendimento de problemas, stresses e preocupações, em prol de entretenimento e diversão. E não digo em doses homeopáticas...mas também nada que extrapole o senso do ridículo. *Boas risadas são saudáveis, e valem de combustível para uma vida melhor, tenho certeza* (Gabi, 28 anos, analista de TI)

Como se pode notar, o riso (que foi diretamente associado ao humor) parece cumprir um importante papel na vida dos participantes, ajudando a satisfazer a necessidade fundamental de sentir-se bem.

5.10.2. Válvula de escape

Outra importante função desempenhada pelo humor é a de válvula de escape. Para os participantes, o humor ajuda a lidar com os aspectos mais problemáticos do dia a dia de maneira menos sofrida. Esse caráter de escapatória do humor foi especialmente associado aos problemas sociais. Observemos o que nos diz Fabio a esse respeito:

o humor é uma valvula de escape pessoal da rotina, assuntos pesados (...) corrupção, etc,
ele tb tem uma força critica, pq dá uma certa leveza a um tema ou assunto serio que deve ser cobrado pela sociedade
ele muitas vezes é mal usado, como se fosse a resposta final pra tudo.
e tb é otimo pra vida social, descontraír com bobearas (Fabio, 28 anos, roteirista)

É interessante notar que, embora aponte e valorize a função de válvula de escape desempenhada pelo humor, Fabio considera que o humor não deve ser usado como a resposta final para tudo. Ele ressalta ainda que o humor tem também uma força crítica, o que, de certo modo, pode ser considerado um contraponto à sua função de escape. Curiosamente, os três entrevistados que utilizaram literalmente a expressão “válvula de escape” (a ideia também estava presente em outros discursos, mas não a expressão), atribuíram ao humor o papel de crítica e de conscientização. É este papel que apresento a seguir.

5.10.3. Crítica

Embora sirva de escapatória aos problemas da realidade, essa parece ser apenas uma função parcial ou temporária do humor. Isso porque, como mencionei acima, os entrevistados que apontaram para o humor como uma válvula de escape foram os mesmos que reconheceram nele um importante instrumento de crítica e, ainda, de busca de soluções. Além de Fabio (já citado), Eduardo e Marina também apresentaram esse tipo de discurso. Vejamos seus depoimentos:

Eu acho que o humor além de ser uma válvula de escape à realidade, perversa, suja, malograda... é, também, um instrumento de crítica.

Quanto menos humor uma sociedade tem, ou quanto menos liberto esse humor é, mais fascista e autoritária.

O humor é raciocínio, inteligência, criticidade e autonomia de pensamento.

Por pior que ele seja.

Até uma piada racista ou machista reflete a realidade social.

Não devemos calar nem mesmo o que precisa ser criticado.

Por que não existe educação no silêncio. (Eduardo, 31 anos, historiador)

(...) eu diria que o humor pode ser uma ferramenta de conscientização ou também uma válvula de escape, e assim, encontrar soluções fictícias ou concretas pra certas situações, deixando a vida mais leve. (Marina, 25 anos, estudante de enfermagem)

Tomados em conjunto, os depoimentos de Fabio, Eduardo e Marina nos mostram que o humor carrega também uma dimensão “séria”. Podemos entender, então, que ao abordar questões delicadas ou problemáticas de maneira cômica, o humor não se restringe a ser apenas uma ferramenta de esquecimento ou fuga da realidade. Pelo contrário, as produções de conteúdo humorístico podem ser também uma via eficaz de quebrar a resistência à crítica (dando leveza a um assunto sério que deve ser cobrado pela sociedade, como sustentou Fabio) e ainda abrir caminho para encontrar soluções (fictícias ou concretas, como mencionado por Marina) para esses assuntos sérios. Nesse sentido, a crítica se articula com a próxima função descrita: a leveza.

5.10.4. Leveza

A leveza está intimamente associada às funções de válvula de escape e de instrumento de crítica desempenhadas pelo humor. O caráter leve do humor já pôde ser observado nos discursos de Fabio e Marina, citados acima. Mas eles não

foram os únicos a apontar esse elemento como uma de suas funções. Outros depoimentos também reforçam a ideia de que o humor pode ser visto como uma forma de alívio, um recurso para tirar o peso de certas situações problemáticas. Vejamos um deles:

(...) acho que o humor é o que dá leveza à vida
no final do vídeo do meu pai caindo²⁴, ele encosta na árvore
e dá uma gargalhada mais alta que a de todo mundo ao redor
o humor pode fazer momentos terminarem sempre positivos (Davi, 28 anos,
engenheiro de software)

Nesse caso, Davi nos apresenta um exemplo para mostrar que o humor ajuda a dar leveza a situações adversas. Somando isso ao que foi dito antes sobre a busca de soluções, parece claro que, algumas vezes, graças à leveza, o humor pode servir não apenas para apontar uma solução, mas sê-la ele mesmo.

5.10.5. Perspectiva

Além de servir como satisfação de uma necessidade vital, válvula de escape, instrumento de crítica e de leveza, segundo os participantes, o humor também ajuda a encarar a realidade sob uma perspectiva diferente. Para ilustrar essa função, vejamos o que nos diz Alice (grifos meus):

todo humor é funcional (...)
recorrer ao humor deixa você mais leve, *põe as coisas em perspectiva*
é mais fácil ã me importar em estar atrasada quando eu olho pro meu cachorro
dormindo com a língua pra fora
- acontece com certa frequência (Alice, 24 anos, fotógrafa)

É interessante notar que a função de perspectiva, assim como a de crítica, aproximam o humor do pensamento, colocando-o como uma forma de enfrentar a realidade, e não de alienar-se dela. Em um depoimento que parece complementar o de Alice, Leo reitera essa aproximação entre o humor e o pensamento:

acho que o humor é fazer você se desprender
rir de coisas boas, ruins, não deixando seu discernimento de lado

²⁴ Durante a entrevista, ao ser perguntado se publicava algum tipo de conteúdo humorístico on-line, Davi me enviou um link para um vídeo, postado por ele mesmo no YouTube, em que durante uma caminhada pelo que parece ser uma floresta, um homem (seu pai) escorrega em uma pequena ponte feita de paus. É a esse vídeo que Davi está se referindo.

sua essência boa
 acho que humor tem que fazer parte da programação de todo mundo, do
 cronograma de todo mundo
 rir é bom, pensar rindo é muito melhor!
 (: (Leo, 21 anos, radialista)

Parece claro, então, que ao contrário do caráter alienatório que o senso comum frequentemente associa ao humor, para os entrevistados, ele se mostra mais como um recurso de pensamento, de organização das ideias e dos pontos de vista. Os discursos sugerem que ao rir de determinada situação, conseguimos olhá-la de outro ângulo, o que pode possibilitar uma elaboração consciente e racional daquela situação. É por essa razão que o humor cumpre também uma função de perspectiva.

5.10.6. Sociabilidade

Finalmente, a sexta função desempenhada pelo humor é a de sociabilidade. Já vimos um dos entrevistados (Fabio, citado no tópico “Válvula de escape”) comentar que descontraír com bobearas também é ótimo para a vida social. Com base nesse e em outros discursos análogos, ficou claro que o humor tem uma importante participação nas relações sociais. A maioria dos participantes demonstrou o desejo ou o interesse de compartilhar com pessoas próximas aquilo que lhes faz rir. Nesse sentido, o depoimento de Jonas é bastante ilustrativo:

O humor pra mim é uma especie de facilitador. Ele ajuda a pensar e refletir como também ajuda a simplesmente a melhorar um pouco o momento de alguém. Ele deveria ser aproveitado em tudo o que pode ser usado de bom. Sou feliz em usar o humor como eu uso e se puder passar isso adiante já é muito bom. (Jonas, 24 anos, estudante de psicologia)

Neste ponto, é interessante observar que, embora todas as funções sejam desempenhadas tanto pelo humor convencional (fora da Internet) como por aquele que está on-line, a sociabilidade talvez seja a função mais beneficiada ou mais alavancada através da web. Isso porque, além de propiciar o surgimento de um humor com características próprias (já descritas anteriormente), a rede também possibilita que o humor seja transmitido rapidamente de pessoa para pessoa. Basta lembrar que todos os entrevistados relataram ter o hábito de compartilhar conteúdo humorístico com seus contatos on-line (ver item 5.7).

Articulando tudo o que já foi descrito anteriormente com a presente categoria, fica claro que, na Internet, as funções do humor (especialmente a sociabilidade) ganham uma nova dinâmica que permite que essas funções se realizem atingindo maiores proporções.

5.11. Síntese

Neste capítulo, apresentei os resultados da pesquisa realizada, organizados na forma de categorias discursivas. Inicialmente, vimos as definições de humor apresentadas pelos entrevistados, bem como as fontes desse humor. Em seguida, descrevi o uso geral que esses jovens fazem da rede, destacando a importância que o Facebook tem conquistado entre eles. Além disso, mostrei quais são suas principais fontes de humor on-line e os modos (ativo e passivo) como esse humor é consumido. Vimos ainda que o compartilhamento de conteúdo humorístico na Internet faz parte da rotina dos entrevistados. Finalmente, descrevi algumas das especificidades do humor on-line (facilidade de acesso, rapidez, construção democrática, flexibilidade e inovação, liberdade de expressão, diversificação e dedicação, público-alvo, interatividade e superação de fronteiras) e as funções desempenhadas pelo humor de maneira geral (satisfação de necessidade, válvula de escape, crítica, leveza, perspectiva e sociabilidade).

No capítulo que se segue, procuro finalizar o trabalho relacionando alguns desses achados aos aspectos mais teóricos apresentados nos capítulos iniciais.

6

Considerações finais: algumas costuras

A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento

Lenine

Nos dois últimos capítulos, apresentei a metodologia utilizada e os resultados encontrados na pesquisa. Como já havia mencionado, o MEDS não se propõe a ser um instrumento para verificar hipóteses, buscando, antes, interpretar os dados revelados pelos discursos dos participantes a fim de chegar a uma compreensão parcial do fenômeno estudado. Tendo completado essa tarefa no capítulo anterior, cabe agora fazer algumas considerações relacionando os achados da pesquisa com a base teórica dos capítulos iniciais. Não se trata, evidentemente, de fazer uma confrontação ponto a ponto entre as propostas teóricas e os resultados da pesquisa. Meu intuito, neste capítulo, é apenas tecer, como sugere o título, algumas costuras entre os achados da literatura e os dados obtidos na pesquisa. Ao final, procuro fazer um último arremate como tentativa de conclusão.

6.1.

A Internet e a dimensão social do humor

No capítulo 2, vimos que três diferentes abordagens teóricas sobre o humor (de Freud, Bergson e Raskin) apontam para um componente social em sua construção. Partindo desse elemento, agora, em face dos resultados da pesquisa, podemos observar como tal componente aparece na Internet.

Em primeiro lugar, fica claro que a dimensão social do humor na Internet se manifesta na cultura de compartilhamento que impera na rede. Como vimos no capítulo anterior, todos os entrevistados têm o hábito de difundir conteúdos engraçados para seus contatos on-line. Embora o impulso de compartilhamento faça parte do humor muito antes da Internet (como salientado por Freud), através da rede, esse impulso ganha novas proporções que dão ao humor um novo ritmo – o que foi apontado pelos participantes como uma das características do humor na Internet (sua rapidez).

Um segundo ponto a ser observado é o cumprimento da sugestão de Bergson (1900/1983). Para este autor, o riso só pode ser explorado em seu ambiente natural, a sociedade. Uma vez que este ambiente passou a abranger também o universo da Internet, esta passou a ser um importante campo para a exploração do humor. Nesse sentido, então, o presente estudo, de certa forma, acatou a recomendação de Bergson. E os resultados se mostraram proveitosos, o que reforça a ideia de que a compreensão do fenômeno humorístico no cenário contemporâneo requer a exploração desse fenômeno na Internet.

Outro ponto interessante é a aproximação entre a descrição que Durkheim (1894/1987) faz de fato social e a observação de alguns entrevistados quanto ao caráter involuntário do acesso ao humor na Internet. Como visto no segundo capítulo, Durkheim considera duas características fundamentais para que qualquer fenômeno possa ser considerado um fato social. Uma delas é que tal fenômeno deve exercer um poder impositivo ou coercitivo sobre os membros de um grupo social. É interessante notar como essa característica apareceu no relato dos entrevistados, que apontaram para o humor na Internet como algo que, muitas vezes, são levados a acessar ou consumir de maneira involuntária. Isso nos conduz a um esclarecimento da ideia de que o humor pode (e deve) ser abordado como um fato social. No início da dissertação, essa ideia foi articulada apenas em termos conceituais, mas, agora, parece claro que ela também se sustenta a partir dos depoimentos obtidos na pesquisa.

Ainda acerca da dimensão social do humor na Internet, um quarto aspecto que merece ser ressaltado é a especificidade desse humor. No capítulo em que

apresentei os resultados, descrevi como uma das características apresentadas pelos entrevistados a diversidade e a dedicação do humor na Internet. Como vimos no item 5.9.6, a imensa variedade de conteúdos humorísticos disponíveis na rede transmite aos internautas a sensação de que existe humor dedicado a todos os gostos e compatível com os mais diversos conhecimentos e experiências. A contrapartida disso é que muitas piadas se tornam incompreensíveis para quem não tem familiaridade com o assunto do qual elas tratam.

É interessante notar que essa característica se coaduna com a observação feita por Raskin (1985). Para este autor, frequentemente, o humor só pode ser captado e usufruído por indivíduos que tiveram acesso ao mesmo acervo de conhecimentos, informações, saberes, histórias, etc. Em outras palavras, é preciso que haja um referencial cultural compartilhado. Isso nos ajuda a entender por que o humor na Internet tem, pelos discursos coletados, um público-alvo específico. Além disso, fica claro também que essa característica apontada por Raskin se mantém viva e válida mesmo na Internet, embora os entrevistados também tenham mencionado a existência de um humor mais genérico (compreensível por uma população mais ampla) na rede.

6.2. Ritmo pós-moderno

No capítulo 3, vimos a descrição que diversos autores (Bauman, Sennett, Harvey e Jameson) fazem do cenário contemporâneo. Nessa descrição, ficou claro que uma das características marcantes do mundo em que vivemos é uma nova dinâmica, um novo tipo de relação com o tempo. A velocidade em que os acontecimentos se sucedem e com que surgem novidades são marcas distintivas do nosso tempo, a tal ponto que alguns autores chegam a chamá-lo de ‘fim da história’ (como vimos Bauman mencionar²⁵).

Nos resultados da pesquisa, foi possível observar que esse ritmo acelerado de acontecimentos se reflete também no humor que é produzido e consumido na

²⁵ Ver item 3.1 desta dissertação.

Internet. Muitos entrevistados caracterizaram esse humor por sua rapidez – o que inclui a produção (em resposta aos acontecimentos do cotidiano), a duração (as produções são geralmente curtas) e a difusão (o humor se espalha rapidamente pela rede). Ainda a esse respeito, é interessante lembrar a fala de um entrevistado sobre a validade do humor na Internet (ele costuma compartilhar se ainda estiver na data de validade). Segundo ele, “há coisas que serão engraçadas para sempre, há outras que apenas o furor do momento traz o ar cômico” (ver item 5.7.1). Esse depoimento indica o aspecto efêmero dos acontecimentos na pós-modernidade, tal como observado no capítulo 3.

Articulando ainda a característica da rapidez do humor on-line com o retrato do cenário contemporâneo tal como pintado pelos autores vistos no capítulo 3, parece haver uma aproximação entre suas ideias e o humor na Internet. Nesse sentido, fica reforçada a ideia discutida no início da dissertação de que o humor estabelece relações, como pontes (engenhosas), com a chamada realidade principal, uma vez que o mesmo ritmo de funcionamento da sociedade pós-moderna é visto também no humor que ela produz. Não se trata, então, de algo isolado, desconectado, independente da realidade, mas, como vimos, trata-se de uma forma diferente de encará-la e de se relacionar com ela.

6.3. Humor e realidade

Ainda no tocante às relações entre o humor e a realidade, um aspecto que merece ser destacado é o modo como os entrevistados abordaram essas relações. Mesmo que a palavra realidade não tenha sido mencionada nas perguntas, ela apareceu nos discursos dos entrevistados, especialmente ao falarem da importância do humor (ou, como vimos, de suas funções).

Três das funções atribuídas pelos entrevistados ao humor estão, de algum modo, associadas à realidade cotidiana (aquela que Berger & Luckmann chamam de realidade por excelência ou realidade predominante). A função de válvula de escape, segundo os participantes, lhes permite desligar-se temporariamente dos assuntos mais pesados e problemáticos do dia a dia. A função de crítica, por sua

vez, faz do humor um importante instrumento tanto de enfrentamento da realidade quanto da busca de solução para os problemas dessa realidade. E, por fim, o humor também serve para colocar a própria realidade em perspectiva, permitindo que ela seja vista sob diferentes ângulos.

Outra interessante ponte que aproxima o humor na Internet e a realidade pode ser notada no modo como ambos são construídos: socialmente. Como vimos no capítulo 2, tanto o humor como a realidade são construções marcadas por seu caráter intersubjetivo, isto é, só existem na medida em que são compartilhados. Na Internet, esse caráter intersubjetivo aparece de forma bem evidente, quase didática. Em primeiro lugar porque, nela, a notoriedade do fenômeno humorístico se deve justamente à cultura de compartilhamento. Como vimos, todos os entrevistados têm o hábito de compartilhar com seus contatos conteúdos engraçados – sejam produções próprias, sejam de autoria alheia.

Além disso, como vimos, o humor na Internet é percebido por seus próprios consumidores como uma construção democrática (item 5.9.3). Em outras palavras, trata-se de algo que qualquer internauta tem a possibilidade de fazer e tornar público. Assim, o caráter de construção social do humor parece ficar ainda mais evidente on-line. A relação entre o humor e a realidade, então, se mantém viva e aparece de forma ainda mais emblemática na Internet, graças às suas peculiaridades.

6.4. Lipovetsky, Minois e as funções do humor

No capítulo 3, vimos que Lipovetsky (1989/2005) descreve a nossa sociedade como humorística. Para ele, a marca do nosso tempo é um apelo incessante e universal ao riso, de tal modo que o humor parece ser onipresente. Essa onipresença, no entanto, não parece ter, para Lipovetsky um caráter positivo. O imperativo social generalizado ao riso corresponde, nas suas palavras, a “um meio ambiente permanente que o indivíduo sofre até na sua existência cotidiana” (LIPOVETSKY, 1989/2005, p. 127). O emprego do verbo sofrer deixa bem claro o tipo de avaliação que o autor faz do humor contemporâneo.

Partindo das ideias de Lipovetsky, Minois (2003) afirma que tem se tornado cada vez mais comum a queixa de que “não se sabe rir”. Comentando essa queixa, ele argumenta que o humor onipresente em nossa sociedade não produz nada mais que um riso vazio, “é só fogo de palha generalizado, numa sociedade de consenso fraco” (MINOIS, 2003, p. 620). Por essa razão, Minois considera o riso contemporâneo como uma espécie de defesa do corpo social diante das ameaças potenciais da cultura.

Nos resultados da pesquisa, vimos que os participantes apontaram pelo menos seis funções desempenhadas pelo humor. De fato, as funções de satisfação de necessidade e de válvula de escape parecem ilustrar o ponto de vista defendido por Lipovetsky e sustentado por Minois. No entanto, os entrevistados também acrescentaram outras funções que parecem se contrapor à argumentação dos autores. Além de satisfazer uma necessidade (seja ela biológica ou social) e de servir como um escape da realidade, o humor também é utilizado para criticar os problemas sociais, para propor soluções para eles e para enxergar situações adversas sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, o humor talvez desperte muito mais do que um riso vazio, já que as funções de crítica e de perspectiva foram frequentemente associadas à razão, ao pensamento, conferindo ao humor um caráter mais consistente do que Lipovetsky e Minois nos fazem crer. O humor on-line contribui, então, para o novo tipo de pensamento que a Internet vem construindo, tal como descrito por Nicolaci-da-Costa (2006)²⁶. Como visto anteriormente, uma das marcas desse novo pensamento é justamente seu caráter relativista.

Além disso, os discursos dos entrevistados também revelam que esse humor não parece ser vivenciado como um meio ambiente que os internautas sofrem até na sua existência cotidiana. Embora, na Internet, o humor também se mostre onipresente, diluído em todos os espaços (mesmo aqueles não destinados especificamente a ele), o discurso dos entrevistados parece colocá-lo muito mais como algo que eles usufruam ou utilizem para algum fim – como socializar com os amigos ou colocar as coisas em perspectiva – e esse uso, com frequência, é

²⁶ Ver item 3.3 desta dissertação.

intencional. Mais uma vez, então, os depoimentos analisados parecem servir de contraponto às ideias sustentadas por Lipovetsky e Minois. De certo modo, esses relatos servem para ampliar o conjunto das funções desempenhadas pelo humor.

6.5. Arremate

Tendo apresentado uma breve revisão teórica sobre o humor e sobre o cenário atual, tendo apresentado também a metodologia utilizada nesta pesquisa e os resultados encontrados, e tendo, finalmente, tecido algumas costuras entre a parte teórica e a parte empírica desta dissertação, é chegada a hora de fazer o último arremate. Devo advertir, no entanto, que esta última seção do trabalho não deve ser encarada como um ponto final sobre tudo o que foi apresentado e discutido até aqui. Talvez seja mais adequado enxergá-la como reticências. Explico por quê.

Assim como as reticências são formadas por três pontos, pontuo aqui três ideias que nos ajudam a entender o caráter reticente do desfecho deste trabalho. Em primeiro lugar, a fim de esboçar uma conclusão, retomo um pensamento mencionado na introdução da dissertação. Ali, nas primeiras páginas, recorri a uma citação de Gonçalves (2006) para explicar o propósito deste trabalho. Reproduzo aqui, novamente, aquelas palavras:

Se esse uso de raciocínios epocalistas foi interessante num determinado momento do final do século passado, nos parece que é chegado o tempo de se passar a um tipo de análise mais atento aos detalhes e às especificidades. Talvez estejamos excessivamente saturados de generalidades e seja importante descer ao que essas grandes interpretações gerais não conseguem apreender. As épocas são complexas e agora cabe investir na compreensão dessa complexidade. (GONÇALVES, 2006; p. 236)

Partindo dessa citação, expliquei que não tinha a pretensão de formular uma teoria generalista que abrangesse os muitos aspectos da complexa realidade contemporânea. Antes, tinha como objetivo recortar apenas um elemento desse cenário abrangente para tentar apreender, como propôs Gonçalves, aquilo de que as grandes interpretações gerais não dão conta. Tentei descer a um nível de análise

“mais atento aos detalhes e especificidades” relacionados ao humor. Creio que este trabalho tenha logrado êxito nesse sentido.

A segunda ideia corresponde a uma tentativa de síntese. Embora os achados da pesquisa tenham sido bastante ricos e, por essa razão, possam ser desdobrados em muitas discussões e observações interessantes, gostaria de destacar apenas uma mudança ocorrida no meu modo de tratar o tema do trabalho. Embora sutil, considero que esta seja uma mudança significativa e que sirva para ilustrar a contribuição deste trabalho. Iniciei o percurso desta dissertação curioso sobre o modo como o fenômeno do humor se manifesta na Internet. Entretanto, diante de tudo o que foi trazido à tona pela pesquisa, especialmente no que diz respeito às características do fenômeno (ver seção 5.9), entendo que devemos encará-lo não apenas como o fenômeno do humor *na* Internet, e sim como o humor *da* Internet. Apesar de haver várias aproximações entre esse humor e as ideias dos autores clássicos sobre o fenômeno humorístico, a Internet imprimiu-lhe uma nova dinâmica e conferiu-lhe novos traços, dando a ele uma nova cara.

E, por fim, a terceira ideia diz respeito à validade dos resultados da pesquisa realizada. Tal como a maioria dos métodos qualitativos, o MEDS serve à tarefa de oferecer interpretações parciais sobre os fenômenos humanos e sociais. Essas interpretações são sempre relacionadas a contextos sociais e históricos específicos. Assim, o conceito de validade não tem o mesmo sentido que lhe é geralmente atribuído em pesquisas quantitativas. No MEDS, como já foi explicado por Nicolaci-da-Costa (2007), a validade dos resultados está associada à sinceridade e à espontaneidade dos depoimentos coletados. Além disso, a recorrência das respostas dos diferentes participantes também confere credibilidade aos resultados. E, por último, os achados obtidos pelo MEDS ganham credibilidade pela identificação do leitor com os resultados apresentados. O leitor, portanto, é um importante agente de validação dos resultados do presente trabalho.

Considerando, enfim, o caráter parcial das interpretações a que pude chegar com este trabalho, fica claro que novas pesquisas sobre o tema do humor na Internet e também sobre outros aspectos relacionados ao cenário contemporâneo

serão sempre bem-vindas e proveitosas no sentido de ampliar a nossa compreensão acerca do mundo em que vivemos. Encerro este trabalho, então, conforme explicado, com reticências.

(...)

7

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível: na história do pensamento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ASSIS, Machado de. (1881) **Memórias póstumas de Brás Cubas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BARRETO, T. V. Positivismo, Positivismos: da tradição francesa ao positivismo instrumental. **Estudos de Sociologia**, v.4 n. 2. Recife: Ed. Universitária, 1998, pp 7-31. (Disponível em: <http://quecazzo.blogspot.com.br/2011/09/positivismo-positivismos-da-tradicao.html> acesso em maio de 2012)

BAUMAN, Z. **O Mal-estar da Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERGER, P. e LUCKMANN, T. (1966) **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGSON, H. (1900) **O riso: ensaio sobre a significação do cômico.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

CAPELO, R. Spoleto inova e transforma piada em viral. **Época Negócios** (Online), 29 de agosto de 2012. (Disponível em <http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/coffeebreak/2012/08/29/spoleto-contraria-a-logica-e-transforma-critica-em-viral/>, acesso em setembro de 2012)

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz & Terra, 2000.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. Em Dênis de Moraes (Org.), **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2003. (p. 255-287)

DAWKINS, Richard. **O Gene egoísta.** Belo Horizonte: Itatiaia, 2001. (Coleção O Homem e a Ciência, v. 7).

DURKHEIM, É. (1894) **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1987.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ESTADÃO.COM.BR. Wanessa Camargo quebra o silêncio e fala sobre Rafinha Bastos, 21 de outubro de 2011. (Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,wanessa-camargo-quebra-o-silencio-e-fala-sobre-rafinha-bastos,788719,0.htm>)

FERREIRA, Maíra Porto. **O humor na tradução para legendagem: o caso de Woody Allen em Desconstruindo Harry**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. IV, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1905) Os chistes e sua relação com o inconsciente. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. VIII, Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Texto originalmente publicado em 1905).

_____. (1928) O humor. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GONÇALVES, M. Nós e a Internet. Em: NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (org.) **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HAMLIN, Cíntia. Por uma epistemologia do humor. **Blog Que Cazzo**. 10 nov. 2007. (Disponível em: <http://quecazzo.blogspot.com.br/2007/11/por-uma-epistemologia-do-humor.html> acesso em maio de 2012.)

HANCOCK, J. T. LOL: Humor Online. **Intersections**, Sep-Oct, 2004. (Disponível em: <http://www.deepdyve.com/lp/association-for-computing-machinery/lol-humor-online-YLCOP50WjA> acesso em janeiro de 2013.)

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.

JABLONSKI, B. e RANGÉ, B. O humor é só-riso? Algumas considerações sobre os estudos em humor. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 36, n. 3, p. 133-140, 1984. (Disponível em <http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/humor.pdf> acesso em maio de 2012.)

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Ática, 1991.

KUPERMANN, D. **Ousar rir: humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LAINESTE, Liisi. Researching Humor on the Internet. **Folklore: Electronic Journal of Folklore** (Folklore: Electronic Journal of Folklore), Ed.: 25 / 2003, pp. 93-97. (Disponível em www.ceeol.com. Acesso em janeiro de 2013.)

LEITÃO, C. ; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A psicologia no novo contexto mundial. **Estudos de Psicologia: Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2003.

LEITÃO, C. **Os Impactos Subjetivos da Internet: Reflexões Teóricas e Clínicas**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LEVIN, T. Spoleto tira proveito de viral irônico. **Meio&Mensagem** (On-line), 30 de agosto de 2012. (Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/noticias/2012/08/30/Spoleto-tira-proveito-de-viral-ironico.html#.URfAMR1FIHV>, acesso em setembro de 2012.)

LINS, Maria da Penha P. **A construção do humor em tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. PUC-Rio, 1997.

LIPOVETSKY. G. (1989) **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Editora: Manoele, 2005.

LUCCIO, Flavia Di. **As múltiplas faces dos blogs: um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MARTINHO, S. G. Humor e política na dinâmica das NTICs. Em: III Encontro de COMPOLÍTICA, 2009, São Paulo. **Anais...** (Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/silvana_martinho_humor_politica1.pdf acesso em junho de 2011.)

MATOS-SILVA, Mariana Santiago. **“Teclando” com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MEME (INTERNET). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Meme_\(Internet\)&oldid=33871531](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Meme_(Internet)&oldid=33871531)>. Acesso em: 9 jan. 2013.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

NANBU, G. Fábio Porchat, do Porta dos Fundos: 'O humor na internet possui a liberdade que a TV nunca terá'. **Vírgula – Seu Portal Jovem**, 13 de dezembro de 2012. (Disponível em: <http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/diversao/2012/12/13/315308-fabio-porchat-do-porta-dos-fundos-o-humor-na-internet-possui-a-liberdade-que-a-tv-nunca-tera#0>, acesso em janeiro de 2013.)

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, 2002a.

_____. Internet: a negatividade do discurso da mídia *versus* a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? **Estudos de Psicologia** (UFRN), ano 7, nº 1, 2002b, pp. 25-35.

_____. . A dupla face do contraponto com a modernidade na análise da pós-modernidade. **Contrapontos**, v. 3, n. 2, pp. 197-207, 2003.

_____. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, pp. 82-93, 2004.

_____. Internet: uma nova plataforma de vida. Em: NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (org.) **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. (Org.) **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia. Reflexão e Crítica**, v. 20(1), p. 65-73, 2007.

_____. Quando o velho esconde o novo: antigas palavras, novos significados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 1, pp. 109-117, 2009.

_____. Tudo ao mesmo tempo: realidade ou ilusão? **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, vol.31, n. 3, pp. 602-615, 2011.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. ; ROMÃO-DIAS, Daniela ; LUCCIO, Flavia Di. O Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia. Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 36-43, 2009.

PRANGE, A. P. L. **Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si.** 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

R7. Porta dos Fundos faz história e ganha tradicional prêmio de melhores de 2012, 11 dez. 2012. (Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/porta-dos-fundos-faz-historia-e-ganha-tradicional-premio-de-melhores-de-2012-20121211.html> Acesso em janeiro de 2013.)

RAMALHO, E. F. **Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos.** 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

RASKIN, V. **Semantic Mechanisms of Humor.** Dordrecht, Holanda: Reidel Publishing Company, 1985.

RECUERO, R. C. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, julho/dezembro 2006.

ROMÃO-DIAS, D. **Nossa plural realidade: um estudo sobre a subjetividade na era da Internet.** 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

_____. **Brincando de ser na realidade virtual: uma visão positiva da subjetividade contemporânea.** 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O brincar e a realidade virtual. **Cadernos de Psicanálise** (Círculo Psicanalítico/RJ), v. 34, p. 85-101, 2012.

SAUSSURE, F.(1916) **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 2004.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

STALLONE, L. R. **O humor conversacional entre amigos: uma abordagem interacional.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. PUC-Rio, 2009.

ZAREMBA, R. **Escrevendo (ou seria 'teclando') o homem do século XXI.** 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.